

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

GABRIEL NICOLODELLI DA SILVA

**AS ATIVIDADES CIRCENSES ENQUANTO CONTEÚDO PEDAGÓGICO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.**

**FLORIANÓPOLIS
2017**

GABRIEL NICOLODELLI DA SILVA

**AS ATIVIDADES CIRCENSES ENQUANTO CONTEÚDO PEDAGÓGICO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina DEF5874 - Seminário de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina

Orientador: Fábio Machado Pinto.

**FLORIANÓPOLIS
2017**

GABRIEL NICOLODELLI DA SILVA

**AS ATIVIDADES CIRCENSES ENQUANTO CONTEÚDO PEDAGÓGICO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.**

Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em Educação Física, Licenciatura, CDS/UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Florianópolis, 29 de novembro de 2017.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Fábio Machado Pinto
Universidade Federal de Santa Catarina (SIAPE - 2207418)
Departamento de Metodologia de Ensino (CED)
Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE)
Fone: 9108-0461, 3721-4567.

Membro Prof^a Ms^a. Cristiane Ker de Melo
CDS/UFSC

Membro Ms. José Rodrigo Piriz Correa
PPGE/CED/UFSC

Membro Suplente Prof. Dr. Francisco Emílio de Medeiros
CDS/UFSC

Dedico este trabalho a todos os trabalhadores, os quais através da transformação da natureza em trabalho produzem todas as riquezas da sociedade, conseqüentemente esta Universidade em que tive o privilégio de estudar. TRABALHADORES DE TODO O MUNDO, UNÍ-VOS!

AGRADECIMENTOS

Que momento! Pra quem me conheceu durante essa trajetória de graduando da UFSC, nunca imaginou que esse dia chegaria. Afinal, foram 13 semestres, 6 anos e meio e 51 disciplinas. Porém isso tudo se deu em virtude da escolha de militar no movimento estudantil, tendo a felicidade de ter participado de diversos espaços de formação e lutas dentro e fora da universidade, sendo o local em que mais aprendi sobre ser um humano construtor da história humana e também influenciado por ela, e também a ser professor, pois o movimento de conscientização se assemelha muito ao processo de ensino aprendizagem.

Tendo em vista essa longa trajetória, fica difícil não se esquecer de alguém, mas vamos lá!

Não dá pra iniciar de outro jeito que não agradecendo aos meus pais, avós e familiares pelo apoio a minha vinda para Florianópolis e a iniciar meus estudos na UFSC; foram fundamentais em todo incentivo, e também principalmente na minha permanência na universidade.

Às pessoas que compuseram a gestão Em construção do CAEF-UFSC e demais pessoas que colaboraram em sua construção, pois tiveram fundamental importância em me apresentar outro modo de enxergar o mundo: Valentim, Kauan, Luiza Liz, Luiza Aguiar, Mariama, Andrézão, Felipe PipoPessoa, Paty, Dudu Geremias, Renata e Mariojane, vulgo Mariano.

A toda a turma 11.2 da Licenciatura, nossas relações nunca foram fáceis, porém sempre marcadas pelos contrapontos que as vezes acaba em briga, mas que acabou sendo muito importante para testar nossas certezas.

Também a toda a galera do CDS, pelo tênis de mesa, futmesa, vôlei e demais práticas corporais compartilhadas.

À oportunidade de estágio com tênis no clube ELASE, e especialmente ao Professor Flavio da Rosa Junior, que apesar de algumas divergências, foi com quem aprendi muito sobre o tênis.

Ao Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC, e especialmente ao meu grande amigo GIBA, que a anos desenvolve um trabalho muito importante com as crianças do núcleo e também teve papel fundamental na minha formação.

À oportunidade de ter dado aulas de vôlei para idosos do Núcleo de Estudos da Terceira Idade.

Ao projeto de extensão da UFSC de tênis para a comunidade, e especialmente ao Carlos e ao Caio pela parceria ao longo das aulas, aos conhecimentos proporcionados e as risadas geradas das conversas, e a todos os alunos do projeto.

Agradecer IMENSAMENTE ao PIBID de EF da UFSC, à escola Beatriz de Souza Brito seus funcionários e alunos, e principalmente o professor, coordenador do subprojeto, e também orientador Fábio Machado Pinto e a todos os professores supervisores e bolsistas, que sem dúvida constituíram um dos principais espaços de formação para minha atuação docente e humana.

Agradecer MTMTMTMT às gestões do Centro Acadêmico de Educação Física da UFSC 2013/2014, 2014/2015 2015/2016, 2016/2017 e 2017/2018, mantendo o CAEF sempre em luta em prol dos estudantes e dos trabalhadores em geral. Pra galera que fica, uma enorme sorte e disposição pra luta: Carol, Duda, Kevin, Pedro, Micael, Gabi Peres, Ju crazy, Diego, Bruna, Leo, Guilherme, Sanchez, Dina, e demais pessoas que estão se aproximando.

À Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física, pelo sua combatividade e grande contribuição na luta dos e das trabalhadoras e dos e das estudantes.

Conseqüentemente, a todo o Movimento Estudantil de Educação Física, talvez principal espaço de formação da minha vida. Movimento esse que se mantém firme na luta contra os ataques à classe trabalhadora de quaisquer governos e do sistema cref/confef. FORA CREF/CONFEEF. VIVA O MEEF!

Por fim, surge um momento de agradecer as pessoas mais essenciais na minha vida florianopolitana, não sei o que seria de mim sem vocês, além dos meus pais claro, agradecidos no início.

Cézar Baiano, Luis, Bampi, Big, Bernando, e demais galera dos tempos de bosque e concha.

Thomé meu grande brother de rock, um baita artista e uma figura marcante.

Às pessoas que moraram comigo, em especial minha irmã Rafaelli, Ian cachorro loko, Rodri, Gustavo e Luan, vocês foram fundamentais pra mim.

Ao coletivo Nice Dreams, composto por Alexandre psicopata, Dudu Geremias, e Mariojane, reunindo cabeças pensantes para desenvolvimento de projetos diversos, desde comidas, camisetas, produtos de procedência duvidosa, etc.

Ina, Rosa, Kauê, Camila, Ju e Fran por todas as lutas, bebedeiras e amizades compartilhadas, não tem nem como descrever o que foi todo esse período juntos, foi muito FODA!

Agradecer imensamente a colaboração das duas gatas da minha vida: a prin, minha gata, que forneceu muito carinho, e também a minha maravilhosa linda gata inteligente NINA, que acabou sendo minha coorientadora, além de me dar muito incentivo, apoio, amor e carinho durante este processo, EU TE AMO MUITO!

O que é ser professor?

Ser professor é mais do que um trabalho assalariado, pois sabemos que os trabalhadores e trabalhadoras não são valorizados, e sim sempre explorados, em favor do lucro de alguns poucos safados, por demais abastados, que mantêm os meios de produção na palma de sua mão.

Ser professor é ir além da lógica de se trabalhar no local indicado, pelo fato de que não se trabalha com ensino só com horário marcado, e sim a todos os momentos, seja na sala da escola ou em casa no planejamento. E ainda, sabemos que sempre se ensina no dia-a-dia da conversa amiga, seja em casa ou no bar da esquina, pois é ali que encontramos questões reais que provam o que falamos e debatemos na escola a poucas horas atrás.

Ser professor é enfrentar uma enorme precarização, muito por causa da falta de razão desse governo que só tem ladrão, e que não aceita destinar 10% do PIB pra Educação Pública. Já, enquanto paradoxalmente prega por maior aumento na taxa de escolarização de nossa pobre população.

Ser professor é ter noção de que com cada nova mediação, um novo mundo pode criar, mas que um grupo enorme de possíveis estudantes desta construção chance nenhuma teve de participar, muito pela forma que esse sistema se utiliza para se perpetuar.

Ser professor é um novo modelo de sociedade almejar criar, aonde todos possam realmente estudar, sem que pra isso a nenhuma exigência do Capital tenha de se sujeitar.

Ser professor é lutar por uma melhora real na vida, pois investir apenas na educação não é saída, ninguém vai pra escola se em sua casa todo dia falta um prato de comida. Os estudantes fora das escolas sempre haverão de estar, se para sua família alimentar desde cedo tem de sair para trabalhar. E, claro, não podemos relevar, as horas nas filas de hospitais públicos que eles hão de gastar, apenas como desculpa para aqueles safados utilizar e estas entidades poder privatizar.

Ser professor é saber que a luta é diária, assim como que a responsabilidade de muito do que na sala acontece, não cabe aos alunos e sim a tudo que lhes carece, pois tem de viver em um modelo de sociedade que ninguém merece.

Ser professor é, finalmente, sempre lembrar que sozinho não se vai a nenhum lugar, que sem o outro nada há de mudar, logo enquanto e ao lado dos demais trabalhadores sempre tem de se posicionar para essa sociedade capitalista conseguir derrubar.

RESUMO

Pretende-se pesquisar a abordagem das Atividades Circenses no âmbito da Educação Física escolar, analisando metodologicamente sua aplicação. Para isso, partimos de uma compreensão do trajeto histórico de nossa disciplina escolar, com suas diferentes formas de identificar nossa área e o conhecimento a ser oferecido, da relação entre as atividades circenses e a Educação Física, no sentido de sua marginalização dentro da disciplina até os registros de início de sua abordagem, e algumas contribuições de experiências do “chão” da escola. Também realizou-se uma intervenção com o conteúdo das Atividades Circenses com uma turma dos anos iniciais de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, com os temas da palhaçaria e do malabarismo. A partir desta intervenção, surgiram algumas metodologias que se destacaram ao longo das aulas, como a importância da historicização dos conteúdos, a construção de brinquedos nas aulas, os espaços físicos utilizados nas aulas e a avaliação processual.

Palavras-chave: Atividades Circenses. Educação Física. Metodologia de ensino.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Classificação das modalidades circenses de acordo com o tamanho do material.....	26
Quadro 2- Classificação das modalidades circenses de acordo com a ação motora envolvida.....	26
Quadro 3- Quadro 3 - Nota do IDEB.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Problema.....	14
1.2 Objetivos	14
1.2.1 Objetivo geral:.....	14
1.2.2 Objetivos específicos.....	14
1.3 Metodologia.....	14
2. EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRE A RECONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO.....	15
3. ATIVIDADES CIRCENSES E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	24
4. ANÁLISE E COMPREENSÃO DO ENSINO DAS ATIVIDADES CIRCENSES EM UMA TURMA DOS ANOS INICIAIS.....	29
4.1 De onde parte a intervenção.....	29
4.2 A escola.....	31
4.3 O primeiro contato com turma.....	33
4.4 A turma circense.....	34
4.5 A experiência das Atividades Circenses em uma turma do terceiro ano.....	36
5. REFLEXÃO ACERCA DAS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	43
5.1 Historicização dos conteúdos.....	43
5.2 Construção de brinquedos.....	45
5.3 Espaços pedagógicos.....	49
5.4 Avaliação Processual.....	51
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
7. REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
ANEXOS.....	62

1. INTRODUÇÃO

Estudar as atividades circenses enquanto um conteúdo pedagógico da Educação Física escolar foi uma satisfação enorme, pois durante minha infância e adolescência sempre admirei muito as modalidades que compõe o universo circense, porém nunca imaginei dar aulas sobre ou ainda mais realizar algum tipo destas modalidades.

Na minha infância, tive pouco contato com elementos circenses. Lembro-me apenas de uma ida a um circo itinerante que estava na cidade (Blumenau-SC) com a minha turma da creche, e fiquei maravilhado com os malabaristas e os trapezistas, apesar de na época não identificá-los com esta denominação; porém, um momento de pânico tomou conta de mim, ao ver o PALHAÇO.

Livre-me do medo de palhaços ainda cedo, e durante a pré-adolescência e adolescência passei a reparar nas atividades circenses que aconteciam fora da lona, em geral nas sinaleiras pelos artistas de rua. Cresci em uma cidade bastante conservadora, o que implicava na forma que a população em geral tratava os artistas de rua, com desdém, considerados improdutivos; porém ficava refletindo comigo mesmo em relação ao tempo e empenho destes artistas, que se dedicavam para atingir aquele nível de técnica, para realizar uma apresentação tão habilidosa, porém pouco reconhecida. Apesar disso, nunca me aproximei de fato à esses artistas e nem da prática de elementos circenses, até entrar na universidade.

Meu primeiro contato direto com a prática de algum elemento circense foi apenas durante a graduação, primeiramente através de amigos que me apresentaram o malabarismo, os quais compartilhavam tanto conhecimentos técnicos quanto conhecimentos históricos desse elemento, aumentando cada vez mais minha compreensão da totalidade deste tema e aumentando o meu desejo de estudar sobre.

Comecei então a me aperfeiçoar tecnicamente no malabarismo com bolinhas e claves, a iniciar estudos sobre o tema, e então comecei a ministrar algumas oficinas de atividades circenses e de malabares especificamente, em eventos estudantis, de movimentos sociais, e intervenções em aulas de estagiários do curso de Educação Física.

Dentro do curso de Educação Física da UFSC não se observa uma preocupação com os conhecimentos relativos ao tema da pesquisa; o único momento em que tive contato foi durante uma atividade da disciplina de Jogos e Brinquedos da Cultura Popular em que

produzimos algumas bolinhas de malabares, e também tive a oportunidade de apresentar trabalhos para a disciplina com este tema.

Durante um trabalho em conjunto com o PIBID de Educação Física e o Estágio Supervisionado em Educação Física II da UFSC, pude desenvolver um projeto de intervenção com uma turma dos anos iniciais da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis em parceria com Kauê Hahn Turnes, na qual trabalhamos com o conteúdo das atividades circenses, delimitando entre os temas da palhaçaria e do malabarismo; esta experiência acabou servindo de base para este Trabalho de Conclusão de Curso e também de Kauê (2017).

Esta pesquisa buscou analisar estratégias metodológicas para a abordagem das Atividades Circenses no âmbito da Educação Física escolar, analisando primeiramente a história, perspectivas e legislações que tangem nossa área.

Também analisar a relação pedagógica entre Atividades Circenses e Educação Física escolar, entendendo seu início de negação por parte de teóricos do conteúdo hegemônico das aulas, a ginástica, por considerar que o exercício deveria ser realizado levando em consideração sua contribuição para a formação de um trabalhador forte e hábil, entendendo que o exercício voltado ao espetáculo não deveria ser promovido.

Busca analisar também uma abordagem das atividades circenses com uma turma dos anos iniciais da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, com reflexão de algumas estratégias metodológicas importantes desta experiência na sequência.

No âmbito acadêmico, essa pesquisa se torna importante na contribuição para o aumento da produção de conhecimento neste tema, e na inserção das atividades circenses como um conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física escolar, na busca em explorar o conhecimento dessas atividades nas suas diversas formas, conceitualmente, tecnicamente, historicamente, e contribuindo também na ampliação do leque de experiências com a cultura corporal dos alunos visto que os diversos elementos que constituem essas atividades têm muito a contribuir tanto com seus gestos técnicos, como também em democratizar este conhecimento produzido historicamente pelo ser humano. Ainda sobre a contribuição das Atividades Circenses no processo de ensino aprendizagem, Curos (2003) indica:

“Durante o processo de ensino e aprendizagem, os alunos desenvolvem diferentes aspectos pessoais, como a sensibilidade na expressão corporal, a cooperação, o desenvolvimento da criatividade, a melhora da auto-superação e da auto-estima” (2003 apud COSTA, TIAEN, SAMBUGARI, 2008).

Entendendo também o histórico da Educação Física escolar, com seus conteúdos predominantes, as Atividades Circenses são um ótimo conteúdo no sentido contra hegemônico:

A Educação Física por sua vez, trás alguns vícios, carregados pelas influências dos momentos históricos que vivemos, principalmente no período da ditadura militar, tornando-se uma prática que prioriza o ensino de alguns esportes, principalmente vôlei e futsal em detrimento à outras práticas que constituem a cultura corporal. A cultura corporal visa aprender a expressão corporal como linguagem. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.42)

De certa forma já possuímos algumas pesquisas com esta temática, porém é algo recente, com limites em uma abordagem para além da técnica e que ainda possui muito a ser investigado.

Espero poder contribuir de alguma forma com os professores das escolas para estes abordarem as Atividades Circenses em suas aulas, ou com futuras pesquisas que irão surgir com esta temática.

A partir das experiências com o estágio e oficinas realizadas durante minha trajetória, surgiu então uma dúvida.

1.1 PROBLEMA

Como organizar metodologicamente o ensino de atividades circenses na Educação Física Escolar?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral:

Analisar metodologicamente o ensino das Atividades Circenses na Educação Física escolar.

1.2.2 Objetivos específicos:

- a) Examinar brevemente a trajetória da Educação Física escolar, suas perspectivas e legislações;
- b) Compreender as relações entre as Atividades Circenses e a Educação Física;
- c) Analisar o ensino das atividades circenses em uma turma dos anos iniciais;
- d) Refletir sobre algumas estratégias metodológicas para o ensino das Atividades Circenses.

1.3 Metodologia

Para desenvolver esta pesquisa envolvendo as Atividades Circenses na Educação Física escolar, primeiro buscou-se situar historicamente a Educação Física enquanto disciplina no Brasil, entendendo as raízes de nossa área, fatores históricos que influenciaram sua trajetória,

legislações, paradigmas, para então compreender em que âmbito se pensa as atividades circenses nesta disciplina.

Então, foi analisada a trajetória das atividades circenses na Educação Física escolar, analisando sua inserção, ou não, enquanto conteúdo na disciplina, panorama breve do âmbito acadêmico, breve levantamento bibliográfico de relatos de experiência e discussão, e sistematizações pedagógicas.

A partir disso, analiso minha experiência com as Atividades Circenses em uma turma dos anos iniciais da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, compreendendo o ponto de partida desta experiência, a unidade de ensino, a constituição da turma, e a experiência propriamente dita.

Posteriormente, identificam-se quatro estratégias metodológicas relevantes para abordagem das Atividades Circenses na Educação Física, buscando refletir sobre a utilização delas, a partir de uma abordagem crítica do conteúdo.

2. EDUCAÇÃO FÍSICA: ENTRE A RECONSTRUÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

De acordo com Arantes (2008), entre 1559 e 1759 se organizaram os primeiros núcleos de educação escolar para os “bons selvagens” no Brasil, com orientação jesuítica. Embora a educação fosse no sentido de catequizar os índios, na busca de impor-lhes outra cultura, algumas práticas corporais indígenas foram toleradas pelos jesuítas, como a prática da peteca e do arco e flecha, mesmo também sem haver aulas de Educação Física, entretanto apontando para a necessidade de práticas corporais no âmbito da educação dos indígenas.

Porém, apenas em 1824, com a elaboração da constituição do Império, que se recomendou formalmente a educação aos brasileiros. A formação primária era gratuita, entretanto para se ter acesso, era necessário que a família fosse possuidora de bens, ou seja, o acesso se dava apenas à filhos de proprietários, detentores de direitos políticos e civis que constituíam pequena parte da população (ARANTES, 2002); ainda não se observa nenhuma preocupação com alguma atividade física orientada neste documento, porém algumas escolas possuíam *Instructores de gymnástica* que passavam orientações de movimentos a serem realizados.

A Educação Física é introduzida na escola oficialmente em 1851, pela reforma Couto Ferraz. Esta reforma garantia a ginástica apenas para os primeiros anos das escolas do município da corte, que era o Rio de Janeiro; porém, três anos mais tarde, com a

regulamentação da reforma, a ginástica permaneceu obrigatória para o primário e a dança ganhou espaço, no ensino secundário (BETTI, 1991).

Anos mais tarde, um deputado da corte veio a desempenhar um papel decisivo para a legitimação da Educação Física dentro das escolas: Rui Barbosa. Em 1882, deu parecer ao projeto nº 224 da Reforma Leôncio de Carvalho, defendendo a manutenção da ginástica, a equiparação dos professores de ginástica aos de outras disciplinas, além de ressaltar a importância da Educação Física para o desejado projeto de eugenia da raça brasileira (BOLINO, 2004). Segundo a mesma autora, aos homens seria oportunizada a ginástica sueca para o desenvolvimento das destrezas físicas, e para as mulheres, ginástica calistênica, que atendesse sua peculiaridade bio-fisiológica.

Nessa época, o pensamento higienista dominava a área da Educação Física, o qual tinha como objetivo valorizar o desenvolvimento do físico e da moral através dos exercícios físicos, de hábitos de higiene e saúde (PEREIRA, 2006).

Com a crescente urbanização no século XX, começa a se desenvolver cada vez mais doenças, atribuindo à educação, e especialmente à Educação Física, cada vez um papel maior no desenvolvimento de hábitos saudáveis como objetivo nas aulas. Também com um período de guerras, e conseqüentemente um estímulo ao sentimento de nacionalismo, o militarismo vai se inserindo na Educação Física.

Nos anos de 1920 a incorporação do discurso nacionalista vai ganhando força, com a ginástica e principalmente o esporte sendo instrumentos dessa incorporação, com exemplos na Alemanha com Hitler, Itália com Mussolini, e no Brasil com Getúlio Vargas. Bracht ajuda a entender o porquê da importância desses governos em dar importância ao âmbito corporal:

Esses movimentos são signatários do entendimento de que a educação da vontade e do caráter pode ser conseguida de forma mais eficiente com base em uma ação sobre o corpóreo do que com base no intelecto; lá, onde o controle do comportamento pela consciência falha, é preciso intervir no e pelo corpóreo. (BRACHT, 1999, pg. 73).

Segundo Castellani Filho (2004), é possível constatar esse novo modelo para a Educação Física através da constituição de 1937, que atribuía a finalidade de promover disciplina, moral e o adestramento físico para a defesa da nação.

Em 1961, o governo brasileiro elabora a primeira Lei de Diretrizes e Bases, como forma de orientar as bases da organização do sistema educacional brasileiro. A obrigatoriedade da Educação Física no âmbito escolar se dava, de acordo com o artigo 22, no ensino primário e médio, podendo ser ministradas pelo professor regente da turma, sem necessariamente estes possuírem uma formação em Educação Física.

Sobre a LDB nº4.024/61, Arantes indica que:

Quanto às aulas de Educação Física para a juventude, consistiam em ensinar a ginástica formativa, fundamentos de jogo (modalidades esportivas coletivas), valendo-se do Método “da Desportiva Generalizada”; não se previa processo de inclusão daqueles que não se adequassem a normalidade. (ARANTES, 2008, pg. 6)

Três anos após a aprovação da primeira LDB, ocorre o golpe militar no país, o que veio a influenciar diretamente a Educação Física.

Uma das entidades brasileiras que mais combateu o regime militar foi a UNE, e conseqüentemente uma das que mais foi combatida, visto seu poder de organização e articulação dos estudantes do País; a Educação Física vai ocupar um papel importante no esvaziamento do debate político e desmantelamento do movimento estudantil brasileiro.

Com a lei n. 5.540 de 1968, em seu artigo 40, as instituições de ensino superior teriam o compromisso de, entre outras coisas:

[...] b) assegurarão ao corpo discente meios para a realização dos programas culturais, artísticos, cívicos e desportivos; c) estimularão as atividades de educação cívica e de desportos, mantendo, para o cumprimento desta norma, orientação adequada e instalações especiais;[...] (BRASIL, 1968)

Um ano após, o Decreto-lei nº 705, que altera o artigo 22 da LDB de 1961, o que estendeu a obrigatoriedade da Educação Física ao ensino superior, conforme seu artigo 1º: “Será obrigatória a prática da Educação Física em todos os níveis e ramos de escolarização, com predominância desportiva no ensino superior”.

Somando-se a isso, os Diretórios Acadêmicos foram perseguidos e fechados, em detrimento do incentivo às Associações Atléticas Acadêmicas (AAAs); jogos estudantis e universitários ganharam forte incentivo; o que resultou numa crescente participação dos estudantes no âmbito esportivo, e conseqüente desmobilização do debate político e da organização estudantil (CASTELLANI FILHO, 1994).

Em 1971, o governo lança uma nova LDB, que no fim das contas apenas retira a limitação de idade de até 18 anos para as aulas de Educação Física; porém ainda no mesmo ano, o Decreto nº 69.450 que veio regulamentar o artigo 22 da LDB de 61 versava sobre a participação facultativa nas aulas de Educação Física:

Decreto nº 69.450/71: Art. 6º – Em qualquer nível de todos os sistemas de ensino, é facultativa a participação nas atividades físicas programadas: a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas; b) aos alunos maiores de trinta anos de idade; c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa; d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei nº 1.044 de 21 de outubro de 1969, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento. (BRASIL, 1971)

E seis anos mais tarde, a Lei nº 6.503 de 1977 acrescentou a essas quatro: ao estudante de curso de pós-graduação e à aluna que tenha prole.

Nesse contexto, a Educação Física que ainda não era um componente curricular, passa a ficar cada vez mais longe disso, em relação, por exemplo, de as suas atividades unicamente práticas e suas possibilidades de participação facultativa, vai ganhando olhos cada vez mais de atividade extracurricular (SILVA; VENÂNCIO, 2005).

A década de 70 foi marcada pela constituição clara de um campo acadêmico na área da Educação Física e de um discurso de legitimação no ensino superior enquanto curso específico de formação. Com isso, houve um incentivo aos professores dos cursos de graduação em realizar cursos de pós-graduação; alguns professores buscaram realizar sua formação em programas de pós-graduação da educação, o que levou ao contato com discussões pedagógicas com influência das ciências humanas, como filosofia e sociologia (BRACHT, 1999).

A Educação Física passou então a incorporar esses discursos, debatendo a função social da Educação Física, e então a elaborar uma crítica ao paradigma presente na nossa área, o da aptidão física.

A partir de então, e também em consequência da reabertura democrática no Brasil, começam a se elaborar abordagens pedagógicas para a Educação Física buscando contrapor o paradigma dominante, chamado de movimento renovador; de acordo com Simões et. al (2014, p.226) “abarcou-se objetivos educacionais mais amplos, conteúdos diversificados e pressupostos pedagógicos mais humanos, ao invés de puro adestramento, formação do físico, exercícios e esporte.” .

Uma dessas propostas é a desenvolvimentista, voltada exclusivamente para crianças dos anos iniciais, com o objetivo de desenvolver habilidades motoras básicas, através de uma hierarquia dessas habilidades, que deveriam seguir uma sequência para o desenvolvimento “natural” da criança. Essa proposta considera que todas as crianças possuem uma mesma sequência “normal” de desenvolvimento, desenvolvendo estágios de maturação fisiológica e motor. Seus idealizadores, dentre eles o professor Go Tani, tentaram dar uma orientação teórico-científica para a escolha de objetivos, tarefas de aprendizagem, ensino e avaliação à Educação Física; porém, pela concepção de ciência empírico-analítica, esta cientificidade não leva em conta as decisões de cunha ético-político (BRACHT, 1992) ensina apenas como fazer, e não para que fazer.

Próxima a abordagem desenvolvimentista, está a da psicomotricidade, com enfoque no desenvolvimento motor e intelectual das crianças, tendo em vista que o desenvolvimento psicomotor é importante na prevenção de problemas de aprendizagem (BARRETO, 2000). Segundo Monteiro (2007), essa abordagem trabalha áreas psicomotoras que auxiliam na aprendizagem: Coordenação Motora Fina e Global, Estruturação Espacial, Orientação Temporal, Lateralidade, Estruturação Corporal e as relações com a aprendizagem no contexto escolar. Com esta abordagem, o movimento é um mero instrumento, descolado das formas culturais com que se dá o movimento, atribui um papel de subordinação da Educação Física aos outros componentes curriculares, no sentido de contribuir no aprendizado de outras disciplinas.

Até nesse momento, dentre as abordagens desenvolvidas durante o período renovador, teria predominado, sob a égide da matriz empírico-analítica, uma visão monodisciplinar e técnica do movimento (KUNZ, 1991). As abordagens traziam ainda muito enfoque no desenvolvimento motor, sem uma visão de totalidade, não explorando os temas da Educação Física em sua linguagem social e historicamente construída.

Nesse sentido, duas abordagens foram desenvolvidas na busca de trabalhar com o conceito de cultura, compreendendo o movimento enquanto parte da cultura humana, desenvolvida ao longo da história: a abordagem crítico-emancipatória e abordagem crítico-superadora.

A Crítico-emancipatória foi desenvolvida pelo professor Elenor Kunz, com base na pedagogia de Paulo Freire e uma análise fenomenológica do movimento humano, baseado em parte em Merleau-Ponty. Considera como campo da Educação Física a cultura de movimento, na busca de desenvolver a capacidade crítica dos estudantes e neste sentido cultivando um ambiente propício a emancipação destes.

Sobre emancipação, Kunz considera “[...] processo de libertar o jovem das condições que limitam o uso da razão crítica e com isso todo o seu agir social, cultural e esportivo, que se desenvolve pela educação” (KUNZ, 2004, p. 33). O objetivo da emancipação vai no sentido de os estudantes conseguirem interferir na própria realidade, considerando a enorme desigualdade social em que vivemos. Neste sentido, a transformação da realidade viria através da emancipação dos indivíduos, que se emanciparem, estariam emancipando o mundo à sua volta.

Uma das principais obras com base nessa abordagem é o livro Transformação Didático-Pedagógica do esporte, onde defende a abordagem dos esportes com uma visão mais ampla, contestando seu modo de disseminação na sociedade, as instituições que o regem, a

cópia do seu modo de jogo para dentro da escola, fazendo uma diferenciação entre o esporte na escola e o esporte da escola; o esporte na escola seria a cópia do seu modelo de rendimento e espetacularizado, de suas regras definidas por instituições contestáveis, já o esporte da escola seria a transformação do esporte às necessidades dos estudantes, com as regras construídas pelos sujeitos da aula (professor e estudantes), na busca de refletir sobre o esporte em outra ótica, oportunizando uma experiência satisfatória a uma maior parte de estudantes, diferente do esporte copiado das instituições que o regem.

Em relação ao conceito de emancipação que Kunz sustenta em sua abordagem, Taffarel contribui com outra análise a respeito:

Engels (1980) situa a emancipação em relação direta com a independência econômica, com a participação de homens e mulheres no mundo do trabalho em escala social. Emancipar-se, em primeira instância, pensamos, passa pelo referencial econômico, pelo gerenciamento da própria existência. (TAFFAREL, 2013, p. 60)

Dado que o trabalho¹ produz as condições de existência do ser humano, transformando a natureza para seu benefício, pensar no gerenciamento do trabalho pelos homens e mulheres e conseqüentemente sua emancipação dentro do atual modelo econômico se torna impossível, se tornando necessário um projeto de sociedade que se proponha a outro modo de organização da vida e da apropriação do trabalho produzido pelos homens e mulheres.

A abordagem Crítico-superadora, a qual serviu de orientação para a experiência com as Atividades Circenses, foi sistematizada por um conjunto de seis professores, autodenominado Coletivo de Autores, no livro Metodologia de Ensino de Educação Física, publicado em 1992.

Considerando enquanto campo da Educação Física Escolar a cultura corporal, busca “desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pg. 26), compreendendo então os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, os esportes, capoeira, danças, malabarismo, contorcionismo, cultura corporal afro-brasileira, dentre outras formas de representação produzidas pelo ser humano, que deve ser transmitidos para os alunos na escola. Compreendem que para o ser humano ter uma visão de totalidade da realidade natural e social, é necessária uma reflexão sobre a cultura corporal humana.

¹ Sobre o conceito de trabalho, Marx (1985) considera ser [...] atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas [...].” (MARX, 1985, p.153),

Defendem uma concepção de sociedade socialista, e através do método materialista histórico-dialético, identificam a sociedade, sob o modo de organização capitalista, dividida em duas classes com interesses antagônicos; a classe trabalhadora teria como interesses imediatos, condições de sobrevivência, como:

Direito ao emprego, ao salário, à alimentação, ao transporte, à habitação, à saúde, à educação, enfim, às condições dignas de existência. Os interesses imediatos da classe proprietária correspondem às suas necessidades de acumular riquezas, gerar mais renda, ampliar o consumo, o patrimônio etc. Ainda com relação a essa classe, seus interesses históricos correspondem à sua necessidade de garantir o poder para manter a posição privilegiada que ocupa na sociedade e a qualidade de vida construída e conquistada a partir desse privilégio. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pg. 24)

Com esta abordagem, a reflexão pedagógica passa a ter algumas características específicas, sendo: diagnóstica, judicativa e teleológica.

Diagnóstica no sentido de constatação e leitura dos dados da realidade, porém sem interpretá-los. Para realizar a interpretação, o ser humano emite um juízo de valor de acordo com sua perspectiva de classe, pois em uma sociedade dividida em classes, o valor que o sujeito atribui também é de classe.

Ao realizar a interpretação, se identifica judicativa, no momento então que um juízo de valor de acordo com a perspectiva de classe do sujeito é aplicado à um dado da realidade.

É teleológica no momento em que o juízo de valor atribuído a algum dado da realidade aponta uma finalidade, uma direção. Essa finalidade/direção depende da perspectiva de classe, e pode ser conservadora ou transformadora.

Ainda sobre seu aspecto judicativo, o Coletivo de Autores aponta:

A judicatividade dessa reflexão contribui para o desenvolvimento da identidade de classe dos alunos, quando situa esses valores na prática social capitalista da qual são sujeitos históricos. Essa identidade é condição objetiva para construção de sua consciência de classe e para o seu engajamento deliberado na luta organizada pela transformação estrutural da sociedade e pela conquista da hegemonia popular. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pg. 40)

A abordagem aponta para os ciclos de escolarização, porém sem abandonar a seriação, mas como forma de superar aos poucos este sistema seriado. Desta forma, apresentam quatro ciclos. O primeiro ciclo iria do 1º ao 4º ano, sendo um ciclo de organização dos dados da realidade, já que os dados aparecem difusos, cabendo à escola e ao professor organizar a identificação desses dados para que o estudante consiga fazer uma relação entre eles, identificando as semelhanças e as diferenças. O segundo ciclo iria do 5º ao 7º ano, quando então se inicia a sistematização do conhecimento, confrontando dados da realidade

com as representações do seu pensamento sobre eles. O terceiro ciclo, do 8º e 9º ano, é o momento de ampliação da sistematização do conhecimento, em que passa a identificar os dados da realidade através do pensamento teórico. O quarto ciclo compreenderia os três anos do ensino médio, onde o estudante passaria a refletir sobre os dados da realidade, conseguindo lidar com conhecimento científico e produzindo-o.

No livro *Metodologia do Ensino de Educação Física* (1992), também é exemplificada formas possíveis de abordar alguns dos conteúdos da cultura corporal, entre eles jogos, esportes (basquete, vôlei, atletismo e futebol), ginástica e dança, uns mais ou menos detalhados de acordo com os ciclos de escolarização.

Em 1996, é lançada uma nova LDB, e em seu artigo 26, parágrafo 3º, define que: “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (LDB, 1996, pg. 16). Desse modo, a Educação Física passou a ser equivalente às outras disciplinas no ensino fundamental, e sendo inserido agora também na educação infantil; entretanto, no ensino superior foi retirada sua obrigatoriedade, no ensino noturno continuou com um caráter facultativo, e na Educação de Jovens e Adultos se manteve excluída.

Em 1997, são lançados os Parâmetros Curriculares Nacionais, se constituindo num referencial teórico aos conteúdos curriculares em âmbito nacional, estadual e municipal,

Tendo em vista orientar e garantir a coerência das políticas de melhoria da qualidade de ensino, socializando discussões, pesquisas e recomendações, além de nortear a prática pedagógica do docente desta área, principalmente objetivando mostrar as formas e meios de adequação no que se refere à construção do planejamento com vistas no projeto político-pedagógico da escola [...] (SOUSA; FÁVERO, 2010, pg. 1)

Os PCNs são divididos em dois, um contendo referenciais para trabalhar de 1ª a 4ª série e outro para trabalhar da 5ª até 8ª série.

Na parte específica da Educação Física, se apresentam princípios norteadores para o trabalho pedagógico como inclusão e a diversidade, as categorias de conteúdos apresentados em blocos e classificados de forma conceitual, atitudinal e procedimental. Os três blocos apresentados são: o de Esportes, Jogos, Lutas e Ginástica; o de Conhecimentos sobre o Corpo; e o de Atividades Rítmicas e Esportivas.

Os conteúdos conceituais estão ligados aos conceitos, fatos e princípios que se referem à construção de capacidades intelectuais para se operar com símbolos, ideias e imagens. Os procedimentais dizem respeito ao “saber fazer”, tornando a prática o objeto da

aprendizagem, enquanto os atitudinais estão relacionados às normas, valores e atitudes que orientam as ações no ambiente escolar (BRASIL, MEC, 1997).

Os PCNs da Educação Física abordam os conteúdos através da cultura corporal de movimento, considerando esse conceito enquanto “conhecimentos e representações que se transformaram ao longo do tempo. Resignificadas, suas intencionalidades, formas de expressão e sistematização” (BRASIL, 1998, p.28).

Já para o município de Florianópolis, a Educação Física Escolar segue como diretriz a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino, com última atualização em 2016, porém também considerando a LDB e os PCNs.

Considera enquanto campo da Educação Física, assim como os PCNs, a cultura corporal de movimento, ocupando-se então de “sistematizar e reelaborar criticamente aquilo que vem sendo, na história da humanidade, um campo de expressões culturais” (FLORIANÓPOLIS, 2016, p.130), que se expressa, segundo a proposta, através de brincadeiras, jogos, danças, lutas, esportes, ginásticas, práticas corporais de aventura urbana e na natureza e práticas corporais introspectivas.

Em consonância com a Base Nacional Curricular Comum, a proposta aponta como desafio de natureza ético-política a tarefa de ressignificar a tradição e a legitimidade da Educação Física na escola, e também apontando outros três desafios:

- desafios curriculares: explicitar e organizar os conhecimentos pelos quais o Componente Curricular é responsável, bem como formular progressões com maior grau de complexidade e maior densidade crítica no decorrer dos anos escolares;
- desafios interdisciplinares: possibilitar o diálogo com os conhecimentos produzidos/trabalhados nas demais áreas e componentes curriculares;
- desafios didáticos: elaborar estratégias para ensinar e avaliar os conteúdos em uma perspectiva coerente aos propósitos da Educação Física como componente da área das Linguagens. (BRASIL, 2015, p. 96)

No momento do planejamento, recomenda que estejam contemplados: o conhecimento da realidade; a formulação de objetivos de ensino e de aprendizagem; a definição de meios e estratégias e de recursos necessários, possíveis, viáveis e disponíveis; e os critérios para a avaliação.

Em relação à avaliação, recomenda que deve ser condizentes com os objetivos de ensino e de aprendizagem propostos e desenvolvidos, como

Ilustrações de aulas (desenhos, modelagem, colagens, fotografias, filmagens etc.), confecção de cartazes e painéis, produções textuais diversas sobre as experiências com diferentes práticas corporais, propostas de trabalho indicadas pelos/pelas estudantes durante as aulas, tarefas de casa (pesquisas sobre determinada prática corporal, entrevistas ou questionários com pais, familiares e vizinhos, visitas a espaços e equipamentos públicos e privados

de lazer no bairro onde moram, recolha e análise de manchetes ou textos jornalísticos relacionados aos temas em estudo etc.), produção de materiais, construção de jogos de perguntas e respostas sobre os conteúdos abordados, envolvendo também experimentações corporais e encenações, trabalhos individuais ou em pequenos grupos (FLORIANÓPOLIS, 2016, pg. 142-143)

Outro importante instrumento de avaliação segundo a proposta são os registros das aulas ministradas pelo professor, podendo ser de forma escrita, por áudio ou com fotografias, de forma também a dialogar com as avaliações dos estudantes, contribuindo para uma reavaliação ou sustentação do planejamento.

Nesta proposta, também organizam o trabalho pedagógico e a relação com o conhecimento em torno de três eixos de organização: a ampliação das possibilidades de movimento dos seres humanos; o conhecimento das manifestações sistematizadas da cultura corporal de movimento; e a compreensão das estruturas e representações sociais que atravessam o universo dessas manifestações.

Por fim, trazem um quadro o qual está distribuído entre os três eixos de organização, objetivos e o ano escolar de cada turma do ensino do ensino fundamental, apontando de acordo com o eixo e o objetivo, se seria apropriado ou não o trabalho com determinada turma.

A partir deste contexto histórico da Educação Física, vemos um longo processo de legitimação/deslegitimação no contexto escolar.

3. ATIVIDADES CIRCENSES E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Iniciarei este capítulo trazendo uma contribuição de Ontañon (2012) em torno da escolha da conceituação em Atividades Circenses, e não Arte Circense como em outros trabalhos:

Adotamos a expressão "Atividades Circenses" por considerar que os professores de Educação Física propõem atividades que oportunizam aos alunos o contato com alguns elementos da linguagem circense, sem a pretensão de discutir de modo amplo e profundo as "Artes do Circo", função das escolas profissionalizantes de Circo. Além disso, nossa prioridade reside na vivência prática e no debate conceitual, sem que nossos alunos sejam concebidos como futuros artistas. (ONTAÑON, 2012)

Pensar as atividades circenses dentro das aulas de Educação Física a cerca de pelo menos trinta anos atrás seria praticamente impossível, visto que o foco das aulas durante essa época era o desenvolvimento dos esportes, e antes disso a higienização dos corpos e correções posturais.

No fim do século XIX e início do século XX a EF ainda era denominada de Ginástica; na época, alguns teóricos, como Amorós (1838), da ginástica francesa, enxergavam a Ginástica de três modos: ginástica civil e industrial, ginástica militar e a ginástica médica.

Na verdade, esses três tipos de ginástica eram os que eles consideravam de ginásticas úteis e que cumpriam o propósito de se exercitar, pois consideravam ainda a existência de um quarto tipo, o qual era combatido, que era a ginástica cênica ou funambulesca. Este quarto tipo de ginástica, para Amorós, era desperdício de tempo, e que não representava o objetivo do exercício físico: “Amorós acreditava também que a nobre finalidade de um exercício que era a saúde, no funambulismo era sacrificada pelo prazer da demonstração, da ornamentação” (HAUFFE; GÓIS JUNIOR, 2014); ou seja, Amorós entendia a ginástica num sentido puramente utilitário. Soares (1998) também contribui nesse sentido: “A Ginástica científica se apresentava como contraponto aos usos do corpo como entretenimento, como simples espetáculo, pois trazia como princípio a utilidade de gestos e a economia de energia” (SOARES, 1998, p. 23). Então, os movimentos funambulescos, predominantes em diversas modalidades circenses, foram marginalizados entre as práticas de ginástica.

No Brasil, esse distanciamento das Atividades Circenses na Educação Física permaneceu até por volta dos anos de 1990, quando se percebe uma abordagem crescente das atividades circenses no âmbito escolar, concomitantemente com o período renovador da Educação Física, porém é nos anos 2000 que os estudos referentes à esta área tem um aumento significativo, de fato ainda em pequena proporção, sendo realizados em grande parte pelo grupo de estudos CIRCUS da UNICAMP. (TURNES, 2017).

Em um estudo bibliográfico relacionado a produção acadêmica referente à aplicação das atividades circenses no âmbito educativo, Ontañón (2012) localizou nove e dois documentos referentes a esta temática, entre livros, capítulo de livros e artigos (teses, dissertações, monografias de cursos de especialização, trabalhos apresentados em congressos entre outros não foram analisados), visto que outros diversos foram encontrados, porém descartados pelo motivo de não estarem na íntegra; desses, apenas 23 são publicações realizadas no Brasil. Esse número total demonstra que o argumento da escassez de estudos muita vezes utilizado, não se sustenta, porém também indica um número baixo de publicações brasileiras.

Ontañón (2012) distribui os documentos em seis categorias; uma das categorias compreendia os relatos de experiência, a qual reuniu onze textos no total e ressalta as boas repercussões das experiências através dos relatos dos professores, como também os problemas metodológicos. A autora observa certo romantismo nos relatos de experiência, além de certa

mistificação das Atividades Circenses, o que acaba sendo pouco condizente com a realidade pedagógica; também nota um distanciamento entre os relatos e a produção acadêmica, o que concordamos que fragiliza o trabalho pedagógico.

Neste sentido, surgem alguns apontamentos de organização didática das Atividades Circenses, de modo a dar uma orientação aos professores no trato com este tema tão amplo, organizando-o de acordo com características que unificam seus elementos. Diversas escolas de circo propõem uma classificação entre os elementos circenses, porém são pensados para a formação de artistas profissionais, o que não é o objetivo da Educação Física escolar.

Bortoleto e Machado (2003) organizam as Atividades Circenses pensando sua abordagem na escola, levando em conta uma categorização de classificação de acordo com o tamanho do material:

Quadro 1: Classificação das modalidades circenses de acordo com o tamanho do material

Modalidades com materiais de tamanho grande.	Trapézio volante; Bâscula Russa; Mastro Chinês; Balança Russa
Modalidades com materiais de tamanho médio.	Monociclo; Perna de Pau; Bolas de equilíbrio; Trapézio Fixo; Tecido; Corda vertical; Arame (funambulismo); corda bamba; Bicicletas especiais (acrobáticas e/ou de equilíbrio); Trampolim acrobático (Cama Elástica); Paradismo (mesa – Pulls); Balança Coreana.
Modalidades com materiais de tamanho pequeno.	Malabares; Rola Americano (rola-rola); Mágica e Faquirismo (com material pequeno: moedas, baralhos, etc.); Pirofagia; Fantoches e Marionetes.
Modalidades sem materiais (corporais.)	Acrobacias: de chão (solo), mão a mão (duplas), em grupo; Canastilha; Contorcionismo; Equilibrismo corporal individual: paradismo, verticalismo (solo); Clown (Palhaço); Mímica; Ilusionismo (sem a utilização de instrumentos e/ou materiais); ventriloquia.

Fonte: (BORTOLETO; MACHADO, 2003, p.61)

Duprat (2007) propõe uma nova categorização, com base na anterior, levando em conta as ações motoras gerais envolvidas:

Quadro 2- Classificação das modalidades circenses de acordo a ação motora envolvida

Acrobacias	Aéreas	Trapézio Fixo; Tecido; Lira; Corda.
	Solo/Equilíbrio Acrobáticos	De chão (solo); Paradismo (chão e mão-jotas); Poses Acrobáticas em Duplas, Trios e Grupo.
	Trampolinismo	Trampolim acrobático; mini-tramp; maca russa.
Manipulação de objetos		Prestidigitação e pequenas mágicas.
		Malabarismo.
Equilíbrios Funambulescos		Perna de pau; Monociclo; Arame; Corda Bamba; Rolo Americano (rola-rola).
Encenação	Expressões corporais	Elementos das artes cênicas; dança; mímica; música.
	Palhaço	Diferentes técnicas e estilos.

Fonte: (DUPRAT, 2007, p. 58)

Para abordar as Atividades Circenses, Bortoleto e Machado (2003) apontam ainda algumas questões importantes: a infraestrutura do local; a condição prévia dos alunos; a formação especializada do professor; e a segurança da atividade, visto que diversas modalidades oferecem risco à integridade física dos praticantes. Dependendo da modalidade circense a ser trabalhada, ela pode demandar mais ou menos atenção à essas questões. Por exemplo, em uma aula que se explore a corda bamba, são necessárias bases confiáveis para prender a corda, um solo que não ofereça riscos em caso de queda ou a utilização de colchonetes, um certo conhecimento do professor em relação ao equilíbrio necessário para permanecer na corda, e se os alunos estão em conformidade para a realização da atividade.

Busquei analisar alguns relatos de experiência com a aplicabilidade das Atividades Circenses no âmbito da Educação Física escolar, e fazer uma relação com a nossa experiência. Analisamos ao todo quatro relatos: Chiquetto e Ferreira (2008), Duprat (2007), Munhoz e Ramos (2008), e Simões, Gomes e Oliveira (2008), selecionados aleatoriamente. Destes, dois são artigos, uma dissertação de mestrado e uma monografia em formato de artigo.

Três relatos consideram a Cultura Corporal como orientação para a intervenção, e um considera a Cultura de Movimento. Ambos tematizaram de quatro a cinco modalidades circenses em suas intervenções, sendo o malabares a modalidade presente em todos os relatos; em relação à abordagem desta modalidade, identifica-se bastante a utilização da estratégia de construir os objetos com os alunos, presente em três artigos; acredito que o malabarismo é o tema mais abordado, pois requer material de pequeno porte, de fácil fabricação, sem oferecer riscos, de baixo preço e acessível a todos os alunos. O tema acrobacia estava presente em três dos relatos, a palhaçaria, a ginástica e o tecido em um dos relatos.

As experiências foram realizadas com turmas de 2^a, 5^a, 6^a e 8^a séries, predominantemente em escolas públicas, sendo uma em escola particular; sobre a estrutura das escolas, um relato de experiência de uma escola pública indica pouca variabilidade de local para as aulas, sendo a quadra da escola separada por uma cerca da rua, e acabava causando constrangimento nos alunos ao se expressarem em algumas aulas, já o relato da escola particular relata que as aulas ocorreram na quadra, sala de lutas e no pátio, indicando uma estrutura mais favorável.

Em relação ao número de intervenções, três realizaram entre 14 e 15 aulas, sendo um número razoável para um trabalho que possa explorar os diversos âmbitos de conhecimento das modalidades circenses a serem trabalhadas, e outra intervenção teve quatro aulas, a qual nos chama a atenção, visto que ela propôs uma modalidade circense diferente por aula. A abordagem crítico superadora, que inicia a discussão sobre a cultura corporal, referência da experiência citada, indica uma preocupação com o tempo pedagogicamente necessário para a aprendizagem, considerando ser a “atenção a ser dada ao tempo pedagogicamente necessário para que a aprendizagem se efetive, ou a destinação de um número determinado de aulas para tratar de uma dada problematização, que deve ser adequado ao ritmo de aprendizagem da turma.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Sobre a avaliação, três indicaram algum método de realização: para coleta de dados do artigo, uma experiência utilizou dois meses de observação, uma entrevista semiestruturada com a professora de Educação Física da escola, e três questionários aplicados aos alunos, porém somente os questionários foram utilizados para fechar a nota do bimestre na escola. Outra experiência levou em conta a participação dos alunos nas atividades, além de um questionário. A última experiência que relatou um processo avaliativo planejou apenas uma entrevista coletiva, que acabou ocorrendo na última semana letiva do ano; para agravar, uma chuva na noite anterior resultou em uma grande quantidade de ausências, com participação de apenas vinte por cento da turma. Desta forma, acabou recuperando para a avaliação as

conversas com o professor e os alunos, além de utilizar as filmagens realizadas durante as aulas. Consideramos que estes elementos já deveriam ser considerados em uma avaliação, entendendo a avaliação num sentido processual.

Um relato indica uma importante preocupação, com atividades que somente um aluno pode realizar por vez, causando filas e desinteresse aos alunos. Isto se torna comum com atividades de tecido ou corda bamba/slack line, em que geralmente se possui apenas um exemplar desses objetos.

O mesmo relato também indica que com as Atividades Circenses, alunos que não se destacavam com os conteúdos tradicionais abordados nas aulas, passaram a ter grande participação.

Entendendo que diversas modalidades circenses causam perigo ao praticante sem devida segurança, uma das experiências relatou a ocorrência de dois acidentes, porém sem consequências graves.

Por fim, nos parece que os relatos indicam que o trabalho pedagógico teve como enfoque apenas os gestos técnicos, mesmo que sem a intenção de formar profissionais do circo, porém não encontramos nenhum indício de abordagem das modalidades circenses para além da sua prática; três experiências utilizaram a concepção de cultura corporal elaborada pelo Coletivo de Autores, os quais consideram a historicização dos conteúdos como fundamental para o trabalho pedagógico no sentido de ampliar as referências de conhecimento sobre determinado assunto, ampliando a compreensão dos alunos enquanto sujeitos históricos.

Nesse sentido, o conhecimento é tratado de forma a ser retraçado desde sua origem ou gênese, a fim de possibilitar ao aluno a visão de historicidade, permitindo-lhe compreender-se enquanto sujeito histórico, capaz de interferir nos rumos de sua vida privada e da atividade social sistematizada. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pg. 27).

4. ANÁLISE E COMPREENSÃO DO ENSINO DAS ATIVIDADES CIRCENSES EM UMA TURMA DOS ANOS INICIAIS.

Para pensar o ensino das Atividades Circenses com uma turma dos anos iniciais, foi analisada uma intervenção com o tema realizada pelo autor durante um projeto em parceria entre o Estágio Supervisionado II do curso de Educação Física e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em conjunto com o colega Kauê Hahn Turnes. Para tanto, primeiro vamos analisar a parceria, a escola e a turma que receberam a intervenção, e após o relato.

4.1 - De onde parte a intervenção

A oportunidade de intervir com uma turma dos anos iniciais com o conteúdo das Atividades Circenses se deram a partir de uma articulação muito qualitativa: articulação entre Estágio Supervisionado e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - subprojeto Educação Física da UFSC.

O Estágio Supervisionado é regido por diversos documentos e instâncias; inicialmente pela LDBEN nº 9394 de 1996, que por seguinte determina que o Conselho Nacional de Educação deva definir as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação, e na atual DCN, os estágios devem ter carga horária de 400 horas, de forma supervisionada, na área de formação e atuação na educação básica, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto de curso da instituição.

No curso de Educação Física da UFSC, o estágio da licenciatura é dividido em dois momentos, Estágio Supervisionado I e Estágio Supervisionado II, podendo ser realizado com vínculo ao Departamento de Educação Física ou ao Departamento de Metodologia de Ensino.

O PIBID surge num âmbito de debates sobre a qualidade da formação docente, a qual vinha apresentando insuficiências. O primeiro indício do seu surgimento foi através do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação de 2007, que no Artigo 2º, têm-se entre suas diretrizes, a seguinte: “XII - instituir programa próprio ou em regime de colaboração para formação inicial e continuada de profissionais da educação” (BRASIL, 2007a). Ainda no mesmo ano, a Portaria Normativa Nº 38 de 2007 (BRASIL, 2007b) do Ministério da Educação institui a criação do PIBID.

É um programa essencial para a formação de futuros professores, preenchendo lacunas dos currículos, servindo de laboratório para os estudantes, e contribuindo também no rompimento do muro entre escola/universidade.

Atualmente o subprojeto de Educação Física do PIBID-UFSC é composto por dois grupos, conta com vinte e um bolsistas da graduação, quatro professores supervisores da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, e dois coordenadores do subprojeto.

A partir disso, a intervenção foi realizada em uma escola pública do município de Florianópolis, em parceria com Kauê Hahn Turnes. Tivemos um processo de estudos prévios que foram essenciais para a estruturação de um projeto de intervenção, para sua posterior aplicação.

Tivemos momentos de estudos sobre metodologias de ensino, relatos de intervenções, análises de conjuntura da educação e da EF escolar, dentre outros textos que subsidiaram o início da elaboração do projeto de intervenção, além de conhecer a organização

da escola, tanto o espaço como o órgão gestor; esse período contou com cerca de um mês, onde os pontos de encontro eram realizados três vezes na semana, geralmente na própria escola.

Também tivemos um momento essencial, que foi o de observação das aulas de Educação Física da turma com a qual selecionamos para realizar a intervenção, onde principalmente se observa as características da turma, de forma coletiva e individual, os cadastros socioeconômicos e demais informações acerca da turma. Observamos ao total 11 h/a. A professora da turma era recém-formada no curso de EF da UFSC e estava com vínculo empregatício de ACT. Neste período ela tratou com o conteúdo das brincadeiras tradicionais.

Ao finalizar este momento, concluímos nosso Projeto de Intervenção do Estágio (Anexo B), onde elencamos então as Atividades Circenses como tema de intervenção, selecionando os conteúdos da palhaçaria e do malabarismo como foco das aulas.

Então iniciamos as intervenções de forma supervisionada, onde o professor e monitora do estágio e professora de Educação Física da turma contribuíam no planejamento e no feedback da intervenção realizada. Realizamos um total de dezessete aulas, distribuídas entre dois dias na semana: na quarta-feira tínhamos duas aulas e na sexta-feira uma aula.

4.2 - A Escola

A escola que acolheu nossa intervenção está situada em uma região central de Florianópolis, precisamente no bairro Pantanal. São ao todo 18 turmas, de 1º à 9º ano, nos períodos matutinos e vespertinos, sendo o período matutino das 7h45min até 11h45min e vespertino das 13h30min às 17h30min; as turmas de 1º à 3º ano possuem 25 minutos de recreio, 4º e 5º ano 20 minutos, e 6º, 7º, 8º e 9º ano 15 minutos.

Apesar de hoje ser uma escola consolidada, teve que percorrer um longo trajeto para tal.

De acordo com o PPP da escola, é possível verificar este trajeto até sua consolidação:

[...] O bairro Pantanal formado no final do século XIX, era constituído na sua maioria por famílias pobres, descendentes de açorianos e negros [...]. No início do século XX existia a escola masculina do Pantanal, localizado no alto de um dos morros do bairro, o chamado Sertão do Pantanal.[...]Os alunos que frequentavam a escola do Sertão eram os moradores do próprio local e alguns outros da parte baixa do bairro. Como a escola era só até a quarta série do ensino fundamental, muitos optavam por estudar no grupo escolar Olívio Amorim, no bairro da Trindade, ou no grupo escolar Getúlio Vargas, no saco dos limões. Essa situação, aliada a idade avançada da única professora, acarretou a desativação da escola. [...]No início dos anos 50, o número de crianças que moravam na parte baixa do bairro Pantanal era muito grande o que provocou a criação da primeira casa-escola.[...]A

instalação da empresa ELETROSUL e da UFSC (responsáveis por vários empregos na região), contribuíram para a transformação do bairro e conseqüentemente nas mudanças no serviço educacional oferecido pelo município:

* 1963 - União das 4 casas-escola gerando o Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito.

* 1986 - Transformação do então Grupo Escolar para Escola Básica, tendo como um de seus objetivos atender a demanda do bairro. (PPP, 2015, p. 6)

Observa-se então, a partir de dados históricos um longo período de consolidação da escola na região, passando por casa-escola, grupo escolar e finalmente Escola Básica, tendo como principal característica atender as demandas educacionais da região, que cada vez crescia mais.

O PPP (2015) da escola traz como eixo “Ler e escrever: compromisso de todas as áreas”, sustentando então que o ensino da leitura e da escrita é um compromisso de todas as áreas do conhecimento. Assim, a principal função do ensino de 1º ao 9º ano é favorecer/ensinar a criança/adolescente procedimentos de leitura e de escrita para que, ao final do 9º ano, ele seja um leitor autônomo dos gêneros mais recorrentes em nossa sociedade e autônomo na escrita de alguns desses gêneros. Ainda de acordo com o PPP,

Assumir a palavra é condição de cidadania. O domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, é condição de maior participação social. Pela linguagem os indivíduos se comunicam, acessam a informação, defendem e partilham visões de mundo, produzem cultura. (PPP, 2015, p. 12)

Neste sentido, tem sido um desafio para a escola a sistematização e a construção de um currículo que de fato expresse o compromisso de todas as áreas do conhecimento com a leitura e a escrita. Com esse horizonte, a gestão 2014/2016 definiu algumas metas: professores de todas as disciplinas envolvidos com a tarefa de formar leitores e usuários competentes e autônomos da escrita; currículo da Escola Beatriz definido em torno do eixo – ler e escrever; espaço escolar reestruturado em função do currículo. (PPP, 2015).

A escola possui como projeto principal, “A escola Beatriz para além dos seus muros”, iniciado em 2015, que consiste em saídas de estudo em que todas as turmas de ambos os turnos são contempladas. Estas saídas têm como importância, segundo o PPP (2015), de aprofundar conceitos, procedimentos e informações já definidos em sala, ensinar o estudante a conviver em público, a ser pesquisador e a fazer a leitura do mundo em que vive. Além das viagens pré-programadas para cada turma, cada professor pode pleitear uma viagem específica com uma ou mais turmas, a depender dos recursos financeiros disponíveis. Os recursos financeiros para custeio de transporte (ônibus) ficam por parte da APP - Associação

de Pais e Professores, e também da Secretaria Municipal de Educação, e pagamento de demais taxas, como entradas em determinados locais e a alimentação é custeada pelos pais ou responsáveis.

Essa escola, pela proximidade com a UFSC, recebe diversos projetos da universidade, como PIBIDs e estágios obrigatórios, contribuindo de forma significativa com a instituição e seus estudantes, tanto na aprendizagem dos estudantes, quanto na formação e atualização dos professores; talvez um reflexo disso seja a nota da Escola Beatriz nos últimos IDEBs.

O governo federal em 2007 criou o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) que realiza uma avaliação com base no aprendizado dos estudantes em português e matemática (Prova Brasil) e no fluxo escolar (taxa de aprovação). É possível verificar que a Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito tem uma evolução nos últimos anos:

Quadro 3 - Nota do IDEB

ANO	META	VALOR
2007	3,4	5,4
2009	3,7	5,1
2011	4,1	6,1
2013	4,4	6,4
2015	4,7	6,7

Fonte: qedu.org.br

Além disso, em 2015 a escola teve a 4ª melhor nota no IDEB, 2ª melhor nota na prova Brasil de matemática e 5ª melhor nota na prova Brasil de português, entre as escolas da rede municipal de Florianópolis.

O IDEB se tornou único indicador da qualidade do sistema de ensino fundamental brasileiro, passou a orientar políticas públicas educacionais, impactou a cobertura da mídia dos assuntos educacionais e, ainda que mais lentamente, trouxe novas dimensões na pesquisa educacional (SOARES; XAVIER, 2013).

Porém, algumas críticas ao índice são realizadas por alguns autores: só alunos presentes no dia do teste são considerados, sendo tolerável a ausência de 50% dos alunos da escola para o IDEB ser divulgado; a matemática tem um peso maior que as outras áreas

(SOARES; XAVIER, 2013); não considera aspectos que têm impacto sobre a qualidade, como a valorização dos profissionais e a infraestrutura" (AVANCINI, 2008)

4.3 - O primeiro contato com a turma

A experiência de intervenção com as Atividades Circenses foi realizada com uma turma do terceiro ano dos anos iniciais, pertencente a rede municipal de Florianópolis, no primeiro semestre de 2016. Nós havíamos trabalhado com a mesma turma durante o Estágio I no semestre 2015/2, com o conteúdo da cultura corporal da Ilha de Florianópolis, portanto já possuíamos um conhecimento prévio de grande parte da turma, visto que alguns estudantes saíram e outros chegaram.

O trabalho com a cultura corporal da Ilha de Florianópolis abrangeu dois temas: Lendas e Mitos, trabalhando a origem da população ilhéu, contos de Franklin Cascaes, a diferença da bruxa ilhéu para com a bruxa hollywoodiana, o Boitatá e suas características, elaboração por parte dos estagiários de uma bruxa de pano que servia como mediadora das aulas e um caderno da cultura corporal da ilha, o qual serviu como registro das aulas e também no processo de avaliação dos estudantes; e Brinquedos e Brincadeiras da Ilha, trabalhando o carrinho de boi, trazendo sua importância desde meio de transporte de uma época, até sua adaptação em forma de brincadeira para as crianças, e a capoeira, identificando-a como elemento de forte presença na ilha, fazendo relação com o período da escravidão, e também experimentando seu jogo e seus instrumentos musicais.

Essa primeira experiência foi fundamental para facilitar nossa aproximação com a turma e também com que nós conhecêssemos melhor as características e especificidades de diversos estudantes; inclusive a escolha das Atividades Circenses como conteúdo de intervenção com a turma tem total ligação com esta primeira experiência.

Ainda durante o período de observação do Estágio I, o primeiro indício de aceitação do conteúdo por partes dos estudantes foi durante uma aula “livre” de Educação Física, em que o professor de Educação Física havia disponibilizado alguns materiais para eles, e nós também havíamos levado uma clave de malabares, com a qual realizamos brincadeiras de equilíbrio nas mãos, de giro e lançamento da clave, além também de realizar uma atividade de equilíbrio sobre os ombros do estagiário, em pé, imitando um equilibrista; em nossa 5ª aula de observação também havíamos levado a clave, sendo que o professor montou um slack line, ocasionando com que os estudantes esperassem muito para chegar sua vez de atravessar o slack, então cerca de 5 estudantes desistiram de esperar e ficaram manipulando a clave

conosco, sendo que quando o professor encaminhou o retorno à sala, as crianças que estavam no slack line se dirigiram imediatamente para a sala, mas as que estavam manipulando a clave resistiram um pouco.

4.4 - A turma circense

Através deste primeiro contato com os alunos, decidimos continuar o estágio com eles, já com a ideia de trabalhar as Atividades Circenses, tanto pelo interesse dos estagiários, quanto pela aparente aceitação do conteúdo em momentos isolados no processo do estágio I; a turma era composta por vinte e seis alunos, sendo quinze meninos e onze meninas, dos quais vinte e cinco possuíam entre oito e nove anos, e um aluno que possuía entre sete e oito anos; de acordo com o cadastro socioeconômico dos alunos, observamos que a renda média da família deles era de R\$550,00. Também identificamos que a maioria era moradora do bairro em que a escola era situada, porém alguns ainda se dividiam em outros quatro bairros; a maioria se deslocava a pé para chegar e voltar da escola, acompanhados pelos pais ou algum familiar que estudava na escola, e alguns poucos que faziam esse trajeto sozinhos.

Algumas especificidades referentes a alguns alunos são importantes destacar, as quais notamos avanços entre a primeira experiência e a segunda experiência de intervenção: um aluno com diagnóstico de autismo estava se relacionando bem com a turma, alguns colegas o auxiliavam nas tarefas durante as aulas, incentivando-o a participar; uma menina com bronquite asmática que não participava das aulas por ordem dos pais, agora começou a participar, em virtude da insistência da professora para que ela participasse aos poucos das aulas, e que quando cansasse poderia sentar até retornar o seu fôlego. Uma aluna que reclamava de dores de cabeça e indisposição durante as aulas devido a falta de alimentação prévia, parecia estar mais disposta a participar das aulas. (Anexo A)

Era comum todos os alunos estarem com uniforme da escola (camisa); já as mochilas, penais, cadernos e demais objetos costumavam trazer algum personagem de desenhos norte americanos; as meninas costumavam utilizar casacos e acessórios da cor rosa, e durante as aulas de Educação Física geralmente estão de cabelo preso, com amarrador também da cor rosa na maioria das vezes. Os meninos costumavam trazer algumas cartas de jogo, que remetiam a um desenho animado. (Anexo A)

No intervalo, muitos traziam algum alimento de casa, como cookies, bolachas recheadas e sucos de caixinha.

As aulas de Educação Física ocorreram as quartas das 10h15min – 11h45min, e as sextas das 09h15min – 09h45min (esta aula era reduzida, pois as turmas de 1º à 3º ano são liberadas dez minutos antes do recreio normal para comerem no refeitório). O uso do Ginásio

era alternado com outras turmas, pois uma quadra nova estava em construção e ainda não se encontrava própria para uso.

Eles ainda estavam em processo de aprendizagem da escrita cursiva, todavia alguns ainda tinham dificuldades de escrever com letra de forma. (Anexo A)

A turma em questão estava situada no primeiro ciclo de escolarização, segundo o Coletivo de Autores:

[...] é o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade. Nele o aluno encontra-se no momento da síncrese. Tem uma visão sincrética da realidade. Os dados aparecem (são identificados) de forma difusa, misturados. Nesse ciclo o aluno se encontra no momento da “experiência sensível”, onde prevalecem as referências sensoriais na sua relação com o conhecimento. O aluno dá um salto qualitativo nesse ciclo quando começa a categorizar os objetos, classificá-los e associá-los (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 23).

4.5 - A experiência das Atividades Circenses em uma turma do terceiro ano.

Como forma de introdução, trouxemos um rápido debate sobre o conceito de Educação Física, sustentados no Coletivo de Autores, considerando a cultura corporal como eixo da disciplina, na busca de

Desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 26)

Os alunos identificaram como conteúdos da Educação Física, somente alguns esportes como futebol e vôlei, além de brincadeiras e corridas, inclusive esses últimos foram os conteúdos mais presentes nas aulas deles. Fomos perguntando se eles achavam que elementos da cultura corporal como dança, circo, malabarismo, palhaçaria poderiam ser tema de nossas aulas, e acabaram respondendo que não. Então, comentamos que todas as atividades que o ser humano criou ao longo da nossa existência, que se expressavam através do corpo, eram então conteúdos da nossa disciplina, e então foram compreendendo e aceitando essas manifestações não muito comuns como parte da Educação Física.

A partir disso, trouxemos para conhecimento dos alunos que iríamos trabalhar com as atividades circenses, e logo partimos para o saber das crianças em relação ao circo para então definir um conceito deste conteúdo; as crianças “logo falaram do palhaço, do malabarista, do mágico, do globo da morte, muitos afirmaram que já haviam ido ao circo”. (ANEXO D, p.89). Utilizamos um vídeo com o título A História do Circo (2012) e a

utilização do seguinte texto escrito no quadro e anotado pelos alunos no caderno de Educação Física com eixos principais do vídeo:

A história do circo:

As atividades circenses surgiram a milhares de anos atrás, em lugares como a Grécia, China, Índia.

O circo como conhecemos hoje surgiu na Roma antiga.

O primeiro circo foi chamado de Circus Máximus, com apresentações de corrida de cavalo e animais selvagens.

Com o tempo outras apresentações foram surgindo no circo, como os malabares, o palhaço, o equilibrista, o trapezista, engolidores de fogo e outros.

Com o tempo também começaram a se apresentar em outros lugares, como praças e feiras.

O circo começa no Brasil por volta de 1800, nas comunidades mais pobres com apresentações de palhaços. Com o passar do tempo foram incluindo novas atividades.

O palhaço brasileiro tinha característica de ser mais brincalhão, divertido e alegre, enquanto o palhaço europeu se comunicava com o público através da mímica.

Vamos brincar de circo? (ANEXO C, p.82)

Após um processo de definição das Atividades Circenses chegamos à conclusão de que são todos os elementos presentes no circo.

A partir da compreensão dos diversos elementos do circo, informamos aos alunos que planejávamos trabalhar com dois módulos: com a palhaçaria e o malabarismo, entendendo o curto período de intervenção e a importância de se apropriar com qualidade dos conhecimentos relativos a esses temas; posteriormente, pensamos que poderíamos ter elegido os temas junto com os alunos.

Ao iniciar o módulo da palhaçaria, buscamos ensinar algumas características de palhaços europeus e brasileiros, por exemplo, a mímica que é característica dos europeus, e a comédia e agitação dos palhaços brasileiros (sem pesquisa científica, apenas sites como fonte).

Organizamos algumas atividades onde eles puderem expressar corporalmente as diferentes características dos palhaços; com a brincadeira denominada por nós de “espelho”, os alunos em duplas expressavam sentimentos de alegria, tristeza, dor, fome, amor, choro, entre outros, utilizando tanto a mímica quanto expressões orais. Nesta atividade os alunos riram praticamente o tempo todo com as expressões dos colegas, porém um dos alunos com diagnóstico de autismo não foi inserido tão bem na atividade.

Também com outra atividade buscamos trabalhar a imitação, onde em duplas também, os alunos percorreram um trajeto desejado por um deles, e o outro seria a “sombra” deste, imitando todos os seus movimentos; nessa atividade, “os alunos também ficaram muito

animados, o que se mostrou nas risadas e na velocidade com que se movimentavam” (ANEXO D, p.90), inclusive com o aluno com diagnóstico de autismo se inserindo totalmente na atividade.

Sobre a expressão corporal do palhaço, Silva (2017) sustenta que é um dos elementos essenciais na estruturação do palhaço, e contribui com a seguinte colocação:

A expressão corporal de um palhaço é um dos elementos essenciais na estruturação deste personagem (...), agrega-se ao corpo outros elementos como a musicalidade, a teatralidade (...), e a caracterização visual (...) que o palhaço circense brasileiro vem desenvolvendo a séculos. (SILVA, 2017, p.158)

Já sobre a mímica, o mesmo autor sustenta que “é uma técnica de expressão estabelecida nas artes cênicas que tem um componente muito potente: a ludicidade.” (SILVA, 2017, p. 154).

Outra atividade que contribuiu para o aprendizado sobre a palhaçaria foi denominada de “o feitiço volta contra o feiticeiro”, onde buscamos trabalhar a interpretação de personagens e montagem de uma pequena apresentação; ao final da brincadeira, interpretaram ao todo saci pererê, fantasma, cachorro, malabarista, canguru, movimentos de pular e de plantar bananeira.

Realizamos também alguns momentos em que os alunos deveriam criar pequenas apresentações para o restante da turma, utilizando objetos que disponibilizamos, como chapéus, jornal, bola, cadeira, lenço, clave, bolinha, entre outros. Em um primeiro momento dessas atividades, não chegamos a planejar muito bem o espaço, mas em momentos seguintes pensamos melhor o espaço da sala, organizando um local onde ficaria o “público” e uma espécie de palco onde os palhaços se apresentariam.

O ápice das aulas com o tema da palhaçaria foi quando realizamos uma pintura facial e colocação do nariz de palhaço em nós e nas crianças, tentando então trabalhar a questão estética do palhaço; formamos três fileiras com os alunos, onde cada fileira seria pintada por um dos estagiários ou pela professora de Educação Física. Durante a atividade os alunos ficaram muito dispersos, ocasionando certo incômodo nas turmas em volta. É preciso pensar sobre a metodologia para realizar a pintura, pois é interessante que durante a pintura o resto dos alunos não fiquem apenas esperando por sua vez, e que também possam realizar a sua própria pintura ou a de um colega. Após a pintura, externalizamos a atividade para todo o interior da escola, percorrendo o espaço realizando novamente a brincadeira da sombra, porém alguns alunos não se mostraram tão interessados na atividade.

Como forma de finalização do módulo da palhaçaria, realizamos uma atividade teórica onde os alunos deveriam completar um texto elaborado por nós, com as seguintes palavras: Espelho, palhaço, alegre, nariz de palhaço. Estas remetiam a características do palhaço e algumas atividades que realizamos:

O _____ é um dos elementos do circo, além do malabarista, trapezista, _____ equilibrista, _____ entre _____ outros. Ele tem por característica ser _____, brincalhão, e se comunica usando _____ mímicas _____ ou _____ através _____ da _____ fala. Nas aulas de Educação Física, nos transformamos em palhaço, utilizando suas diversas formas de se expressar, como a sombra, o _____, apresentações, e por fim a pintura do rosto e o _____. (ANEXO C, p.84)

Antes de iniciar o módulo do malabarismo, realizamos um resgate das aulas de palhaçaria e do conceito de atividades circenses, entendendo ser importante essa retomada para se situarem no conteúdo que estávamos trabalhando.

Como forma de introdução deste módulo, trouxemos um texto que trazia um breve resumo da história do malabarismo no mundo e na nossa região, como também algumas possibilidades de realização.

O malabares existe há cerca de 4000 anos. No começo os malabaristas eram muito adorados, pois proporcionavam alegria aos reis e a população, se apresentavam em eventos religiosos e feiras. Mas houve um tempo em que esses artistas foram proibidos de fazer suas apresentações em lugares públicos. Na nossa região, os malabares chegaram em torno de 1980, com artistas e viajantes vindos da Europa. Hoje podemos ver apresentações de malabaristas nos circos, em praças públicas, nas sinaleiras e em outros lugares. Podemos praticar malabarismo com bolinhas, claves, argolas, bastões, e também com outros objetos como sacola, lápis, borracha e caderno. (ANEXO C, p.84)

Alguns vídeos de malabaristas que manipulavam diferentes objetos foram exibidos, onde tentamos abarcar malabaristas em circo na rua (na busca de trazer um olhar sobre a diferença entre o malabares espetacularizado e o popular), mulheres malabaristas (para as meninas conseguirem se enxergar nas atividades, visto que a maioria dos vídeos são de homens realizando), e o malabares com fogo (e diversas aulas mencionaram o elemento fogo como atrativo).

Partimos então para a conceituação do malabarismo, com base nos vídeos e nas experiências de cada aluno, fomos mediando um debate para chegar ao princípio de que malabares é toda manipulação de objetos, que os alunos que faziam embaixadinhas ou que equilibravam algum objeto com o corpo também eram malabaristas.

No decorrer dos vídeos eles relatavam situações do cotidiano que tinham relação com os malabares, como por exemplo “eu vi um cara fazendo com fogo no sinal”, “meu pai pegou três laranjas em casa e começou a fazer malabares”, “fui no circo e tinha malabarista”. (ANEXO D, p. 94)

Buscamos aproximar os alunos à diferentes objetos de manipulação, tanto objetos clássicos do malabares, como bolas, claves, devil stick, diaboló, argolas, e também objetos não clássicos, como jornal, sacola e cano de PVC. Como forma de introduzir os alunos de forma progressiva ao malabarismo e seguindo dicas de alguns malabaristas mais experientes, trouxemos a sacola e o jornal de modo que são objetos mais lentos, ficam mais tempo no ar; porém nas condições climáticas que os introduzimos (fora de sala, com bastante vento), a experiência com esses objetos não foi tão qualitativa, sendo a sacola bem pouco utilizada.

Também aproveitamos nossa experiência com o malabares e realizamos algumas demonstrações de malabarismo com os objetos disponibilizados durante as aulas, inclusive em uma das aulas utilizamos um devil stick com fogo, causando alvoroço na turma:

Após todos experienciarem os objetos, apresentamos a surpresa, o devil stick com fogo, nesse momento todos ficaram vidrados, demonstrando surpresa (durante a exibição dos vídeos referentes aos malabares eles falavam muito do malabares com fogo), muitos nunca tinham visto pessoalmente, foi algo que lhes despertou muita atenção, porém a demonstração foi rápida por questão de segurança. (ANEXO D, p. 95)

Utilizamos alguns poucos momentos em que deixamos os alunos criarem suas formas de jogar, onde apenas disponibilizamos os materiais clássicos mencionados anteriormente; destes momentos, surgiram algumas formas diferentes de jogo, e algumas que simulavam outras brincadeiras: “Alguns alunos optaram por jogar em duplas, trocando as argolas ou bolinhas, outros utilizaram as bolinhas e as argolas para brincar de acerto o alvo, e também houveram alguns que utilizaram as claves e as bolinhas simulando o beiseboll...” (ANEXO D, p.96)

Após certa aproximação dos alunos à esses objetos, partimos então para a confecção de alguns objetos clássicos do malabares: argolas, bolinhas e claves, e decidimos que esses objetos pertenceriam à toda a turma após confeccioná-los, e para tanto iríamos construir também uma caixa dos malabares para guardar os objetos confeccionados.

As argolas foram confeccionadas utilizando fita Silver Tape, um pedaço de mangueira cristal de dezesseis milímetros com cerca de trinta centímetros de comprimento e um pedaço pequeno de bambu para oferecer maior resistência para não romper a argola; cada argola foi construída por uma dupla, sendo primeiramente demonstrado pra eles qual era o “passo a passo”, e em seguida auxiliando-os na construção de suas argolas; a construção das

argolas aconteceu em uma pequena praça da escola, sob a sombra de uma árvore com um clima agradável. Após a construção, realizamos algumas atividades de manipulação da argola, tentando trabalhar um pouco de precisão de lançamento delas (longe, perto, forte, fraco, alto e baixo), em duplas e individualmente, e também um período de experimentação livre.

As bolinhas foram confeccionadas dentro da sala de aula devido a chuva, deste modo organizamos as carteiras em círculo de modo que todos pudessem se ver e também para facilitar a explicação do “passo a passo”. Utilizamos painço, balão, tesoura e demos a opção de utilizar funil ou papel filme. Devido a cor do balão ficar em evidência na bolinha, alguns alunos se preocuparam em escolher a cor do balão, “por haver cores diferentes de balão, quase todas as meninas e alguns meninos pediram balões vermelhos, já os outros não se preocuparam muito com a cor” (ANEXO D, p. 97).

Um aluno não conseguiu encher o balão, o que era necessário para o painço entrar, e outro aluno estourou o balão ao encher, causando uma enorme gargalhada na turma. Os que terminavam mais cedo partiram para a produção de uma segunda bolinha, sendo que alguns também escreveram seus nomes nas bolinhas. A organização da sala após a produção das bolinhas foi complicada, pois apesar de solicitarmos ajuda, poucos alunos se dispuseram a colaborar, sendo que esses queriam principalmente varrer a sala. Realizamos também algumas atividades de manipulação das bolinhas, individualmente e em duplas, onde introduzimos também a “postura do malabarista”, que é uma postura característica dos malabaristas. Durante as atividades em duplas, “percebemos que diversos alunos não possuíam coordenação motora para lançar a bola próximo ao colega, e também para recepcioná-la, ocasionando em várias bolas descendo o pequeno barranco ao lado da praça” (ANEXO D, p.98).

Outra atividade

Foi lançar a bolinha realizando a contagem de 1,2 (1 quando lançava e 2 quando recebia com a outra mão), porém durante a atividade percebemos que eles acrescentaram um desafio, que consistiu em contar o máximo de vezes que eles lançavam de uma mão à outra sem deixar a bolinha cair. (ANEXO D, p. 98)

Em aulas posteriores a da produção das bolinhas, alguns alunos vinham mostrar bolinhas que haviam produzido em casa.

Também realizamos atividades que consistiam em os alunos elaborarem uma pequena apresentação com as bolinhas e argolas, onde tentamos trabalhar três momentos da apresentação: a entrada do grupo a se apresentar, a apresentação propriamente dita e o momento final com agradecimento do grupo que apresentou, além dos aplausos do “público”.

Separamos um espaço onde o grupo se apresentava, e um espaço com tapetes para o “público”, que era constituído pelo restante dos alunos. Apenas uma aluna não quis participar desta atividade, alegando estar envergonhada. Posteriormente realizamos um momento de avaliação, onde “algumas alunas falaram que a aula tinha sido demais pois durante as apresentações parecia que estavam em um circo, tendo que preparar a apresentação e se apresentando para o público, também relataram que estimulava a criação e isso era muito importante” (ANEXO D, p.99).

Pela nossa aproximação do malabarismo com bolas, realizamos algumas manipulações com as bolas produzidas pelos alunos, gerando empolgação e causando uma impressão nos alunos, onde alguns comentaram que gostariam de fazer igual a nós.

Após a produção das argolas e das bolinhas, partimos para a produção da caixa do malabares, como forma de organizar o material produzido, e também a elaboração da caixa como forma de avaliação da turma. Distribuímos algumas folhas, onde os alunos deveriam desenhar elementos trabalhados nas aulas, tanto da palhaçaria como do malabarismo, que posteriormente seriam colados na caixa do malabares. O problema com as cores dos balões na produção das bolinhas se repetiu com as cores das folhas que os alunos recebiam, “As folhas eram de diversas cores, a maioria das meninas escolheu rosa, algumas diversificaram nas cores, e os meninos escolheram cores distintas (azul, verde, rosa)” (ANEXO D, p.98). A partir dos desenhos, surgiram elementos diversos, “desenharam a estrutura do circo, palhaços, malabaristas, equilibristas, animais (foca equilibrando uma bola), o passo a passo da produção dos materiais e brincadeiras realizadas durante as aulas” (ANEXO D, p.98), apesar de dois alunos que não estavam muito motivados com a atividade.

Partimos então para a produção do último objeto que planejamos construir, as claves. Fizemos uma pequena demonstração de manipulações possíveis com a clave, tanto equilibrando ela quanto lançando para cima, como forma de estimulá-los. Para produzir as claves utilizamos cano de PVC de vinte milímetros e trinta centímetros de comprimento, garrafa pet de quinhentos e dez mililitros, e fitas isolantes coloridas (amarela, vermelha e verde). Distribuímos para cada aluno um dos materiais por vez, primeiro o cano de PVC e depois as garrafas; também houve certo conflito pela escolha das garrafas, visto que elas tinham características diferentes. A princípio planejamos em eles mesmos passarem por todo o processo de construção, mas vimos que eles não tinham um fácil manuseio das fitas, o que implicaria em as claves ficar comprometidas, então decidimos auxiliá-los na inserção das fitas, tanto para fixar o cano de PVC dentro da garrafa, quanto para fixar a tampinha no cano de PVC. Ao terminarem as claves, disponibilizamos pedaços das fitas isolantes para eles

enfeitarem suas claves. Dois alunos não quiseram participar da produção das claves, um alegou dor de cabeça e o outro alegou enjoo, porém com auxílio da professora de Educação Física observamos que eles estavam simulando suas incomodações, então a professora encaminhou um bilhete em suas agendas comentando aos pais sobre essa situação.

Partimos então para a experimentação das claves, onde estimulamos eles primeiro a explorar formas de equilíbrio com diferentes partes do corpo, com a cabeça, braços e pernas, e depois formas de lançamento diferentes, lançando com giros, por de baixo das pernas, individualmente e em duplas.

Como forma de encerramento das intervenções, elaboramos um vídeo com registros visuais de momentos de diversas aulas ao longo da nossa intervenção. “Durante a exibição as expressões de surpresa e felicidade, ao se observarem durante as aulas; no fim da primeira exibição, pediram para rever o vídeo; na segunda exibição, alguns começaram a “prever” as imagens que apareceriam, [...]” (ANEXO D, p.100). Uma situação nos incomodou nesse momento de encerramento, pois planejamos realizar uma atividade de avaliação com a turma sobre as aulas de Atividades Circenses, porém quando nos dirigíamos ao local planejado, o diretor da escola nos avisou que estava no momento de um lanche coletivo dos anos iniciais, em virtude das festas juninas; porém não havíamos sido avisados, e planejamos aquele espaço no sentido de ser um ótimo momento de avaliação.

5. REFLEXÃO ACERCA DAS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS:

Após a conclusão das intervenções, conseguimos elencar algumas estratégias metodológicas que tiveram papel muito importante nas nossas aulas, como a historicização dos conteúdos, a construção dos brinquedos, os espaços físicos utilizados e a avaliação processual.

5.1- Historicização dos conteúdos

No capítulo dois, debatemos sobre a história da Educação Física escolar e suas concepções. Vimos que a repetição do gesto técnico e a disciplina do corpo foram formas predominantes de apresentar os conhecimentos, em geral da ginástica ou do esporte, aos alunos. Com o período renovador da Educação Física, novas abordagens se opuseram a este paradigma, estabelecendo novos conteúdos para as aulas e também outra abordagem de transmissão dos conhecimentos.

Nesse sentido, a abordagem Crítico-superadora, que nasce deste contexto de enfrentamento, propõe a noção de historicidade da cultura corporal como estratégia

fundamental para a prática pedagógica. “É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.39). É importante frisar que essas atividades corporais foram construídas a partir de necessidades e desafios que o ser humano foi passando em diversas épocas históricas.

O conhecimento então também deve ser tratado em sua forma historicizada, procurando compreendê-lo desde sua origem, de forma a possibilitar a visão de que a história sofre diversas transformações, não sendo portanto linear, contribuindo na compreensão do aluno enquanto sujeito histórico, capaz de interferir nos rumos da sua vida privada e também da vida social (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Apesar de os conteúdos de ensino das aulas se configurarem pelas atividades corporais institucionalizadas, a visão de historicidade tem um objetivo de compreender que a produção humana é histórica, inesgotável e provisória, instigando também o aluno a assumir o papel de produtor de outras atividades, que de acordo com o movimento histórico, poderão vir a ser institucionalizados (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Isso não significa que o ensino do gesto técnico não deva ser um modo de abordar o conhecimento relativo a algum elemento da cultura corporal. Porém, para ampliar a reflexão pedagógica dos alunos, na perspectiva da lógica dialética, podemos abordar o gesto técnico, desde que historicizado desde seu surgimento, tanto o elemento da cultura corporal num sentido histórico, quanto o processo de modificação e transformação de seus fundamentos.

A metodologia busca a apreensão do conhecimento específico da Educação Física tratando-o a partir de uma visão de totalidade, com a presença do singular de cada tema da cultura corporal, sendo a expressão corporal entendida como linguagem social e historicamente produzida. Essa visão de totalidade se constrói por meio da contribuição de diferentes ciências na explicação da realidade.

Porém a mera apresentação de nomes, datas e fatos isolados e num caráter de oficialidade não condizem com uma abordagem crítica em relação ao conteúdo, pois da noção apenas de uma sucessão cronológica de acontecimentos Borkenhagen (2006). Segundo o autor, é necessária uma contextualização histórico-cultural, no sentido de potencializar a “capacidade de entender a história como resultado da própria ação humana no tempo, e que por isso, todos somos, consciente ou inconscientemente, construtores e produtos da história e, conseqüentemente, da cultura” (BORKENHAGEN, 2006).

Tendo em vista que a turma na qual realizamos a intervenção se situa no primeiro ciclo de escolarização, o tema da historicização assume uma perspectiva mais próxima, como suas

categorizações, mas não menos importante, ainda que no primeiro ciclo seja o momento de “organização da identidade dos dados da realidade [...] onde prevalecem as referências sensoriais na sua relação com o conhecimento” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 35).

Logo em nossa primeira aula,

Exibimos um vídeo que contava a história do circo e as transformações do palhaço utilizando desenhos, por ser um vídeo curto e de fácil compreensão consideramos boa a proposta, houve um grande interesse por parte dos alunos, alguns já memorizavam elementos que o vídeo mostrou, para ficar mais compreensível exibimos novamente o vídeo, agora colocando no quadro as principais informações do circo, onde começou, qual foi o primeiro circo, como era e como é, o que contém no circo e a diferença entre o palhaço europeu e o brasileiro. (ANEXO D, p.89)

Pelo motivo de vários alunos terem faltado nesta primeira aula, exibimos novamente o mesmo vídeo: “Passamos o vídeo da última aula sobre a história do circo novamente, [...] então iniciamos uma leitura coletiva de um texto que elaboramos previamente, com elementos do vídeo assistido, e que deveria ser colado no caderno de Educação Física” (ANEXO D, p.90).

A história do circo gerou uma conversa ao final da mesma aula na roda de avaliação, com os alunos trazendo elementos do vídeo: “comentaram alguns elementos do vídeo da história do circo, a importância do palhaço, as diferentes formas de o palhaço se expressar” (ANEXO D, p.90).

Com o início do tema do malabarismo, procuramos também trazer seu aspecto histórico, através da elaboração de um breve texto colado no caderno de Educação Física, e realizando uma leitura coletiva em seguida.

Em outro momento, a historicização voltou a ser tematizada através dos alunos:

Ao entrar na sala, percebemos uma nova aluna, [...] e que também nos foi avisado pelos próprios alunos, e incluída na chamada. Após a chamada, pedimos para que alguns falassem sobre o conteúdo que estávamos trabalhando para a nova aluna; os alunos trouxeram diversos elementos trabalhados nas aulas, os temas da palhaçaria e malabarismo, brincadeiras realizadas, história do circo. (ANEXO D, p.96)

Apesar de não tematizar a historicização dos temas em muitas aulas, foi possível observar certa apropriação do processo histórico do circo, do palhaço e do malabares, tanto através das falas, quanto em algumas atividades de desenho que propusemos em certos momentos.

Ressalto a importância da historicização dos conteúdos por parte dos professores, num sentido de totalidade do conteúdo, e também na perspectiva de dar consequência às práticas

corporais realizados pelos alunos, muitas vezes de forma reproduzida de sua institucionalidade.

5.2- Construção dos brinquedos:

Segundo Kishimoto (1998), é possível situar na antiga Roma e na Grécia o nascimento das primeiras reflexões em torno da importância do brinquedo na educação; Platão (apud Kishimoto, 1998), em seu diálogo denominado *Les Lois*, comenta a importância de se aprender brincando, em oposição à utilização da violência e da opressão. Já Aristóteles (apud Kishimoto, 1998), sugere o uso de jogos que imitem atividades sérias, de ocupações adultas, como forma de preparo para a vida futura de crianças pequenas.

Porém, é no século XX que iniciam as produções de pesquisas e teorias que discutem a importância do ato de brincar para a construção de representações infantis, com estudos e pesquisas realizados por Piaget, Bruner, Vigotsky, entre outros.

Para Vigotsky (1998), o brinquedo tem intrínseca relação com o desenvolvimento infantil, principalmente na idade pré-escolar. Apesar de não ser o único aspecto que predomine na infância, é o que oferece maior avanço cognitivo da criança, segundo o autor. O brinquedo possibilita à criança a apropriação do mundo real, domínio de conhecimentos, de se relacionar e integrar culturalmente.

O brinquedo permite a criança ir além do seu comportamento habitual. Ao brincar e criar alguma situação imaginária, ela pode assumir diferentes papéis, e procurará seguir as regras de comportamento de determinado papel; ao procurar representar, por exemplo, o papel de uma mãe ou um pai, ela irá agir de acordo com as características de mães e pais que fazem parte do seu universo de relações.

Na interação com o brinquedo, a imaginação da criança é humana e consciente, que surge da ação, a qual está mais ligada com alguma representação de situações de alguma forma vivenciadas pela criança no seu meio sócio-cultural, do que puramente à imaginação (Vigotsky, 1998).

Segundo Leontiev (1998) “não é a imaginação que determina a ação, mas são as condições da ação que tornam necessária a imaginação e dão origem a ela”. (p. 127). As condições da ação podem ter alterações, porém o conteúdo e a sequência da ação correspondem à uma situação real. Como exemplo de uma criança que brinca de vendedor, o produto que ela destina à venda pode ser substituído, porém a sequência de ações compreendidas no ato de vender pela criança não são alterados.

A brincadeira é primordialmente a forma com que a criança começa a aprender, tendo em vista suas condições concretas e o lugar que ocupa na sociedade. Para a Educação, o

brinquedo e a brincadeira desempenham um papel importante: “cria na criança uma zona de desenvolvimento proximal, que é por ele definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, [...] , e o nível de desenvolvimento potencial” (VYGOTSKY, 1998, p.112). A zona de desenvolvimento real se refere ao que a criança já consolidou no desenvolvimento, sendo um nível de realização de forma autônoma, sem auxílio de outras pessoas; a zona de desenvolvimento proximal se refere à alguma situação em que os processos mentais estão em construção, sendo aquilo que a criança realiza apenas com auxílio, mas que “amanhã” terá condições de realizar autonomamente; a zona de desenvolvimento potencial é o trajeto da zona real até a finalização do desenvolvimento proximal.

Dessa forma, passou a ser considerado que o ato de brincar sofre intensa influência da cultura na qual está inserida a criança, e que acaba refletindo nas suas condutas lúdicas. A partir disso se inicia uma valorização dos brinquedos e brincadeiras tradicionais como nova fonte de conhecimento e de desenvolvimento infantil; porém também, a expansão dos brinquedos advém de outros fatores, como o comercial, sendo impulsionada pelas propagandas de Natal (KISHIMOTO, 1998).

Atualmente, as indústrias de brinquedos tem a hegemonia nas produção dos mesmos, e dificilmente uma criança compreende o processo de produção deste elemento tão presente no seu cotidiano. No Brasil até os anos de 1920 não existiam fábricas de brinquedos, vindo a existir nos anos de 1930, porém sem grande alcance territorial. Até poucas décadas depois a aquisição de brinquedos ainda se dava através da construção dos mesmo.

A construção de brinquedos desempenha um papel muito importante no desenvolvimento do conhecimento da criança. Bortoleto (2008) aponta nesse sentido: “O fato de construir o próprio material permite ainda descobrir diversas possibilidades de variação desses materiais, [...] ademais, constitui-se um momento importantíssimo para a pedagogia uma vez que possibilita conhecer em profundidade as características dos objetos” (p.243).

Durante a intervenção com as Atividades Circenses, realizamos a construção de alguns brinquedos como argolas, bolinhas, claves, além de uma caixa para guardar estes objetos, tanto no sentido citado no parágrafo anterior, como também no sentido de explorar o conhecimento para o máximo de possibilidades possível, entendendo que seu processo de construção também remete a um conhecimento do conteúdo, no caso o malabares. A abordagem crítico superadora que orientou a intervenção não faz menção a esta possibilidade metodológica, a não ser ao delimitar o conteúdo Jogo para o primeiro ciclo de escolarização:

“k) Jogos cujo conteúdo implique a elaboração de brinquedos, tanto para jogar em grupo como para jogar sozinho.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 68).

Em nossa décima intervenção, construímos com os alunos as argola, utilizando um pedaço de mangueira, um pedaço de bambu e fita Silver Tape. “Na praça ao lado do refeitório foi realizada a distribuição das mangueiras por duplas, demonstramos como era feito e solicitamos que uma pessoa da dupla segurasse a mangueira e a outra passasse a fita envolta”. (ANEXO D, p.95)

Em nossa décima primeira intervenção, realizamos a construção das bolinhas de malabares, utilizando balão, painço, funil, papel filme e tesoura. Realizamos um passo a passo com o material necessário e em seguida distribuimos os materiais aos alunos, sendo que poderiam optar entre utilizar o papel filme ou o funil; apenas dois alunos utilizaram papel filme.

Após isso, fomos para a construção propriamente dita:

Fizemos passo a passo a confecção das bolinhas, solicitando para que encaixassem o balão na ponta do funil primeiramente, alguns encontraram dificuldade; após todos terem encaixado, distribuimos o painço aluno por aluno; todos com painço, demonstramos que deveriam encher o balão de ar com a boca para o painço entrar de fato no balão, [...]; com o painço dentro do balão de todos, pedimos então para retirarem o balão do funil, e fazerem um nó ou cortar a sobra do balão, muitos fizeram nó, e poucos cortaram, e em seguida explicamos que deveria ser colocado pelo menos mais um balão para oferecer maior resistência à bolinha, [...]” (ANEXO D, p.97)

Durante a construção, surgiram elementos para serem considerados em posteriores construções de bolinhas com esta faixa etária: um aluno não conseguiu encher o balão, diversos alunos não conseguiram cortar o balão com a tesoura, e a cor do balões, que entre as meninas gerou uma preocupação em pegar os de cor vermelha.

Posterior a construção das bolinhas, passamos para a construção da caixa do malabares. Distribuimos várias folhas aos alunos e pedimos para que eles, através de desenhos, colocassem elementos que eles mais gostaram sobre as aulas, tanto para decorar a caixa, porém também como forma de avaliar a assimilação do conteúdo por parte dos alunos.

O último brinquedo produzido foi a clave. Utilizamos cano PVC, garrafa pet de 600 ml, tampa da garrafa e fitas isolantes coloridas. Iniciamos demonstrando algumas formas diferentes de manipular a clave e levantando os materiais necessários, em seguida distribuimos a garrafa pet e o cano de PVC. “Inicialmente planejamos que eles construíssem as claves, porém, pela dificuldade de manuseio da fita e pela pouca quantidade de fita, foi necessário interferir e auxiliar na colagem do cano na garrafa.” (ANEXO D, p.100). Ao

finalizarem a colagem da garrafa e da tampinha no cano, distribuímos pedaços de fitas isolantes nas cores verde, vermelho e amarelo, para eles decorarem suas claves.

A metodologia de construção dos brinquedos teve fundamental importância para nossa intervenção, sendo através desse processo que se reverbera até hoje principalmente os malabares por alguns alunos da turma, que mesmo após um ano da nossa intervenção, nos lembram das aulas e relatam que continuaram a construir principalmente bolinhas de malabares.

5.3 Espaços pedagógicos

A Educação Física escolar necessita de espaços diferenciados na escola, pois engloba uma variada gama de conteúdos, e tomando a direção do PCN, que traz como elemento imprescindível da Educação Física a possibilidade de desenvolvimento da cultura corporal do movimento, através dos jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças (BRASIL, 1997), é preciso de minimamente espaços voltados à essas práticas.

Ainda hoje nenhum documento oficial traz a obrigatoriedade dessa delimitação espacial de forma clara.

Soares Neto et al. (2013) contribuem com uma pesquisa na qual realizou uma classificação sobre a estrutura das escolas do país, com base nos dados de 194.932 escolas do Censo Escolar de 2011, chegando ao número assustador de apenas 15,5% das escolas com estrutura adequada/avançada, o que incluiria ter uma quadra poliesportiva ou um parque infantil.

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito na época de nossa intervenção, dispunha dos seguintes espaços físicos, segundo o PPP:

10 salas de aula, 1 sala informatizada, 1 biblioteca, 04 espaços socráticos, 1 sala multiuso, 1 ginásio de esportes, 1 secretaria, 1 sala de direção, 1 sala de auxiliares de ensino, 1 sala de professores, 1 sala de coordenação pedagógica, 1 sala de planejamento, 1 sala de apoio pedagógico, 1 cozinha e depósito, 1 refeitório, 1 almoxarifado, 6 banheiros, 1 banheiro adaptado e 1 depósito de material de limpeza. (PPP, 2015, p.8)

Durante elaboração do projeto de estágio, julgamos serem interessantes para as aulas: a sala de aula, o ginásio, dois pátios, uma grande rampa, biblioteca, sala informatizada e alguns corredores.

Ao planejar as 17 intervenções com as atividades circenses, pretendíamos ocupar diversos espaços internos da escola, tanto como modo de ressignificar os espaços, integrando-os ao objetivo das nossas aulas, tanto em deixar os alunos mais a vontade em espaços que eles

ocupam apenas no início/fim das aulas e no recreio, como também de romper com o tradicional espaço da Educação Física na escola, o ginásio/quadra poliesportivo/a. Também não negamos a importância de um ginásio/quadra para as nossas aulas, pois é um bom espaço para outras práticas corporais também além do esporte, porém tudo se remete a ele, desde presença de tabelas, traves, postes de vôlei, as várias marcações na quadra, arquibancadas, como era o caso do ginásio da escola que acolheu a intervenção.

Esses espaços tradicionais das aulas de Educação Física se devem à própria história da Educação Física dentro da escola, com forte influência esportiva, e ainda assim de alguns esportes específicos, em geral futsal, vôlei, basquete e handebol.

Após o movimento de renovação da Educação Física na década de 80/90, começou a se questionar a função e os conteúdos da mesma dentro da escola, e então começou-se a propagar outras práticas corporais para além dos esportes e utilização de outros espaços físicos para além da quadra.

Os parâmetros Curriculares da RME de Florianópolis traz uma grande contribuição:

Por outro lado, ao se compreender o espaço, são desafiadores também tanto (i) a resignificação dos usos de quadras e ginásios, espaços que se tornaram historicamente centrais para as aulas de Educação Física, muito em função da hegemonia da prática do esporte como conteúdo quase que exclusivo da disciplina, quanto (ii) a utilização de outros ambientes escolares – mas também daqueles que estão nas imediações das instituições –, como salas informatizadas e/ou de vídeo, laboratórios, salas de dança, salas multimeios, bibliotecas e salas de aula etc. Isso porque, conforme o entendimento da função da Educação Física como Componente Curricular aqui explicitado, esses e outros espaços passam não apenas a ser requeridos, mas, também, legitimados para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, na medida em que outros conhecimentos e dimensões das manifestações da cultura corporal de movimento precisam e devem ser ensinados e aprendidos. (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 137)

Com visitas à 34 das 36 escolas da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis em 2014, Costa (2015) constatou que haviam 11 ginásios e 8 quadras cobertas distribuídos pelas escolas da rede, sendo apenas duas sem quadra ou ginásio no momento da pesquisa; uma das unidades declarou que a inauguração da quadra seria feita posteriormente a visita do pesquisador, e a outra unidade era por opção da comunidade, segundo o pesquisador “há uma intenção de manter o espaço da escola o mais integrado possível a uma ideia de comunidade alternativa, que é característica do bairro onde está inserida.” (COSTA, 2015, p.78)

Durante a intervenção, a escola dispunha de um ginásio, o qual foi local de apenas duas intervenções. Sobre a situação do ginásio:

O ginásio da escola foi inaugurado em dezembro de 2004 e apresenta alguns problemas emergenciais, como uma pequena valeta na entrada e apenas

escadas para chegar ao piso do ginásio, o que dificulta bastante a entrada de algum aluno que possua alguma deficiência na locomoção; quando chove, se formam algumas poças d'água, e não há um ralo para escoar, dificultando então o processo de secagem da quadra, os bancos laterais de madeira também molham; boa parte da arquibancada e toda a área destinada para guardar o material da EF está ocupado com cadeiras, carteiras, caixa d'água, armários e outros objetos; as linhas da quadra estão bem apagadas; possui 15 lâmpadas para iluminação de todo o ginásio, mas apenas duas estão funcionando. Dentro do ginásio se encontra uma mesa de pebolim, um bebedouro, postes de ferro para rede de vôlei, as paredes contêm algumas mensagens (várias opressoras, de cunho lgbtffóbico), nomes de alunos e suas turmas. (ANEXO A, p.74)

Com o mesmo estudo, Costa (2015) ainda constatou a existência de 46 pátios descobertos nas unidades de ensino da rede, com diferentes tipos de piso. Grande parte de nossas intervenções ocorreram nos dois pátios da escola Beatriz de Souza Brito, um com piso misto de cimento e grama, e outro de lajotas, como a maioria dos pátios das unidades de ensino. Nos pátios da escola havia algumas árvores também, que contribuíram em uma climatização do local, porém no pátio de lajotas havia muitos desníveis entre as lajotas, o que poderia oferecer riscos dependendo da atividade, além de grande passagem de pessoas.

Porém a maioria das atividades foi realizada na sala de aula, muito em função do clima, onde enfrentamos períodos com chuva e frio, pela característica das atividades, e também pelo descarte da opção do ginásio, em virtude do seu estado de conservação. Inclusive no ano de 2017, a direção da escola interditou o ginásio, em virtude de reclamações de pais e mães de alunos, e agora aguarda uma reforma no ginásio por parte da prefeitura municipal.

5.4 Avaliação processual

Os métodos de avaliação na Educação Física Escolar dependem dos objetivos do professor, conseqüentemente de seu referencial teórico, seu projeto político pedagógico e o da escola.

Em nosso entendimento, a avaliação serve como indicador do processo de ensino aprendizagem em relação a esses elementos dependentes da avaliação, como contribui o Coletivo de Autores: “tarefa de indicar o grau de proximidade ou afastamento do eixo curricular, norteador do projeto pedagógico, que se materializa na aprendizagem dos alunos.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pg. 12)

Como vimos no capítulo 3, a Educação Física passou por diversos momentos e entendimentos a cerca de sua identidade e legitimação na escola, os quais nortearam seus processos avaliativos na escola ao longo do tempo, assim como hoje.

Durante o predomínio Higienista na Educação Física, com o objetivo de desenvolvimento do físico e da moral, realizava-se exames fisiológicos e práticos, aplicados não somente pelo professor, mas também por um médico; realizava-se avaliações utilizando por exemplo pesagens, mensurações do corpo em relação a um quadro de medidas de acordo com a idade, batimentos cardíacos, a temperatura, o suor, a fadiga, corridas, saltos, transportes de pesos, lançamentos, flexionamentos, etc (SOUZA, 2004).

Segundo o mesmo autor, os resultados fisiológicos e práticos eram colocados em uma ficha individual de cada aluno, que continha nome e sobrenome, classe, idade, peso nu, altura descalço, perímetro torácico em inspiração e em expiração, elasticidade torácica, capacidade vital, coluna vertebral, etc., assim como espaço para anotações dos resultados das provas práticas de diferentes naturezas.

No período militarista da Educação Física, com praticamente o mesmo paradigma da aptidão física que o higienista, o objetivo era a formação de corpos fortes e ágeis, tanto para o período de instabilidade devido às guerras, e também para o mercado de trabalho. A avaliação era no sentido de mensurar os corpos, com testes de força, velocidade, resistência cardiorrespiratória, flexibilidade, agilidade, destreza, dentre outras capacidades físicas dos estudantes (PONTES JUNIOR; TROMPIERI FILHO, 2011).

A avaliação contemplava apenas comportamentos humanos observáveis e mensuráveis, ou seja, uma "verificação quantitativa da extensão de conteúdos assimilados pelos alunos" (SOUZA; VOTRE, 1993, pg.122).

Posteriormente, no período esportivista (não abandonando também resquícios militares), ainda com o mesmo paradigma, os métodos de avaliação ainda eram bem próximos ao do período anterior, porém com um enfoque maior na relação do estudante com o esporte, como fundamentos e as táticas do jogo, independentemente do que ele já sabia no início (DARIDO, 2012).

Com a LDB de 1971, estipularam-se também outros critérios avaliativos, como a avaliação do aproveitamento (sendo qualitativa e quantitativa) e a apuração da presença em aula; com 75% de presença nas aulas o aluno estaria aprovado, e também no caso de não atingir esse percentual, porém conseguir aproveitamento superior à 80% da escala de notas (SOUZA, 2004).

Com o período renovador da Educação Física, onde se começou a contestar o paradigma da aptidão física, iniciou-se outro olhar para o sentido da Educação Física Escolar; os objetivos da Educação Física e conseqüentemente os critérios para avaliação começaram a explorar uma maior totalidade dos conteúdos e dos estudantes.

A abordagem crítico superadora, que deu sustentação à experiência com as Atividades Circenses, faz um apontamento neste sentido:

[...] aponta uma nova concepção e evidencia que a avaliação não se reduz a partes no início, meio e fim de um planejamento ou períodos predeterminados. Não se reduz a medir, comparar, classificar e selecionar alunos, muito menos à análise de condutas esportivo motoras, de gestos técnicos ou táticas. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 19)

Apesar de historicamente a avaliação ser realizada de forma meramente técnica, essa perspectiva considera a avaliação essencial para a compreensão da aproximação ou distanciamento dos objetivos gerais e específicos, do projeto político pedagógico e consequentemente do projeto histórico de sociedade.

Pesquisas indicam a superação da perspectiva tradicional que prioriza a quantificação e avaliação por meio de testes, por visão mais processual, abrangente e qualitativa (DARIDO, 2012).

A avaliação processual, ou formativa, é realizada ao longo das atividades realizadas por uma turma, como apresentações, tarefas, rodas de conversa e demais atividades e momentos da aula, de forma a levantar elementos dos alunos nas atividades para a constituição da avaliação, e não apenas com um teste específico como é na perspectiva tradicional.

Durante as intervenções, procuramos organizar momentos que possibilitassem a participação dos alunos nos diversos momentos da aula, seja construindo o saber, na avaliação das atividades, na construção de elementos do malabarismo, na relação com as atividades, e todos esses momentos forneceram elementos para se realizar uma avaliação; infelizmente não conseguimos fazer os relatos das intervenções de forma qualitativa, o que seria de extrema importância numa avaliação processual.

Procuramos realizar rodas de avaliação coletivas no início e no final das aulas para os alunos colocarem suas impressões da aula, dificuldades, problemas dentro do grupo, proposta de atividades, de forma a indicar uma aproximação com nossos objetivos, de sustentação ou de transformação do projeto pedagógico; em uma roda ao final da aula realizada na quarta intervenção, alguns alunos sugeriram de realizar atividades com fogo, onde então realizamos na nona intervenção uma demonstração de Devil Stick com fogo; essa preocupação foi ao encontro a um dos aspectos que a abordagem crítico superadora aponta a ser considerado na avaliação: “As decisões em conjunto, permitindo aos alunos participarem dos rumos da avaliação” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 74)

Considerando as atividades circenses enquanto um amplo leque de temas que a constituem, não seria possível abordar todos esses elementos com o curto período de

observação. A partir disso, e preocupados com o que o Coletivo de Autores aponta como um dos aspectos consideráveis na avaliação, “O Tempo Pedagogicamente Necessário para a Aprendizagem” foi tratado com atenção; levando em conta o ciclo de escolarização da turma e suas características, selecionamos apenas dois temas para serem trabalhados: a palhaçaria e o malabarismo, de forma a oportunizar uma maior apreensão desses elementos.

Algumas outras atividades foram utilizadas para construir o conhecimento e conseqüentemente contribuíram para realizar de fato a avaliação, como desenhos que contivessem elementos da palhaçaria e do malabarismo trabalhados em sala, os quais inclusive serviram de grande indicador da apropriação do conteúdo por parte do aluno com diagnóstico de autismo; na construção das bolas, argolas e claves de malabares e sua posterior execução da técnica, que reverberaram em aulas posteriores com alunos trazendo alguns itens destes produzidos em casa e na apresentação da abertura das olimpíadas da escola, demonstrando apropriação dos elementos e da técnica de produção dos objetos; também no entendimento de estarmos alinhados com o PPP da escola, que considera “Compromisso de todas as áreas do conhecimento com a leitura e a escrita” (PPP, 2015), realizamos momentos de escrita no caderno de Educação Física sobre alguns elementos abordados em aula e a leitura dos mesmos, como da história do circo, do palhaço e do malabarismo; uma espécie de teste escrito, com elementos da palhaçaria a serem completados no âmbito de um texto, o qual indicou uma apropriação de parte dos elementos trabalhados, entendendo também que os testes/provas são o instrumento mais característico da perspectiva tradicional de avaliação, porém como aponta Smole (apud Darido, 2012), podem ser uma fonte útil de informação tanto para o professor com para o aluno, se bem utilizados.

Para o conjunto de intervenções com as Atividades Circenses, tivemos como objetivo geral de “promover a construção, reflexão e apropriação sobre alguns elementos das atividades circense, proporcionando a vivência de experiências dessa cultura [...] (ANEXO A, pg.78)

Além do objetivo geral, também elencamos cinco objetivos específicos:

- Possibilitar a experiência e apropriação de alguns elementos da cultura circense, como elementos principais o malabarismo e a palhaçaria;
- Desmistificar o malabarismo e a palhaçaria como atividades “pouco sérias”;
- Construir coletivamente bolas e claves de malabares, possibilitando a continuação da prática dessas atividades para além das aulas de EF;
- Reconhecer o contexto histórico e social do malabarismo e da palhaçaria por meio de histórias, vídeos, filmes, desenhos;
- Reconhecer, aprender e experimentar algumas expressões corporais e de maquiagem dos palhaços, e seus objetivos. (ANEXO A, pg.78)

Um elemento considerado muito importante para nós, na perspectiva de trabalho com a cultura na Educação Física, seria uma visita no local onde essa cultura acontece, experimentando a cultura viva, e também essa cultura viva que se expressa em um determinado local adentrar os muros da escola, promovendo uma maior reflexão sobre o elemento, e conseqüentemente potencializando a avaliação.

Algumas semanas depois de iniciarmos nossas intervenções com as Atividades Circenses, uma companhia de Circo se instalou no bairro, o que num primeiro momento para nós seria perfeito, onde teríamos a oportunidade de colocar os alunos de fato num ambiente circense, indo ao encontro do nosso objetivo geral, potencializando o aprendizado e angariando elementos para nossas aulas; porém encontramos uma resistência por parte da escola, que considerou o Circo em questão como ultrapassado e sem graça, desta forma se negando a organizar a ida da turma ao Circo.

Entretanto, conseguimos trazer uma família circense para se apresentar na abertura das Olimpíadas da escola, os quais montaram um palco e realizaram diversos números de malabarismo, mágica, palhaçaria, causando um grande alvoroço nos alunos em geral; previamente à apresentação da família circense, nossa turma também realizou uma apresentação, como síntese de nossas aulas, com aspectos da palhaçaria, com os rostos pintados e elementos cômicos, e também do malabarismo, onde realizaram utilizando os objetos confeccionados por eles, como as argolas, bolinhas e claves, sendo um momento crucial na avaliação da turma.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde seu surgimento até o início do XX a Educação Física no Brasil esteve vinculada aos princípios do higienismo, por influência da área médica e militar. Ainda nesta época, nas escolas, não existia Educação Física como compreendemos hoje, com diversos seus elementos constitutivos, mas existia a Ginástica, único elemento abordado nas aulas e ainda uma ginástica que excluía sua execução funambulesca, a qual tem direta ligação com o circo.

Após o fenômeno da ginástica, veio o da esportivização, principalmente durante os governos militares; a Educação Física e o esporte passam então a ser um dos principais sustentáculos ideológicos da ditadura, como forma de desarticular os movimentos de resistência e esvaziamento do debate político; na LDB de 61, a Educação Física passa a ser obrigatória em todos os ramos da escolarização.

Nos anos 80, período de reabertura democrática no país, se inicia um movimento de repensar a Educação Física, em que o predomínio do esporte, as estratégias de ensino e sua concepção foram se alterando, através da elaboração de algumas abordagens metodológicas que traziam outro trato com o conhecimento, entre elas se destacam a abordagem Crítico Emancipatória elaborada por Elenor Kunz e a abordagem Crítico Superadora por um Coletivo de Autores e que deu sustentação para a nossa experiência de ensino com uma turma do terceiro ano inicial. Nos anos 1980, a Educação Física ainda carece de uma identidade e busca sua autonomia pedagógica até nos tornamos um componente curricular obrigatório da escola, através da LDB de 1996.

É a partir dos anos 1990, que as atividades circenses passam a fazer parte, de forma ainda bastante tímida, das atividades de ensino no âmbito escolar e nos anos 2000, começam a surgir um maior número de pesquisas e publicações acadêmicas. Bortoleto e Machado (2003) e Duprat (2007) se preocupam em classificar as modalidades circenses em dois modos: os primeiros levando em conta o tamanho do objeto da modalidade e o segundo levando em conta a ação motora envolvida na modalidade.

A partir de um breve levantamento de alguns relatos de experiência, identificamos estratégias metodológicas parecidas, como a construção de brinquedos, geralmente bolinhas de malabarismo, porém direcionadas apenas para a prática das modalidades circenses propostas, sem uma contextualização, por exemplo, social e histórica dessas atividades culturais produzidas historicamente pelo ser humano; as avaliações positivas por parte dos alunos e dos professores também se assemelha.

A inserção deste conteúdo com uma turma dos anos iniciais da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, através dos temas da Palhaçaria e do Malabarismo, foi de grande contribuição para pensar esta possibilidade de conhecimento nas aulas de Educação Física escolar. As Atividades Circenses vem também num sentido de inovação de conteúdos a serem abordados nas aulas, além de uma abordagem crítica em relação ao conteúdo apresentado.

Através da historicização dos conteúdos, apresentamos o conteúdo buscando sua totalidade, entendendo a importância da abordagem para além do gesto técnico. A construção dos brinquedos trouxe uma aproximação maior ao malabarismo, considerando a construção parte do conhecimento produzido historicamente e com o potencial de estimular uma contínua realização do malabarismo para além da intervenção.

A diversificação dos espaços físicos utilizados nas aulas, passando a utilizar outros espaços diferentes dos tradicionais e onde os alunos, no seu tempo livre, costumam utilizar para realização das brincadeiras sem mediação dos professores. Com isso, buscamos fazer com que os alunos ficassem mais a vontade, aumentando seu interesse e condições para participarem das atividades. Já a avaliação processual se mostra como necessária para superar os testes puramente quantitativos que não dão conta de realizar um diagnóstico da aproximação dos alunos com os conteúdos abordados em sala; para isso, a própria estrutura metodológica da aula deve mudar em relação às aulas tradicionais.

Algo que dificultou uma maior compreensão do ensino das Atividades Circenses com uma turma dos anos iniciais foi a elaboração pouco qualitativa dos registros de intervenção, os quais são extremamente importantes para uma memória das atividades e que nos possibilite uma compreensão adequada da experiência de ensino. Porém, os registros elaborados nos permitiram identificar os principais fundamentos do trabalho, as atividades e estratégias para se pensar metodologicamente o ensino deste conteúdo nas aulas de Educação Física.

A ida que nos foi desencorajada pela escola ao Circo que esteve estacionado nas proximidades desta comunidade é um dado importante pois revela todo preconceito com relação ao tema e a prática cultural além de dificultar a realização desta proposta de ensino, no momento em que realizávamos a atividade, onde poderiam debater sobre os problemas que a escola apresentou do Circo em questão.

Pessoalmente, esta experiência teve fundamental importância na minha formação, e principalmente em me enxergar enquanto futuro professor, que precisa considerar diversas questões que são determinantes para a atuação docente, como compreender a conjuntura escolar e de seu bairro, conhecer com mais propriedade os nossos alunos, procurar manter uma boa relação com os diversos trabalhadores que constituem a unidade escolar sem discriminação por seu cargo, e também por ter a certeza de que a luta pela Educação Pública, Gratuita e Laica é extremamente importante e urgente, sem esquecer o horizonte de sociedade socialista, e rumando ao comunismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

A HISTÓRIA do Circo. [s.i.]: X Sarau Lítero Musical, 2012. Son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CvJZXvCrDZ0&t=7s>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

AVANCINI, M. Afogados em números. **Revista Educação** [online], Reportagens, set. 2008. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/136/artigo234432-1.asp>>. Acesso em: 17 de novembro de 2017.

BOLINO, Claudete. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: PRIMEIROS TEMPOS. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004, Curitiba. **Anais...**. Curitiba: Revista Brasileira de História da Educação, 2004.

BORKENHAGEN, Eloísa de Souza. **HISTÓRIA E CULTURA CORPO RAL DE MOVIMENTO: UMA REFLEXÃO ACERCA DE UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências, Departamento de Pedagogia, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2006

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MACHADO, Gustavo. de A. Reflexões sobre o Circo e a Educação Física. In: **Revista Corpoconsciência**, Santo André, n.12, p. 41 – 69, 2003.

_____. **Introdução à pedagogia das atividades circenses**. 1. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2008. 271 p.

BRASIL. Lei 5692/71, 11 ago. 1971. **Fixa diretrizes e bases do ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências**. Currículos plenos dos estabelecimentos de Ensino Regular de 1º e 2º graus. Belo Horizonte: Lâncer, 1988c

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, n. 9.394/96, de 20/12/1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: educação física. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1998. 114p. (PCNs 5ª a 8ª Séries).

_____. Decreto nº 6.094, de 24 de Abril de 2007. **Dispõe sobre a implementação do Plano de Metas Compromisso todos pela Educação**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 2007a. Disponível em: . Acesso em: 17 de novembro de 2017.

_____. Portaria Normativa nº 38, de 12 de dezembro de 2007. **Dispõe sobre o Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência - PIBID**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. 2007b. Disponível em: . Acesso em: 17 de novembro de 2017.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**: versão para contribuições. Brasília: Ministério da Educação (MEC), UNDIME, CONSED, 2015.

_____. **Base Nacional Comum Curricular**. versão para contribuições. Brasília: Ministério da Educação (MEC), UNDIME, CONSED, 2016.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BARRETO, Sidirley de Jesús. **Psicomotricidade, educação e reeducação**. 2ª ed. Blumenau: Livraria Acadêmica, 2000.

CASTELANI FILHO, Lino. **Política Educacional e Educação Física**, 2º edição, 2002.

CHIQUETTO, Eliza; FERREIRA, Lílian Aparecida. O ensino de atividades circenses para alunos de 5ª série. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 31, p. 50-65, jul. 2010. ISSN 2175-8042.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/21758042.2008n31p50/12952>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

COSTA, A. C. P., TIAEN, M. S., SAMBUGARI, M. R. N. **Arte Circense na Escola**: Possibilidade de um Enfoque Curricular Interdisciplinar. Ponta Grossa: Olhar de Professor, 2008.

CURÓS, Josep Invernó i. **Circo y Educación Física**. Outra forma de aprender. INDE Publicaciones, 2003.

DARIDO, Suraya Cristina. A avaliação da educação física na escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 127-140, v. 16.

DUPRAT, R. M. **Atividades Circenses**: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar. 2007. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação Física e Sociedade – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física, Campinas, 2007.

FLORIANÓPOLIS. **Projeto Político Pedagógico**: EBM Beatriz de Souza Brito.

Florianópolis: 2015. 108 p. Disponível em:

<<https://pt.slideshare.net/escolabeatriz/projetopolitico-pedaggico-2015>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Educação Física. In: _____. **Matriz Curricular do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis**. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação/Diretoria de Ensino Fundamental, 2016 (no prelo). Consultores externos: Jaison José Bassani e Luciane Lara Acco. Assessor DEF/SME: André Justino dos Santos Costa.

HAUFFE, Mirian Kormann; GÓIS JUNIOR, Edivaldo. A educação física e o funâmbulo: entre a arte circense e a ciência: (século xix e início do século xx). **RBCE**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p.547-559, jun. 2014.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brinquedo na educação**: considerações históricas. São Paulo: FDE, p. 39-45, 1990.

_____. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino & mudanças**. Ijuí, Editora Unijuí, (1991).

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).

MONTEIRO, Vanessa Ascenção. A psicomotricidade nas aulas de Educação Física escolar: uma ferramenta de auxílio na aprendizagem. **Efdeportes**, Buenos Aires, v. 114, n. 12, p.0-0, nov. 2007.

MUNHOZ, Janaina de Freitas; RAMOS, Glauco N. S. O circo nas aulas de educação física: sua aplicação em uma escola pública no estado de São Paulo. In: II SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2008, São Carlos. **Anais...** São Carlos: CEEFE/UFSCar, 2008, p.255-292.

ONTAÑÓN, Teresa; DUPRAT, Rodrigo; BORTOLETO, Marco A.. Educação física e atividades circenses: “o estado da arte”. **Movimento** (ESEFID/UFRGS), Porto Alegre, p. 149-168, abr. 2012.

PONTES JUNIOR, José Airton de Freitas; TROMPIERI FILHO, Nicolino. Avaliação do ensino-aprendizagem na Educação Física escolar. **Efdeportes**, Buenos Aires, v. 161, n. 16, p.0-0, out. 2011.

SILVA, E.V.M. e; VENÂNCIO, L. **Aspectos legais da Educação Física e integração à proposta pedagógica da escola**. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (Coord.) Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 50-63.

SILVA, Leonardo Toledo. Jogos, brinquedos e brincadeiras: algumas reflexões. **Saber Acadêmico**, n. 11, p. 163-171, 2011. Disponível em: <<http://www.uniesp.provisorio.ws/revista/revista11/pdf/artigos/14.pdf>> Acesso em: 14 de novembro de 2017.

SILVA, Pedro Eduardo da. A Estruturação da Expressão Corporal do Palhaço Circense. **Arte da Cena**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 143-162, Jan-jun/2017. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

SOARES, José Francisco; XAVIER, Flávia Pereira. Pressupostos educacionais e estatísticos do Ideb. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 124, p. 903-923, Sept. 2013. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000300013&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Nov. 2017.

SOUSA, Diego Petyk de; FÁVERO, Maria Teresa Martins. Educação Física na perspectiva dos parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental. **Efdeportes**, Buenos Aires, v. 147, n. 15, ago. 2010.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. Práticas avaliativas e aprendizagens significativas em Educação Física: trajetória, orientações legais e implicações pedagógicas. **Pro-posições**, Campinas, v. 44, n. 15, p.201-217, ago. 2004.

SOUZA, N. M. P.; VOTRE, S. J. **Ensino e Avaliação em Educação Física**. In: Sebastião Josué Votre. (Org.). **Ensino e Avaliação em Educação Física**. 1a. ed. São Paulo: Ibrasa, 1993, p. 121-149.

TAFFAREL, Celi Zulke; MORSCHBACHER, Marcia. Crítica a teoria crítico-emancipatória: um diálogo com Elenor Kunz a partir do conceito de emancipação humana. **Corpus Et Scientia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p.45-64, jan. 2013.

TURNES, Kauê Hahn. **Atividades circenses nas aulas de educação física**: seus desafios e possibilidades na prática pedagógica. 2017. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 6. ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

ANEXO A- REGISTRO DE OBSERVAÇÃO

Data: 13/04
 Hora: 10:15 às 11:45
 Professora: Aline
 Turma: 31
 Alunos: Gabriel e Kauê
 Professor supervisor: Fábio Machado Pinto
 T31 A01 S01

Chegamos à escola por volta das 10h05min e fomos direto para a sala de aula, haviam alguns alunos no corredor, logo vieram abraçar, perguntaram se iríamos dar aula naquele dia, lembraram dos nossos nomes, e logo bateu o sinal. A professora chegou na sala, os alunos logo sentaram e ela iniciou explicando o porque de ela usar um microfone nas aulas, pois tinha um nódulo nas cordas vocais. Questionando os alunos, fez eles lembrarem de alguns combinados que deveriam ser cumpridos para a aula iniciar, um deles era ficar em silêncio enquanto a professora falava, pode-se perceber que eles respeitavam bastante.

Na turma haviam 232 alunos no dia, sendo 7 meninas e 15 meninos. Por volta das 10:10 ela realizou a chamada e nos apresentou, grande parte da turma já nos conhecia, também haviam alguns alunos novos(especificar); então explicamos que realizamos o estágio ano passado com o segundo ano, e que nesse ano iríamos dar continuidade, que trabalhamos a cultura popular da ilha, e logo já foram lembrando e relatando aos colegas diversos elementos trabalhados durante nossas aulas, falaram da bruxa, do boitatá, de andar como quadrupede, da capoeira(nesse momento alguns alunos vieram demonstrar a bananeira, a ginga), relataram que o Livro da turma 21 e da bruxa de pano(ambos elementos pedagógicos), utilizados nas aulas estavam com dois alunos e havia sido entregue à esses alunos através de um sorteio, recordaram dos combinados também, a professora disse que tinha alguns combinados com eles também. Então a professora começou relembando com os alunos o que estavam trabalhando, o tema era brincadeiras tradicionais, ela comentou que leu a pesquisa que os alunos tinham feito com os pais e na aula iriam utilizar algumas dessas brincadeiras. Por volta das 10:25 nos dividimos em dois grupos para ir até o ginásio, um grupo conosco e outro com a professora, estava chovendo no dia, então os alunos foram tranquilos pela escada, porém no corredor, já caminharam sobre os muros, pulavam a vala e uma parte foi correndo até o ginásio.

No ginásio a professora reuniu com os alunos no centro da quadra, quem estava de chinelo não poderia participar da aula, apenas dois ficaram fora da aula, porém jogaram pebolim e correram pelo banco na lateral do ginásio. A primeira atividade foi o pega-pega alturinha, onde a barra era nos bancos laterais, havia apenas um pegador, iniciou por volta das 10:32, todos que estavam de tênis participaram e sempre revezava o pegador. Nessa atividade pode-se perceber que estavam bem atentos e envolvidos com a aula, até porque ao final saíram bem suados e cansados, no meio da aula uma aluna que sofria de bronquite e não participava das aulas no ano anterior sentou ao nosso lado para descansar e contou que a professora tinha incentivado ela a participar das aulas, pois era bom pra bronquite, que com o tempo o organismo dela iria se acostumando, também incentivamos e logo ela voltou para a aula. A atividade finalizou por volta das 10:43, todos foram tomar água. A segunda atividade foi o Elefante Colorido, todos participaram também, alguns com um pouco menos de interesse, sentavam e deitavam no meio da quadra para descansar, a atividade não teve muita duração, as 10:50 ela reuniu novamente os alunos no centro da quadra para explicar a terceira e última atividade, era o pega-congela, para descongelar tinha que dar um abraço. Durante a atividade foi perceptível que alguns alunos tinham um pouco de receio com abraços, fingiam dar o abraço, chegavam empurrando de braços abertos, no decorrer da atividade foi aumentado o número de pegadores, nesse momento os abraços já aconteciam de forma mais natural. As 10h:58min a professora liberou-os para tomar água e lembrou que a continuidade da aula seria em sala pois o ginásio seria disponibilizado à outro professor, como haviam muitos tomando água, foram contanto de 10 em 10 segundos para trocar, um dos alunos relatou que estava fazendo inglês na ELASE, durante a

contagem ele contava os números em inglês, alguns também começaram a imitá-lo e contar junto com ele, após todos tomarem água retornaram para a sala de aula.

Já na sala de aula a professora solicitou que guardassem todo o material, pois alguns estavam desenhando, e se organizassem em um círculo; inicialmente ela não interviu, observando apenas como eles se organizavam, a partir de um momento foi dado auxílio para formar o círculo onde todos e todas pudessem sentar. Essa organização levou cerca de cinco minutos, então ela explicou a atividade, denominada detetive, no jogo havia um atirador, um detetive e os outros alunos eram pedestres, o objetivo era que o atirador matasse todos os pedestres sem que o detetive descobrisse, para não tornar tão agressivo denominou o atirar como “atirador do amor”, por ser uma atividade com um grau de complexidade para as crianças compreenderem, na primeira tentativa a atividade não foi finalizada, na segunda tentativa todos compreenderam o sentido e conseguiam finalizar, por volta das 11:30 ela pediu para que todo reorganizassem as carteiras que ainda iria ter outra atividade. Houve um discussão em relação aos lugares em que os alunos sentavam, como não chegaram a um consenso a professora leu a lista de lugares que havia na parede e solicitou que cada aluno fosse para o seu determinado lugar, isso fez com que atrasasse o início da atividade. A atividade proposta era mimica, eles já haviam vivenciado essa atividade em aulas anteriores, como o tempo era curto, apenas quatro alunos fizeram a mimica, o tema era filme e a professora escolhia os filmes, 11:42 finalizaram a atividade pois o sinal iria bater.

Registro de observação

Data: 15/04

Hora: 09:15 às 09:45

Professora: Aline

Turma: 31

Alunos: Gabriel e Kauê

Professor supervisor: Fábio Machado Pinto

T31 A02 S01

Primeira observação da aula de 6ª feira.

O dia estava muito agradável, sem presença de nuvens no céu, com temperatura por volta dos 24°.

Ao chegarmos na porta da sala, praticamente todos os alunos vieram nos abraçar, um momento muito gratificante para nós, pois sempre buscamos uma relação ao máximo horizontal, para que as crianças fiquem mais a vontade nas nossas aulas, sem deixá-los em posição desconfortável. Os alunos ficaram bastante tempo ao nosso redor, e tivemos que pedir para eles sentarem e fazerem silêncio para a professora Aline iniciar a aula. Durante a chamada a professora demonstrou ainda não conhecer os alunos, com falas como “quem é a Vitória”; um aluno faltou neste dia.

Após a realização da chamada, a professora solicitou aos alunos para pegarem seus lanches (frutas, bolachas recheadas, sucos de caixinha, bolinhos de chocolate), formarem fila e se dirigirem ao ginásio. Durante o trajeto, como de costume, alguns alunos foram em nossa companhia, e nas conversas eles contaram sobre profissões que gostariam de exercer (músicos, professores, veterinários).

Quando chegamos no ginásio, os alunos começaram a correr pela quadra, e alguns meninos (Luis, Giovani, Eduardo) levaram um avião de papel e começaram a lançá-lo dentro do ginásio.

Após cerca de 3 minutos que os alunos ficaram “livres”, a professora os chamou no centro da quadra e começou a contar como seria a primeira atividade, que foi o “coelho sai da toca”, de forma cooperativa. Cada aluno recebia um bambolê, e após o apito da professora, os alunos deveriam se descolar para outro bambolê, e o objetivo era todos estarem dentro de algum bambolê, podendo haver mais de um por bambolê; e a cada apito a professora retirava um bambolê. Durante esta atividade, que durou das 09h28min - 09h38min, os alunos gritavam bastante durante a procura de um novo bambolê, e o aluno Davi que possui diagnóstico de autismo foi bastante auxiliado pelos colegas. A aluna Vitória que possui asma, apesar de não participar da atividade, comentou que está participando mais das atividades; ela então ficou do nosso lado conversando conosco, comentando sobre os canais de TV e programações que assiste (SBT, TV Aparecida, novela cúmplices de um resgate e programações religiosas). Também falou que prefere estudar de manhã, porque sobra a tarde para brincar. A

professora então iniciou uma conversa sobre a atividade, que era cooperativa, que ninguém ficava de fora. Ela realizou essa atividade pelo fato de os alunos estarem, segundo ela, em certo conflito.

Na sequência ela liberou durante 3 minutos os alunos para brincar com o bambolê da forma que gostariam; lançaram para cima, para frente, usaram para girar na cintura, nos braços, na perna. Então os liberou para tomar água e pediu para formarem fila na porta do ginásio para então nos dirigir ao refeitório. Como de costume, no trajeto para o refeitório, os alunos passam por lugares que proporcionam desafios, como passar por entre os corrimões, se equilibrando sobre a vala, pelo pequeno barranco do lado das escadas.

Como esta aula antecede o intervalo, os alunos do 2º ano, assim como os do 1º e 3º, são liberados 10 minutos antes para se dirigirem ao refeitório e fazer sua alimentação; a professora é responsável pela higienização dos alunos. Essa atitude foi tomada pela escola, para permitir mais tempo de brincadeira à esses alunos novos, com o debate de que a brincadeira é muito importante nesta faixa etária para auxiliar no desenvolvimento. As trabalhadoras da cozinha ficam de fiscais para não deixar nenhuma criança sair com alimento. As turmas pouco se misturam no refeitório, e praticamente todos comem sem muito agito.

Registro de observação

Data: 20/04

Hora: 10:15 às 11:45

Professora: Aline

Turma: 31

Alunos: Gabriel e Kauê

Professor supervisor: Fábio Machado Pinto

T31 A 03 S02

Nesta semana, a professor Aline se afastou para extração de seus dentes do siso. Então a professora Márcia substituiu, mas que não possui formação em Educação Física; o que mostra a dificuldade de se substituir um professor de EF em caso de ausência.

A professora chegou na sala por volta das 10:20, e então explicou que estava substituindo a Aline. Os alunos pediram para que a aula fosse no ginásio, mas a professora negou, afirmando que o ginásio não estava disponível, e que a aula seria dentro de sala, pois segundo ela a EF também é uma disciplina onde nós pensamos; então, como atividades que estimulam o pensamento, ela trouxe jogo da memória, quebra-cabeça, dominó e imagens para ilustrar. Os alunos então se dividiram conforme a atividade de interesse, alguns pediram para terminar um desenho da aula anterior, que era de ciências, e era sobre vírus.

A professora começou a entregar agendas que estavam em cima da mesa, e após a entrega não voltou a estabelecer muito contato com os alunos; ficou ilustrando um desenho.

A aluna Mariah trouxe um saco cheio de pequenos elásticos, com o objetivo de fazer pulseiras, outras duas meninas ficaram fazendo com ela. Alguns alunos se deitaram no fundo da sala e ficaram conversando, mas cerca de 15 minutos depois ela mandou que levantassem e escolhessem uma atividade. Alguns alunos começaram a colar adesivos nas unhas, simulando que elas estivessem pintadas; o que chamou a atenção foi a participação de meninos nesta atividade, visto que eles não aceitam muito participar de atividades com as meninas; ficavam bem eufóricos em mostrar para os outros colegas e pra nós. Muitos alunos passaram por nossa carteira e conversaram sobre diversos coisas, como o início da nossa atuação, lugares que moraram (cidades e bairros), lutas que praticaram (judô, taekwondo, capoeira), sobre cachorros. Em um momento da aula, a Joice sentou com o Davi (que possui autismo), e começou a pintar junto com ele, e auxiliando-o; percebemos que em diversos momentos ela ajuda ele, sendo que os dois são os mais excluídos da turma. Próximo ao final da aula, alguns alunos começaram a fazer aviões de papel e lançá-los pela sala.

Faltando cerca de 10 minutos para acabar a aula, a professora pediu para que guardassem todo o material, se sentassem em seus lugares e prestassem atenção em uma história que ela contaria, a história do “Pequeno Polegar”. A maioria dos alunos prestou muita atenção na história. No final da história a professora iniciou uma reflexão, onde vários alunos mencionaram conhecer outras histórias do Pequeno Polegar, diferentes da que a professora contou.

Registro de observação
Data: 27/04
Hora: 10:15 às 11:45
Professora: Aline
Turma: 31
Alunos: Gabriel e Kauê
Professor supervisor: Fábio Machado Pinto
T31 A 04 S03

O dia 27 amanheceu com clima frio, a muito tempo não sentido, praticamente todas as crianças da escola estavam bem agasalhadas.

Chegamos no final do intervalo, e fomos à mesa de pimbolim onde diversos alunos se concentravam, inclusive alguns da turma 31.

Às 10h15min bateu o sinal, e então todos se dirigiram às suas salas, e logo a professora Aline chegou. Alguns alunos estavam na rua, outros em pé na sala e alguns sentados. Havia apenas 15 alunos (6 meninas e 9 meninos), o que causou espanto da professora, e os alunos alegaram que o motivo era o frio. A professora aguardou cerca de 5 minutos até todos guardarem o material, para então fazer uma fala inicial sobre seu afastamento na última semana para retirada dos seus dentes cisos, explicando quais eram esses dentes e o porque de tirá-los.

Após, iniciou questionando aos alunos sobre o conteúdo que estavam trabalhando, e logo eles lhe responderam que era sobre as brincadeiras tradicionais. Então falou que iria fazer uma atividade a partir de um jogo de video game antigo, o “pacman”, também perguntou se haviam assistido o filme; vários alunos responderam que haviam assistido, e muitos ficaram com expectativa para a atividade. A professora começou então a explicar como era o jogo no video game, sobre o personagem pacman e os fantasmas que tentavam lhe pegar, e que iria adaptá-lo ao ginásio, sendo um pega-pega sobre as demarcações da quadra, onde um aluno seria o fantasma e os outros seriam o pacman, demonstrando no quadro como seria a atividade. Por volta das 10:30, se organizaram em filas por gênero e se dirigiram até o ginásio.

Ao chegar no ginásio, alguns começaram a correr e outros se sentaram no banco, então a professora os reuniu no centro da quadra pra explicar a primeira atividade como forma de aquecimento: em repouso, quando ouvissem o apito, deveriam correr sem parar, até o sinal do próximo apito, quando deveriam voltar ao repouso. A atividade foi curta, e durou até 10:35, quando então os alunos foram liberados para tomar água.

Em seguida, a professora começou a demonstrar a atividade do pacman, que iria acontecer sobre as linhas demarcadas do ginásio, e escolheu um aluno para ser o fantasma. No início da atividade, alguns alunos se deslocavam por fora das linhas, porém no decorrer da atividade todos entenderam a regra; durante a atividade, alguns saíram para tomar água, outros sentavam e deitavam para descansar; a professora alternava os modos de pegar, ora andando e ora correndo, e alternava também os fantasmas, e vários alunos pediam para ser o novo fantasma. A atividade durou até 10:50, quando novamente foram liberados para tomar água. Duas alunas não participaram dessas atividades, uma por estar com o joelho machucado, e a outra por estar com calçado inadequado para aula.

Logo depois, pediu para que se organizassem em círculo, enquanto ela contava até 10 de olhos fechados, e então comentou sobre a próxima atividade: o guardião da chave. Relembrou sobre os papéis do guardião, que deveria ser honesto mantendo o olho fechado, e dos alunos que ficam no círculo, de se manterem em silêncio. Para guardar a chave, o guardião deveria permanecer de olhos fechados, e utilizando os outros sentidos para identificar quem tentasse pegar a chave, e quem conseguisse guardar a chave ganhava 1 ponto, tendo como objetivo acumular pontos. Nesta atividade, todos participaram. Às 10:57, ela reuniu os alunos em fila na porta do ginásio e então todos retornaram à sala. Durante o momento do ginásio, alguns alunos de outras turmas entraram no ginásio; a professora então pediu para que eles saíssem e nos contou que muitos alunos são expulsos de sala para irem à direção, mas vão para o ginásio.

Na sala, conversou com eles sobre o acordo de retornar ao ginásio sem fazer barulho no corredor, e relembrou alguns alunos que não haviam entregue os trabalhos solicitados, um sobre o que é Educação Física, através de um desenho; e outro era uma pesquisa com os pais sobre o que eles brincavam quando crianças.

Então às 11:11 pediu para que todos pegassem seus cadernos de Educação Física pois iriam escrever sobre o conteúdo brincadeiras tradicionais; alguns ainda não possuíam o caderno, e a professora os cobrou. Ao escrever sobre o conceito de brincadeiras tradicionais, ela escreveu o mesmo texto utilizando letra cursiva e letra de forma, pois estão iniciando a escrita cursiva, tendo alguns que ainda não aprenderam. No final da aula fez uma breve conversa sobre o que havia escrito, que eram brincadeiras lúdicas, podendo ser competitivas ou cooperativas, passadas de geração a geração dos mais velhos aos mais novos. Vários ainda tem dificuldade na escrita, e ficaram até bater o sinal copiando; os estagiários auxiliaram os estudantes com dificuldade.

Registro de observação

Data: 29/04

Hora: 09:15 às 09:45

Professora: Aline

Turma: 31

Alunos: Gabriel e Kauê

Professor supervisor: Fábio Machado Pinto

T31 A05 S03

As aulas de sexta-feira tem uma duração de apenas 35 minutos em virtude do intervalo maior para os primeiros anos. Neste dia estava nublado, aguardamos na porta da sala ate a professora Aline chegar, por volta das 09h20min; esse atraso se da pelo fato de os professores terem que esperar em sala até a chegada do próximo professor, alterando toda a rotina das aulas, em virtude de não poderem deixar as turmas sozinhas. Quando entramos em sala, como de costume nesse semestre, os alunos vieram nos receber com abraços.

No dia haviam 24 alunos, apenas um havia faltado. A professora realizou a chamada e logo explicou que havia planejado uma atividade, porém, pelo curto período da aula não haveria tempo hábil para explicá-la e experienciá-la, então propôs que brincassem novamente de pacman, a mesma brincadeira realizada na aula anterior, grande parte do grupo se mostrou interessado, alguns haviam faltado a aula anterior e não conheciam a atividade, então ela lembrou rapidamente em sala as regras e logo foram para o ginásio; durante a explicação vários alunos estavam de pé, ansiosos para descerem ao ginásio. Pela primeira vez em nossas observações, a turma formou uma fila apenas para se dirigir ao ginásio. Praticamente todos os meninos estavam com chuteira, em virtude de uma partida de futsal que disputariam com a turma 41 durante o intervalo; não participaram ativamente da aula e por volta das 09h40min esse mesmos saíram da quadra e ficaram na escada, alegaram que estavam descansado para o jogo. Essa partida durante o intervalo é organizada por um trabalhador da escola que se dispõe a organizar os jogos, cada recreio duas turmas se enfrentam, ele também é o arbitro do jogo e fica responsável pela bola.

No percurso até o ginásio pode-se perceber que alguns alunos tentavam criar obstáculos passando pelos lugares já citados em outros relatos, e grande parte das meninas foram em um único grupo; chegamos no ginásio por volta das 09h28min e logo iniciou uma atividade de aquecimento, que era uma corrida sobre as linhas, e ao som do apito, deveriam parar ou começar a correr; esse aquecimento durou cerca de 3 minutos, e então as 09h31min iniciou a brincadeira do pacman. Foram escolhidos dois fantasmas que seriam os pegadores, em virtude de haver mais alunos este dia, mas mesmo assim muitos alunos ficaram paradas sem serem pegos. Ao decorrer da atividade, pode-se perceber que o grupo de meninas permaneciam juntas, e alguns alunos não respeitavam as linhas, por não terem entendido a atividade, ou, segundo relatos, por não enxergarem as linhas em alguns momentos. Uma das alunas machucou o pé, o que gerou uma mobilização da turma para lhe atender, não foi nada grave, apenas ficou sentada até finalizar a atividade. Durante a atividade a professora veio relatar sobre algumas características de alguns alunos, que também já havíamos observado em aulas anteriores. Relatou que ela esta incentivando a Vitória, uma das alunas que tem bronquite asmática, a participar das aulas, há uma resistência do pai em deixar ela participar das aulas de Educação Física, inclusive ele foi conversar com a antiga professora da turma sobre a sua participação. Outro relato importante foi referente ao Davi, aluno que tem diagnostico de autismo, ela observou que ele está bem mais próximo da turma, que a Joice, uma aluna que enxerga apenas com um dos olhos, sempre fica mais excluída da turma, sempre auxilia o Davi nas atividades.

Às 09h45min a professora realizou uma última atividade, a brincadeira do “guardião da chave”; a chave a se guardar, é uma chave da professora; os alunos fazem uma roda, e um deles fica no meio com a chave e de olhos fechados, sendo que um aluno é escolhido pela professora para tentar pegar a chave, e o guardião deve perceber a movimentação de olhos fechados. Durou cerca de 2 minutos esta atividade, em virtude do final da aula; a professora os liberou para tomar água e organizou uma fila para irem lanchar. No trajeto de ida ao refeitório, algumas meninas carregaram a aluna que havia machucado o pé, no sentido de ajudá-la a subir as escadas. Então entraram no refeitório para lancharem, finalizando a aula de educação física.

Registro de observação

Data:04/05

Hora: 10:15 às 11:45

Professora: Aline

Turma: 31

Alunos: Gabriel e Kauê

Professor supervisor: Fábio Machado Pinto

T31 A06 S04

Neste dia chegamos na escola quase no fim do recreio, ao chegarmos alguns alunos da turma estavam jogando pebolim, sendo que a dupla a ser batida era da turma 31; ao bater o sinal. foram para a porta da sala formar uma fila, e ao chegarmos na fila os alunos vieram nos abraçar e logo entraram na sala para aguardar a professora.

A professora logo chegou, os alunos estavam bem agitados, muitos cantavam o gênero musical funk, cada um com uma música específica, isso gerou um rápido debate entre a professora e os alunos sobre as letras cantadas, ela argumentou que não tinha nenhum preconceito com o gênero, porém que algumas letras eram impróprias, então os alunos argumentaram que nas letras que estavam cantando não havia nenhum conteúdo impróprio. Ela também os alertou que na semana seguinte ocorreria o fechamento das notas do bimestre e que o comportamento levava em conta na hora de fechar as notas. Uma das alunas, a Kauane, ainda estava copiando a matéria da aula anterior do caderno de uma amiga, quando a professora pediu pra que todos guardassem os materiais que tinham na mesa. A professora encontrou dificuldades para realizar a chamada, muitos alunos pediam silêncio, mas na verdade colaboravam para ocorrência de mais barulho; um aluno sugeriu que brincassem de fazer silêncio.

Às 10h23min a professora iniciou a explicação da atividade, que seria em cima da brincadeira tradicional do “mestre mandou”; porém não da forma tradicional, e sim realizando um movimento que o chefe mandasse. Durante a explicação da atividade, vários alunos foram contando o que mandariam os outros fazerem.

Após explicar como se daria a atividade, os alunos formaram fila na frente da porta, onde os meninos sempre disputam os primeiros lugares; o que chamou a atenção foram algumas meninas que comentaram preferir ficar por ultimo na fila.

Às 10h28 minutos eles chegaram ao ginásio, ela logo pediu para que organizassem uma coluna na linha lateral e demonstrou a atividade, quem fosse escolhido para ser o mestre deveria realizar um movimento, antecedido da fala “o mestre mandou”; todos os outros que estavam na coluna deveriam se deslocar até o outro lado da quadra repetindo o movimento, então o mestre deveria escolher um novo mestre. A aluna Joice estava de sandália, e inicialmente não participou da atividade; após cerca de meia hora, ela solicitou para participar da aula, recebendo uma negativa da professora em virtude de não estar com calçado adequado, então a professora lhe convidou para ajudar a escolher os próximos mestres, sendo que ela aparentava estar com muita vontade de participar da aula. Durante a atividade diversas formas de expressão foram reproduzidas, músicas(funk, hip-hop, axé), acrobacias(estrela, bananeira, mortal), animais(cachorro, macaco, king kong), entre outros movimentos, imitaram os movimentos do saci pererê, guerra, capoeira, zumbi, pulando, rolando, do palhaço (nos interessou muito saber como eles representariam o palhaço em função de nosso tema de estágio, imitaram ele apertando o nariz e fazendo brincadeiras com os colegas); alguns alunos quando cansaram, relataram estarem que nem zumbis. Durante os “mandamentos do chefe”, alguns alunos apenas andavam ou corriam, por preguiça ou por não saber realizar os movimentos.

Às 10h55 min a professora liberou todos para tomar água e realizarem a fila para a sala, no caminho até a sala de aula muitos criam desafios e obstáculos. Já na sala, todos pegaram o caderno de Educação Física, alguns ainda não possuíam, a professora os alertou, dizendo que há tempos já havia pedido o caderno, que os alunos do 1º e 2º ano já possuíam caderno e eles não; um dos alunos, o Wesley, estava ajudando na distribuição, encontrou alguns cadernos de alunos que afirmaram não ter caderno de Educação Física, a professora novamente os alertou sobre isso. Às 11h06min ela explicou a próxima atividade, que seria a última avaliação do bimestre: ela escreveu duas perguntas no quadro (sempre com letra de forma e letra cursiva, pois estão aprendendo essa forma de escrita), sobre o conhecimento que estavam trabalhando esse bimestre, as brincadeiras tradicionais. A primeira pergunta era: Escrevam com suas palavras, o que são brincadeiras tradicionais. A segunda pergunta era: Cite, pelo menos cinco brincadeiras tradicionais que você aprendeu durante este bimestre. Diversos alunos tem dificuldade na escrita e na elaboração das respostas, nós ficamos passando nas carteiras para auxiliá-los, porém sem dar respostas das questões, poucos conseguiram concluir a atividade, então ela solicitou que um dos alunos que tinham finalizado, fosse na frente da sala e lesse as perguntas e as respostas para a turma. No final da aula, mesmo que alguns não houvessem terminado a atividade, a professora realizou mais uma brincadeira, a brincadeira do mágico. Ela escolhe um dos alunos para ser o mágico, o qual deveria ficar fora da sala, com outro aluno que seria o vigia; a professora então escolhe um objeto junto com a turma para o mágico adivinhar, mas que previamente ela já havia combinado alguma característica do objeto com o mágico; o objetivo da brincadeira é a turma adivinhar qual o segredo das adivinhações do mágico, enquanto não se descobre, o mágico se mantém o mesmo, e o vigia se troca a cada adivinhação do mágico. O mágico escolhido foi o aluno Vitor. Seu irmão gêmeo começou a chorar, alegando que também gostaria de ser o mágico, porém, até finalizar a aula ninguém descobriu o segredo do mágico. Logo depois os alunos foram liberados pois já era 11h45min. O sinal bateu um pouco depois desse horário, em função dele ser operado manualmente.

Registro de observação

Data: 06/05

Hora: 09:15 às 09:45

Professora: Aline

Turma: 31

Alunos: Gabriel e Kauê

Professor supervisor: Fábio Machado Pinto

T31 A07 S04

Como de costume, a aula iniciou com certo atraso (09h20min), pela demora da professora da turma 41, onde a professora Aline havia dado a aula anterior.

Ao entrarmos na sala, os alunos perguntaram quando iniciáramos nossas aulas, então respondemos que seira na próxima semana, o que causou muito entusiasmo por parte deles. Alguns meninos estavam manuseando cartas de “pokémon”, tirando a atenção deles, então a professora retirou as cartas deles para iniciar a conversa sobre a aula; o aluno Mateus começou a chorar e foi o último a sair da sala na hora de ir para o ginásio.

Às 9h26 a professora iniciou a explicação da atividade; a atividade do dia era a tradicional queimada, ela relatou que haviam diversos tipos de jogar e que no dia iriam experimentar dois tipos, pelo tempo ser curto. Pediu para que pegassem o lanche e organizassem uma fila para ir até o ginásio, as filas já não se dividem por gênero, porém há uma disputa dos “mais rápidos”, entre os meninos, para pegar os primeiros lugares.

Chegamos no ginásio às 9h30min, o espaço estava bem escuro, das 15 lâmpadas apenas duas estavam funcionando, então a professora explicou como funcionaria o primeiro tipo de queimada, quem fosse queimado pela bola deveria apenas trocar de equipe, não sofreria nenhuma punição. Duas alunas não participaram, uma por estar de sandália e outra por reclamar de dor na perna; após a explicação, não houve uma mediação da brincadeira, o que começou a acarretar em alguns problemas. Às 9h32 iniciou a atividade, sendo que não havia muitas regras combinadas, e no decorrer da atividade aconteceram diversos conflitos, principalmente pelo fato de os meninos “mais rápidos” quererem sempre estar com a bola, não respeitando a participação de todos, houve muita reclamação, cinco

alunas/os deixaram a quadra chorando e não participaram mais da atividade por esse motivo, nós e a professora tentávamos mediar esses conflitos porém o tempo da aula era muito curto. Não conseguindo fazer essa mediação, às 09:45 a aula foi finalizada, e todos foram liberados para tomarem água; a professora mencionou que a escola determinou que as professoras não deveriam liberar os alunos para irem ao banheiro e tomar água nas primeiras aulas antes do intervalo, e logo depois do intervalo, em virtude de muitos alunos estarem matando tempo da aula fora de sala, então ela alertou os alunos para aproveitarem este momento dado para água e banheiro.

Ficamos responsáveis por levá-los até o refeitório, pelo fato de alguns alunos de outras turmas estarem “matando aula” dentro do ginásio; a professora então chamou o diretor para resolver esta questão. No trajeto de ida ao refeitório, alguns alunos comentaram sobre os alunos que matam aula no ginásio, inclusive relataram que já presenciaram alunos fumando maconha.

ANEXO B - Projeto de Estágio Supervisionado em Educação Física II - Atividades Circenses

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR II – MEN 5322
PROFESSORA: ALINE DOS SANTOS SCHÜRHAUS
PROFESSORES SUPERVISORES: FÁBIO MACHADO PINTO E DÉBORA BRANDALISE
ACADÊMICOS: GABRIEL NICOLODELLI DA SILVA E KAUÊ HAHN TURNES
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BEATRIZ DE SOUZA BRITO

**PROJETO DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA II
ATIVIDADES CIRCENSES**

1. A CONJUNTURA EDUCACIONAL E DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao longo da história a educação tem servido para a manutenção do sistema social vigente. Conhecimentos, valores, ideais, hábitos, habilidades, descobertas foram socializados pelos antigos aos mais jovens, e assim a sociedade foi se constituindo. Também criam-se espaços para a socialização desses conhecimentos, interferindo diretamente na consciência e na formação dessas pessoas; a família, a mídia, a igreja, a escola, as empresas, são exemplos dessas instituições.

No sistema capitalista, atual sistema social vigente, a lógica da vida se dá na exploração do homem pelo homem, ou seja, uma pequena parcela detém grande parte da riqueza mundial e dos meios de produção da vida, gerencia isto, e outra grande parcela vende sua força de trabalho em troca do salário.

A educação hoje tem como função formar mão de obra para o mercado de trabalho. Desde as instituições superiores de ensino até as escolas de educação básica reproduzem os valores que permeiam nossa sociedade, que são os valores dessa pequena parcela que detém grande parte da riqueza. Podemos perceber isso na organização arquitetônica da escola, com muros altos, salas quadradas, e tendo na figura do professor como o detentor de todo o conhecimento e de todas as verdades, e não de alguém que está ali para apresentar algo novo, construir com os alunos e se formar coletivamente. Também na seleção dos conteúdos, os mais importantes e relevantes são português e matemática, outros conhecimentos, como filosofia, sociologia, educação física, são secundarizados e quase que extintos da escola. Isso demonstra que o objetivo da escola não é formar estudantes críticos, que conheçam uma parcela das possibilidades, corporais, políticas, econômicas, sociais, educacionais, mas que tenha o domínio do cálculo e da leitura e da escrita, que por coincidência são os conhecimentos básicos para se ter acesso ao mercado de trabalho.

Como a sociedade tem uma história, a educação tem uma história, a educação física também tem uma história.

A educação física ao longo dos anos vem sofrendo com um intenso processo de reconhecimento, auto reconhecimento e transformações pedagógicas. Porém, hegemonicamente tendenciando à manutenção de determinadas áreas sociais. Olhando para a educação física a partir, por exemplo, do século 18 e 19 isso se confirma pela forte influência militar e médica.

Nas instituições militares, ela servia, através de exercícios sistemáticos, para preparar corpos saudáveis e viris, de forma obediente e patriótica. Já sob a influência da medicina, a educação física partiria de um viés terapêutico perspectivando a correção dos corpos através de hábitos saudáveis e praticas higiênicas, alinhada às demandas da produção econômica do país, considerando o início da industrialização. De modo geral, nos séculos 18 e 19, o corpo era alvo de estudos das ciências biológicas e tratado de forma mecanizada.

Durante a ditadura militar, a Educação Física e as metodologias de ensino elaboradas continuam se adequando e cumprindo papel fundamental na sustentação deste atual regime, utilizando-se da esportivização como forma de contenção e alienação ao que socialmente acontecia.

Pós ditadura militar, acompanhada da ascensão dos movimentos sociais e o período de redemocratização, mais precisamente na década de 80, surgem os movimentos renovadores da Educação Física, que vem com o objetivo de repensar o papel que cumpre a EF frente a sociedade e especialmente sua prática pedagógica escolar. Olhar para a história da Educação Física, as diferentes correntes que a pensam e sua obrigatoriedade enquanto disciplina escolar a partir da LDB nº4.024/61 onde a educação física era obrigatória apenas do 1º ao 5º ano e colegial, porém com um caráter de recreação e ministradas pelo professor regente da turma. Na LDB nº5692/71 se torna obrigatório também no 1º e 2º grau, já com a abordagem da psicocomotricidade, que (VAGO 2002) observa que a Educação Física passa a ser vista como uma prática pedagógica minuciosa, capaz de lapidar os corpos, afinar a voz e educar as mão para a escrita. Cabe refletirmos agora quais as consequências para a formação dos professores na área e as implicações de sua inserção nas escolas. Considerando aqui também as mudanças que acompanham a constituinte cidadã de 1978 e que ampliam dos horizontes da educação e consequentemente da Educação Física.

Quanto à formação acadêmica, restam, de forma incontestável, diversos e fortes resquícios de modelos hegemônicos advindos da história e que atualmente se expressam na estruturação dos currículos em EF, bem como na divisão do curso entre licenciatura e bacharelado e consequentemente na prática pedagógica dos professores, impulsionados ainda pelo Conselho Federal e pelos Conselhos Regionais de Educação Física (CONFEF/CREF) que limitam a atuação e contribuem para fragmentação do conhecimento e dos trabalhadores da área.

Frente à este contexto, ainda restam os movimentos contra hegemônicos que contribuem para o pensamento crítico e a superação destes modelos tradicionais da Educação Física, principalmente respaldados através da Pedagogia Crítico Superadora, que tem como fundamentação teórica o

Marxismo/materialismo, e a pedagogia Crítico Emancipatória, que constitui sua base voltada à fenomenologia.

Retomando o debate curricular e perante à estas variadas correntes da EF, temos hoje uma formação que não perpassa pela interdisciplinariedade, mas sim pela disputa ideológica travada entre a maioria dos professores do ensino superior, que chega ao estudante de forma precária e atropelada, contribuindo ainda para que nos formemos docentes com pouca clareza do que somos e fazendo a manutenção do processo de desconhecimento e auto reconhecimento da área.

2. A ESCOLA

O projeto de estágio supervisionado em Educação Física II terá como conteúdo programático a ser trabalhado as Atividades Circenses e será realizado na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, com o terceiro ano matutino, mais especificamente com a turma 31.

De acordo com o PPP da escola (2015)

A Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito está localizada no bairro Pantanal, na cidade de Florianópolis. O bairro Pantanal formado no final do século XIX, era constituído na sua maioria por famílias pobres, descendentes de açorianos e negros.[...] No início do século XX existia a escola masculina do Pantanal, localizado no alto de um dos morros do bairro, o chamado Sertão do Pantanal.[...] Os alunos que frequentavam a escola do Sertão eram os moradores do próprio local e alguns outros da parte baixa do bairro. Como a escola era só até a quarta série do ensino fundamental, muitos optavam por estudar no grupo escolar Olívio Amorim, no bairro da Trindade, ou no grupo escolar Getúlio Vargas, no saco dos limões. Essa situação, aliada a idade avançada da única professora, acarretou a desativação da escola.[...] No início dos anos 50, o número de crianças que moravam na parte baixa do bairro Pantanal era muito grande o que provocou a criação da primeira casa-escola.[...] A instalação da empresa ELETROSUL e da UFSC (responsáveis por vários empregos na região), contribuíram para a transformação do bairro e conseqüentemente nas mudanças no serviço educacional oferecido pelo município:

* 1963 - União das 4 casas-escola gerando o Grupo Escolar Beatriz de Souza Brito.

* 1986 - Transformação do então Grupo Escolar para Escola Básica, tendo como um de seus objetivos atender a demanda do bairro.”

Observa-se então, a partir de dados históricos um longo período de consolidação da escola na região, que tinha como principal característica, atender as demandas educacionais da região, que cada vez crescia mais.

De acordo com o (PPP da escola, 2015) é possível afirmar que a concepção de que o ensino da leitura e da escrita é um compromisso de todas as áreas do conhecimento. Assim, a principal função do ensino de 1o ao 9o ano é favorecer/ensinar a criança/adolescente procedimentos de leitura e de escrita para que, ao final do 9º ano, ele seja um leitor autônomo dos gêneros mais recorrentes em nossa sociedade e autônomo na escrita de alguns desses gêneros.

Neste sentido, o desafio para a Escola Beatriz, desde 2004, tem sido a sistematização e a construção de um currículo que de fato expresse o COMPROMISSO DE TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO COM A LEITURA E A ESCRITA. Para alcançá-lo a atual gestão 2014/2016 definiu as seguintes metas: professores de todas as disciplinas envolvidos com a tarefa de formar leitores e usuários competentes e autônomos da escrita; currículo da Escola Beatriz definido em torno do eixo – ler e escrever; espaço escolar reestruturado em função do currículo.(PPP da escola, 2015)

Atualmente a escola passa por reforma no momento, há uma quadra descoberta que está pronta, falta apenas inaugurar, e um dos blocos encontra-se em reforma, fazendo com que a escola se reorganize em conjunto com as obras.

Sendo assim, os espaços em funcionamento atualmente são os seguintes: 10 salas de aula, 1 sala informatizada, 1 biblioteca, 04 espaços socráticos, 1 sala multiuso, 1 ginásio de esportes, 1 secretaria, 1 sala de direção, 1 sala de auxiliares de ensino, 1 sala de professores, 1 sala de coordenação pedagógica, 1 sala de planejamento, 1 sala de apoio pedagógico, 1 cozinha e depósito, 1 refeitório, 1 almoxarifado, 6 banheiros, 1 banheiro adaptado e 1 depósito de material de limpeza. (PPP da escola Beatriz de Souza Brito.)

O ginásio da escola foi inaugurado em dezembro de 2004 e apresenta alguns problemas emergenciais, como uma pequena valeta na entrada e apenas escadas para chegar o piso do ginásio, o que dificulta bastante a entrada de um aluno que possui cadeira de rodas; quando chove, se forma em algumas poças d'água, e não há um ralo para escoar, dificultando então o processo de secagem da quadra, os bancos laterais de madeira também molham; boa parte da arquibancada e toda a área destinada para guardar o material da EF está ocupado com cadeiras, carteiras, caixa d'água, armários e outros objetos; as linhas da quadra estão bem apagadas; possui 15 lâmpadas para iluminação de todo o ginásio, mas apenas duas estão funcionando. Dentro do ginásio se encontra uma mesa de pebolim, um bebedouro, postes de ferro para rede de vôlei, as paredes contém algumas mensagens (várias opressoras, de cunho lgbtfóbico), nomes de alunos e suas turmas.

A sala de aula da turma possui um relógio, dois ventiladores (apenas um funciona), tapete no fundo da sala com medida de 2x2 metros com 5 almofadas, cortinas brancas e paredes amarelas, um calendário de madeira (com informação do mês, dia da semana e do mês, condição do clima), régua de mensuração da altura, mesa de mármore para a professora, Armário (com livros de contos, livros escolares, jogos e brinquedos, cadernos de algumas disciplinas), quadro de vidro e 26 carteiras.

2.1 A TURMA 31

A turma escolhida pelo grupo para trabalhar durante o semestre foi a 31. Pelo fato de termos trabalhado com grande parte da turma no semestre anterior pelo estágio I, muitos dos alunos já nos conheciam, o que facilitou nossa aproximação com toda a turma, inclusive com os alunos novos.

A partir de documentos produzidos durante o estágio I e as primeiras observações do estágio II, conseguimos elencar algumas características da turma.

A turma 31 é composta por 25 alunos, dos quais 24 possuem 8/9 anos e 1 aluno que possui 7/8 anos, sendo 14 meninos e 9 meninas. Conversando com eles, percebemos que grande parte vive na região do bairro Pantanal, mas outros moram em outros bairros ou cidade, como Trindade, Costeira, Saco dos Limões, Carianos, Palhoça. A maioria se desloca até a escola a pé, alguns trazidos pelos pais, outros que vão sozinhos até a instituição, por vezes junto com algum familiar que também estuda na escola.

É comum todos os alunos estarem com uniforme da escola (camisa); já as mochilas, penais, cadernos e demais objetos costumam trazer algum personagem de desenhos norteamericano; as meninas costumam utilizar casacos e acessórios da cor rosa, e durante as aulas de EF, geralmente estão de cabelo preso, com amarrador também da cor rosa na maioria das vezes.

No intervalo, muitos trazem algum alimento de casa, como cookies, bolachas recheadas, sucos de caixinha.

A professora Aline é responsável pelas aulas de EF da turma; é professora substituta, recém ingressa na escola, se formou na UFSC em 2014 e tem uma jornada de trabalho de 40h semanais; ela utiliza um microfone para se comunicar, devido a um nódulo nas cordas vocais. As aulas de EF ocorrem às quartas das 10h15min - 11h45min, e às sextas das 09h15min - 09h45min (esta aula é reduzida, pois as turmas de 1º ao 3º ano são liberadas 10 minutos antes do recreio normal para comerem no refeitório). O uso do Ginásio é alternado com outras turmas pois a quadra nova ainda não está própria para uso; na Quarta-feira uma das aulas é no ginásio e a outra em outro ambiente (quando chove vão para a sala, quando não chovem ficam no pátio) e na Sexta-feira a aula é no ginásio.

O conteúdo ensinado durante esse bimestre são as brincadeiras tracionais além da contextualização das brincadeiras a professora realiza pesquisa com os pais dos alunos sobre o assunto, além de trabalhos que possibilitam a assimilação do conhecimento através da escrita. Muitos alunos possuem bastante dificuldade na leitura e escrita. A professora Aline cita a progressão automática como fator determinante para este problema, e os incentiva a escrever, também nas aulas de educação física.

Algumas características importantes referentes a alguns alunos já observados no ano anterior se mantiveram. O Davi, um aluno com diagnóstico de autismo está se relacionando bem com a turma, alguns colegas o auxiliam nas tarefas durante as aulas, incentivando-o a participarem; a Vitória que é uma menina com bronquite asmática e não participava das aulas de EF por ordem dos pais, agora começou a participar. Ela relatou que a professora insistiu para ela participar aos poucos das aulas, e que quando ela cansar pode sentar até retornar o seu fôlego. A aluna Joice, que reclamava de dores de cabeça e indisposição durante as aulas devido a falta de alimentação prévia, parece estar mais disposta e participa mais das aulas. Durante as aulas a professora utiliza poucos materiais, geralmente coletes, cordas e bolas para distinguias equipes e marcar o espaço.

Eles ainda estão em processo de aprendizagem da escrita cursiva, mas alguns ainda têm dificuldades de escrever com letra de forma.

De acordo com o cadastro socioeconômico observamos que a renda média dos alunos é de R\$550,00, poucos recebem o auxílio do programa bolsa família.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

O trato com o conhecimento reflete a sua direção epistemológica e informa os requisitos para selecionar, organizar e sistematizar os conteúdos de ensino. Pode-se dizer que os conteúdos de ensino emergem de conteúdos culturais universais, constituindo-se em domínio de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade e reavaliados, permanentemente, em face da realidade social (Libâneo, 1985) citado por (Coletivo de autores, 1992)

Considerando o “conhecimento do que trata a Educação Física, configurado com temas ou formas de atividades, particularmente corporais (...) jogo, esporte, ginástica, dança, circo ou outras, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem.” (Coletivo de autores, 1992)

Esta concepção utiliza o método materialista histórico-dialético para analisar a sociedade, identificando dividida em duas classes com interesses antagônicos: a classe dos burgueses, proprietários dos grandes meios de produção da vida, e a classe trabalhadora, a qual possui apenas sua força de trabalho para oferecer como mercadoria. A abordagem crítico superadora tem como projeto histórico de sociedade socialista, “sendo este voltado para a crítica ao sistema vigente a partir de uma proposição contextualizada e transformadora” (SOUZA JUNIOR, Marclio et al., 2011).

De acordo com o Coletivo de Autores, a Educação Física trabalha com os elementos e conhecimentos no âmbito da cultura corporal, que é a linguagem do corpo por meio das práticas corporais, envolvendo então a cultura, história e prática dessas atividades pertencentes a cultura corporal, que se expressam de diferentes formas em diferentes contextos, impulsionada pela cultura de cada local.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/1997), independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Sobre o jogo da amarelinha, o voleibol ou uma dança, o aluno deve aprender, para além das técnicas de execução, a discutir regras e estratégias, apreciá-los criticamente, analisá-los esteticamente, avaliá-los eticamente, ressignificá-los e recriá-los. É tarefa da Educação Física escolar, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de exercê-las e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente.

A partir do entendimento sobre o que ensinar, e de acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/1997) , onde diz que “ conteúdos da Educação Física estão organizados em três

blocos que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental visando os objetos de ensino e aprendizagem de modo que se organize o conjunto de conhecimentos abordados. Esses blocos são: Esportes, lutas e ginásticas; Atividades rítmicas e expressivas e Conhecimentos sobre o corpo. Os blocos são trabalhados na Educação Física de forma que se articulem entre si, não deixando de ter suas especificidades.” planejamos nossa atuação com base no conteúdo atividades circenses, essa prática milenar , que ao longo dos anos foi apropriada pela Educação Física e inserida na Educação Física escolar, que constitui o amplo leque da cultura corporal apesar de pouco trabalhada, e que ainda carrega um histórico de marginalização na sociedade.

As atividades circenses são datadas desde 5000 a.C., com registros de suas práticas em várias civilizações diferentes (China, Egito, Maias, Astecas, Incas, Roma). Durante esta época, era associado a rituais religiosos, e também era uma das habilidades dos Xamãs. Com a consolidação de grandes impérios os artistas de rua se reuniam em apresentações de malabarismo, contorcionismo, mágica, teatro, música, equilibrismo, geralmente em locais públicos, praças, entradas de igrejas, feiras. Esse momento foi primordial pra organização e sistematização de algumas atividades circenses, em 1919 no governo soviético foram criados decretos para a nacionalização do circo, abrindo espaço para diversas escolas de circo com a utilização da música e do teatro nas apresentação, a partir dai começa a surgir o que hoje chamamos de Novo circo. Os circenses não eram mais formados a partir da transmissão dos saberes pelo meio familiar, e sim pelas escolas de circo. Na década de 70 surge na França a escola de circo Annie Fratellini, e em 1977 iniciou no Brasil a escola de circo Piolin. Há diversas divisões das modalidades circenses, durante as pesquisas nos identificamos mais com a que divide as atividades em grandes blocos, os de interpretação (palhaços e atividades teatrais), o de acrobacias (ginástica, parada de mão, acrobacia de solo), o de atividades aéreas (trapézio, tecido, báculo), de atividades de manipulação de objetos (malabarismos com bolas, ioiô, diabolôs) e ainda o bloco de equilíbrios corporais (corda bamba, monociclo).

Entendendo a infância enquanto um dos momentos primordiais de constituição enquanto ser social “ a urbanização, a industrialização e os novos modos de vida fizeram com que a criança fosse esquecida e que a infância se encerrasse, transformando a criança em um precoce aprendiz. Pregam que a criança deve aprender tudo o que conseguir, frequentar todas as aulas que seus pais possam pagar, procurando um futuro bom, uma profissão interessante e lucrativa. Isso sem pensar naqueles que, desde muito cedo, trabalham nas ruas para ajudar no orçamento de casa. O tempo é todo preenchido em favor do futuro, e não do presente, não se pensa na infância como tempo da vida que tem suas características próprias. É necessário, é importante ser criança, ter tempo para brincar, socializar, olhar para o mundo com o olhar da criança, sem tantas pressões e responsabilidades.”Kishimoto (2001)

3. METODOLOGIA DE ENSINO

A partir desta reflexão, é que iremos propor as **atividades circenses** como parte principal do projeto de estágio a ser desenvolvido ao longo do semestre. Abordaremos o **Malabarismo e a Palhaçaria**, dois elementos constituintes da cultura circense.

Trabalharemos com o malabarismo e a palhaçaria abordando: seus contextos históricos e sociais, considerando serem praticas milenares e que foram colocadas à margem da sociedade durante sua história; com suas diversas variações de manipulação de objeto, no caso do malabarismo (equilíbrios, lançamentos), além de confeccionar alguns dos materiais que iremos utilizar durante as aulas; explorar diferentes maquiagens que são utilizadas em diferentes histórias e suas possibilidades de expressão corporal e teatral.

Realizaremos a construção de alguns brinquedos, para que os alunos entendam o tema de forma ampla, desde seu histórico até o processo de produção, para relacionar com nossa fundamentação teórica, tornando-os sujeitos mais autônomos do processo.

Entendendo os anos iniciais como etapa primordial para o processo de formação humana, onde as experiências vividas nas relações sociais se constituem de forma mais marcante. A imaginação e a criação são elementos fundamentais para serem trabalhados com esta faixa etária. Utilizaremos materiais e recursos alternativos para auxiliar em uma maior compreensão do conteúdo por parte dos alunos, como vídeos, músicas, visita ao circo, interação com outras turmas.

OBJETIVO GERAL

A partir das observações e do que diz o coletivo de autores em relação ao primeiro ciclo, o primeiro ciclo vai da pré-escola até a 3ª série. Este ciclo é caracterizado pela organização da identidade dos dados da realidade. Nele o aluno encontra-se no momento de síncrize, em geral possuidor de uma visão inicial do tema/fenômeno, possuindo ainda uma visão sincrética da realidade, mesclando realidade e imaginação. Os dados aparecem(são identificados) de forma difusa, misturados.

O objetivo geral do projeto consiste em promover o resgate, reflexão e apropriação sobre alguns elementos das atividades circense, proporcionando a vivência de experiências dessas culturas, através das histórias e de atividades práticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Possibilitar a experiência de apropriação de alguns elementos da cultura circense, como elementos principais o malabarismo e a palhaçaria.
- Desmistificar o malabarismo e a palhaçaria como atividades “pouco sérias”.
- Construir coletivamente bolas e claves de malabares, possibilitando a continuação da prática dessas atividades para além das aulas de EF.
- Reconhecer o contexto histórico e social do malabarismo e da palhaçaria por meio de histórias, vídeos, filmes, desenhos.
- Reconhecer, aprender e experimentar algumas expressões corporais e de maquiagem dos palhaços, e seus objetivos.

Data das aulas	Horário	Conhecimento/tema	Objetivos	Estratégias
13/05	9h15min 9h45min	Atividades circenses/ Palhaço	Continuação da aproximação às atividades circenses e ao palhaço	Utilização de vídeos e atividades que relacionem a expressão facial e corporal.
18/05	10h15min às 11h45min	Atividades circenses/ Palhaço	Continuar a apresentação do conteúdo atividades circenses, bem como sua relação com as aulas de educação física.	Utilização de vídeos e atividades que estimulem a expressão corporal.
20/05	9h15min às 9h45min	Atividades circenses/ Palhaço	Continuar a inserção à palhaçaria, estimulando a criação de formas de expressão.	Atividades que possibilitem realizar expressões referentes ao palhaço.
25/05	10h15min às 11h45min	Atividades circenses/ Palhaço	Aprofundar as expressões do palhaço na comunicação com o público	Atividades que possibilitem realizar expressões referentes ao palhaço.
27/05	9h15min 9h45min	Atividades circenses/ Palhaço	Aprofundar as expressões do palhaço na comunicação com o público	Atividade que possibilite realizar expressões referentes ao palhaço.
01/06	10h15min 11h45min	Atividades circenses/ Palhaço	Finalizar o tema trabalhado nas aulas anteriores, a palhaçaria.	Fazer um balanço das aulas sobre a palhaçaria, realizar pintura facial e atividade de interpretação do palhaço.
03/06	9h15min 9h45min	Atividades circenses/ Palhaço	Realizar uma forma de avaliação sobre o conteúdo trabalhado.	Elaborar um texto a ser completado com elementos trabalhados durante as aulas.
08/06	10h15min s 11h45min	Atividades circenses/ malabares	Apresentar alguns aspectos históricos referentes ao malabarismo, dando enfoque às suas diferentes possibilidades práticas.	Leitura coletiva sobre história do malabares, exibição de vídeos e apresentar algumas possibilidades de manipulação de objetos.
10/06	9h15min 9h45min	Atividades circenses/ Malabares	Apresentar outras possibilidades do malabarismo	Apresentação de outros objetos e manipulação destes.
15/06	10h15min 11h45min	Atividades circenses/ Malabares		
17/06	9h15min 9h45min	Atividades circensesMalabares		
22/06	10h15mi s11h45m	Atividades circen/ Malabares		
24/06	9h15min 9h45min			
29/06	10h15mi 11h45mi			
01/07	9h15min 9h45min			
06/07	10h15m 11h45mi			
08/07	9h15min 9h45min			

ESTRATÉGIAS DE ENSINO ACIMA

É importante utilizar diferentes estratégias para apresentar o conhecimento ao aluno, ter uma boa relação com a turma, fazer com que os alunos se sintam parte do processo de construção das aulas, não só na vivência prática, mas no planejamento, no estudo, também fazer uso de elementos não muito utilizados na educação física, como leituras e debates de textos, vídeo. Para alcançar os objetivos elencados, realizaremos nas primeiras aulas uma aproximação do conteúdo aos alunos, utilizando o contexto histórico para introduzi-los no mundo do circo.

MÉTODOS DE AVALIAÇÃO.

Entendemos a avaliação enquanto um processo fundamental, porém, não nos moldes que a escola o coloca hoje, através de provas e notas que não conseguem dar conta de avaliar se o aluno assimilou os conhecimentos abordados em aula. Optamos pela avaliação através da estimulação da escrita nas aulas de educação física, desenho e produção de materiais referentes às atividades circenses. Também formar rodas ao final das aulas, fazendo com que as crianças se manifestem em relação aos acontecimentos da aula.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais de Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.<<http://escolabeatrizdesouzabrito.blogspot.com.br> visualizado em 26/09/2015>

KRAMER, Sonia. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, Luiz Cavalieri; KRAMER, Sonia. (Orgs.). Infância, educação e direitos humanos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106

ANEXO C - Planos de Aulas

Universidade Federal de Santa Catarina
 Estágio Supervisionado em Educação Física II
 Professor: Fábio Machado Pinto
 Professora de Educação Física: Aline Dos Santos Schürhaus
 Estagiários: Kauê Hahn e Gabriel Nicolodelli
 Turma: 3º Ano Matutino – 31

Plano de aula 13/05 1ª intervenção

Período 09h15min às 09h50min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Primeira aproximação da turma com o conteúdo

Objetivos Específicos: Entender o que entendem por Educação Física. Proporcionar aos alunos uma aproximação da turma aos conteúdos históricos das atividades circenses. Observar os conhecimentos dos alunos referente às atividades circenses.

Estratégias: Utilização de vídeo e roda de conversa em sala de aula.

Atividade 1 (sala de aula): Chamada e apresentação do grupo que vai trabalhar o estágio e do conteúdo a ser trabalhado.

- O que sabem sobre a Educação Física
- O que conhecem do circo
- O que conhecem do palhaço e dos malabares

Atividade 2 (sala de aula):

Exibição de um vídeo referente a história do circo e confecção de um cartaz que sintetize o que os alunos entenderam sobre o circo.

Vídeo: A história do circo - X sarau literário musical

Atividade 3 (sala de aula ou praça em frente ao ginásio):

Brincadeira de Espelho: A atividade inicia com duplas, um de frente pro outro, cada aluno vai se expressar de uma forma, o colega que está na frente deverá repetir a expressão, formando assim o espelho.

Essa atividade tem o intuito de aproximá-los no universo do palhaço, trabalhando as expressões faciais dos alunos.

A ideia é iniciar dando autonomia para eles realizarem as expressões, depois colocar elementos sentimentais.(rir, chorar, assustados, triste, alegre).

Plano de aula 18/05 2ª intervenção

Período 10h15min às 11h45min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Continuar a apresentação do conteúdo atividades circenses, bem como sua relação com as aulas de educação física.

Objetivo específico:

Apresentar a palhaçaria, enquanto elemento das atividades circenses, estimulando expressões corporais que não são demonstradas no cotidiano.

Atividade 1 (sala de aula) - 45 minutos

Conversa sobre o que foi proposto na aula anterior, retomar o vídeo apresentado e distribuição e leitura coletiva de um breve histórico do circo com base no vídeo. Após a leitura, colocaremos vídeos referentes a alguns dos elementos que compõem as atividades circenses.

Atividade 2 (sala de aula ou praça em frente ao ginásio) - 15 minutos

Brincadeira de Espelho: A atividade inicia com duplas, um de frente pro outro, cada aluno vai se expressar de uma forma, o colega que esta na frente devera repetir a expressão, formando assim o espelho.

Essa atividade tem o intuito de aproximá-los no universo do palhaço, trabalhando as expressões faciais dos alunos.

A ideia é iniciar dando autonomia para eles realizarem as expressões, depois colocar elementos sentimentais.(rir, chorar, assutados, triste, alegre).

Atividade 3 (sala de aula ou praça em frente ao ginásio) - 15 minutos

O feitiço vira contra o feiticeiro: Em circulo, os alunos deverão escrever em um papel, algo para o colega da direita imitar, porém eles não sabem que o feitiço voltará contra o feiticeiro, fazendo com que eles se apresentem imitando o que eles propuseram.

O palhaço utiliza diversas expressões corporais e de mímica para se comunicar com o público, essa atividade possibilita que eles tenham acesso a essa vivência.

Atividade 4 (ginásio ou praça em frente ao ginásio) - 15 minutos

Brincadeira da sombra: Forma-se uma fila de crianças, uma atrás da outra. Um dos alunos e o outro vai atrás imitando tudo que o palhaço fizer. O objetivo é estimular a concentração, a partir de imitação dos movimentos e trabalhando também a criatividade.

A história do circo:

As atividades circenses surgiram a milhares de anos atrás, em lugares como a Grécia, China, Índia.

O circo como conhecemos hoje surgiu na Roma antiga.

O primeiro circo foi chamada de Circus Máximus, com apresentações de corrida de cavalo e animais selvagens.

Com o tempo outras apresentações foram surgindo no circo, como os malabares, o palhaço, o equilibrista, o trapezista, engolidores de fogo e outros.

Com o tempo também começaram a se apresentar em outros lugares, como praças e feiras.

O circo começa no Brasil por volta de 1800, nas comunidades mais pobres com apresentações de palhaços. Com o passar do tempo foram incluindo novas atividades.

O palhaço brasileiro tinha característica de ser mais brincalhão, divertido e alegre, enquanto o palhaço europeu se comunicava com o público através da mímica.

Vamos brincar de circo?

Plano de aula 20/05 3ª intervenção

Período 09h15min às 09h50min

Conteúdo: Atividades circenses/palhaçaria

Objetivo Geral: Continuar a inserção à palhaçaria, estimulando a criação de formas de expressão.

Objetivo específico: Identificar o modo como eles lidam com o “ser palhaço”, incentivando à quebrar algumas barreiras corporais, com diferentes formas de expressão corporal.

Atividade 1:(sala de aula ou praça em frente ao ginásio) - 30 minutos

O feitiço vira contra o feiticeiro: Em circulo, os alunos deverão escrever em um papel, algo para o colega da direita imitar, porém eles não sabem que o feitiço voltará contra o feiticeiro, fazendo com que eles se apresentem imitando o que eles propuseram.

O palhaço utiliza diversas expressões corporais e de mímica para se comunicar com o público, essa atividade possibilita que eles tenham acesso a essa vivência, apresentando o que eles escreverão no papel para o Público.

Plano de aula 25/05 4ª intervenção

Período 10h15min às 11h45min

Conteúdo: Atividades circenses/Palhaçaria

Objetivo Geral: Aprofundar as expressões do palhaço na comunicação com o público

Objetivo Específico: Resgatar elementos da aula anterior, identificar o modo como eles lidam com o “ser palhaço”, incentivando à quebrar algumas barreiras corporais, estimulando a mimica com diferentes formas de expressão corporal.

Atividade 1: Formas de caminhar

Vamos experimentar diferentes formas de caminhar (em câmara lenta, pulando, tropeçando, em uma perna só, de costas, girando), no sentido de experienciar diferentes formas de se expressar.

Atividade 2: Imitando profissões

Dividiremos os alunos em duplas, e cada dupla receberá um papel contendo uma profissão. A dupla deverá improvisar uma cena, imitando a profissão.

Atividade 3: Improvisação com objetos

Nesta atividade serão oferecidos à turma materiais variados (chapéus, jornal, bola, cadeira, lenço, clave, bolinha, etc.). Em grupos de cinco, as crianças deverão construir uma pequena cena utilizando-se destes objetos.

Plano de aula 27/05 5ª intervenção

Período 09h15min às 09h50min

Conteúdo: Atividades circenses/Palhaçaria

Objetivo Geral: Aprofundar as expressões do palhaço na comunicação com o público

Objetivo Específico: Resgatar elementos da aula anterior, identificar o modo como eles lidam com o “ser palhaço”, incentivando à quebrar algumas barreiras corporais.

Atividade 1: Improvisação com objetos

Nesta atividade serão oferecidos à turma materiais variados (chapéus, jornal, bola, cadeira, lenço, clave, bolinha, etc.). Em grupos de cinco, as crianças deverão construir uma pequena cena utilizando-se destes objetos.

Plano de aula 01/06 6ª intervenção

Período 10h15min às 11h45min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Finalizar o tema trabalhado nas aulas anteriores, a palhaçaria.

Objetivo específico: Finalizar a palhaçaria através da experimentação da caracterização do palhaço, com a pintura facial e o nariz vermelho.

Atividade 1: Pintura Facial- Ira ser organizada duas filas para a pintura facial com as características do palhaço e distribuição dos narizes, os professores serão responsáveis por realizar a pintura facial.

Atividade 2: A Sombra- Os alunos se organizarão em uma única fila e terão que se deslocar pela escola interpretando o que o colega que esta na frente da fila realiza, tornando-se assim a sombra dele. Durante o percurso os alunos não poderão falar, apenas realizar os gestos criados pelos colegas, a cada 30 segundo ira trocar o aluno que faz o gesto.

Atividade 3: O que tem na caixa? Haverá uma caixa com diversos objetos, cada aluno pegará um objeto aleatório, e terá que criar algo com aquele objeto, transformá-lo, criar outra função. Ao finalizar haverá uma apresentação de cada aluno.

Plano de aula 03/06 7ª intervenção

Período 9h15min às 9h50min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Encerrar o tema da palhaçaria.

Objetivo específico: Realizar uma forma de avaliação sobre o conteúdo trabalhado.

Atividade 1: Construir um “caça palavras” sobre alguns elementos da palhaçaria, em forma de texto para escreverem no caderno de Educação Física, referente a atividades realizadas e a características do palhaço.

O _____ é um dos elementos do circo, além do malabarista, trapezista, equilibrista, entre outros.

Ele tem por característica ser _____, brincalhão, e se comunica usando mímicas ou através da fala.

Nas aulas de Educação Física, nos transformamos em palhaço, utilizando suas diversas formas de se expressar, como a sombra, o _____, apresentações, e por fim a pintura do rosto e o _____.

espelho

palhaço

alegre

nariz de palhaço

Plano de aula 08/06 8ª intervenção

Período 10h15min às 11h45min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Iniciar o tema Malabarismo

Objetivo específico: Apresentar alguns aspectos históricos referentes ao malabarismo, dando enfoque às suas diferentes possibilidades práticas.

Atividade 1: Breve apresentação da história do malabares.

O malabares existe há cerca de 4000 anos. No começo os malabaristas eram muito adorados, pois proporcionavam alegria aos reis e a população, se apresentavam em eventos religiosos e feiras. Mas houve um tempo em que esses artistas foram proibidos de fazer suas apresentações em lugares públicos.

Na nossa região, os malabares chegaram em torno de 1980, com artistas e viajantes vindos da Europa. Hoje podemos ver apresentações de malabaristas nos circos, em praças públicas, nas sinaleiras e em outros lugares.

Podemos praticar malabares com bolinhas, claves, argolas, bastões, e também com outros objetos como sacola, lápis, borracha e caderno.

Atividade 2: Exibição de vídeos sobre as diferentes possibilidades de prática dos malabares, que é a manipulação de objetos. (claves, bolinhas, argola, diabolô, davil stick, bastões, etc..)

Atividade 3: Experienciar diferentes possibilidades dos malabares.

Haverá um espaço para os alunos experienciarem vários objetos distintos(claves, bolinhas, diabolô e sacolas), o intuito é que eles tenham a aproximação com a manipulação desses objetos, para nas próximas aulas construir algumas das possibilidades dos malabares(claves, bolinhas e argolas).

Plano de aula 10/06 9ª intervenção

Período 09h15min às 09h50min
 Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Apresentar outras possibilidades do malabarismo

Objetivo específico:

* Propiciar a experimentação de outras possibilidades do malabarismo(clave e davil stick)

Atividade 1: Experienciar diferentes possibilidades dos malabares.

Haverá um espaço para os alunos continuarem a experimentação de objetos distintos(claves, e davil stick), o intuito é que eles tenham a aproximação com a manipulação desses objetos, para nas próximas aulas construir algumas das possibilidades dos malabares(claves, bolinhas e argolas).

Plano de aula 15/06 10ª intervenção

Período 10h15min às 11h45min
 Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Construção e socialização de elementos que constituem os malabares(clave, bolinha e argola).

Objetivo específico:

* Produção coletiva de elementos que constituem os malabares.(argola)

* Experimentação desses elementos produzidos através da vivência prática.

Atividade 1: Apresentação da proposta de construção de elementos que constituem os malabares.

Haverá uma breve apresentação dos materiais utilizados na construção dos elementos dos malabares, assim como a forma com que será construído.

Atividade 2: Construção propriamente dita da argola, um dos elementos constituintes dos malabares.

Será utilizado pedaços de mangueira que terão a utilidade de formar a argola, madeira para fixar ambos os lados da mangueira e fita para envolve-lás.

Atividades 3: Experimentação dos materiais produzidos.

Na praça ao lado do banheiro iremos experimentar os materiais produzidos coletivamente, a experimentação será em dupla e iremos variar as formas de jogar e os materiais utilizados, esses materiais ficarão guardados na sala para utilização posterior.

Plano de aula 16/06 11ª intervenção

Período 9h15min às 09h50min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Proporcionar a manipulação de elementos dos malabares

Objetivo específico:

*Manipulação de elementos dos malabares(bolas,claves, argolas e diabolô).

Atividade 1: Não deixe cair.

Individualmente os alunos vão caminhar pela escola manipulando um objeto(bola, clave ou argola). Inicialmente eles deverão jogar pra cima e pegar com a mesma mão, depois ocorrerá variações, trocando de mão, jogando para o colega.

Atividade 2: Escravos de Jó.

Em círculo, cada aluno terá uma bola na mão, o objetivo é passar a bola para o colega do lado direito, cantando a música Escravos de Jó.

Plano de aula 22/06 12ª intervenção

Período 10h15min às 11h45min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Construção e socialização de elementos que constituem os malabares(clave, bolinha e argola).

Objetivo específico:

- * Produção coletiva de elementos que constituem os malabares.(bolinha)
- * Experimentação desses elementos produzidos, através da vivência prática, em suas diversas possibilidades.

Atividade 1 - Produção de bolinhas coletivas da turma, para a prática do malabares.

Haverá a demonstração previa da construção da bolinha, após isto irão produzir algumas; a atividade será em grupos. Serão utilizados os seguintes materiais para a produção: balão, painço, funil e tesoura.

Atividade 2 - Experimentação da bolinha através de brincadeiras.

Serão organizadas brincadeiras que proporcionem uma maior familiarização com a bolinha.

Joga e bate uma palma, joga e bate duas palmas, joga e dá um tapa na coxa, troca com o amigo. Quem se sentir a vontade para fazer com duas terá essa possibilidade.

Atividade 3- Conversa sobre a apresentação na abertura das olimpíadas.

A proposta é realizar uma apresentação unindo os dois temas trabalhados no estágio, a palhaçaria e o malabarismo.

Plano de aula 24/06 - 13ª intervenção

Período 9h15min às 09h50min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Proporcionar a aproximação do conteúdo atividades circenses, através do tema malabarismo.

Objetivo Específico: Estimular diferentes modos de manipulação da bolinha, buscando ampliar o leque de possibilidades dos alunos em relação ao tema.

Momento inicial: Conversa sobre a apresentação da turma na abertura das olimpíadas da escola.

Atividade 1 (praça ao lado dos banheiros) - em duas colunas, uma de frente pra outra, os alunos jogarão a bolinha para o respectivo colega da frente, cada jogada deve ser de maneira diferente.

Atividade 2 - iremos propor uma atividade que trabalha a postura do malabarista, realizando lançamento da bolinha de forma coordenada, através de uma contagem de tempo, ora com a mão direita e ora com a mão esquerda.

Atividade 3 - cada aluno com uma bolinha, iremos trabalhar níveis diferentes de lançamento da bolinha para o alto, primeiro lançando a cima da cabeça, depois a baixo da cabeça, e em seguida na altura da cabeça.

Avaliação: A avaliação acontecerá a partir de observação da participação e colaboração no andamento da aula.

Bibliografia: <https://www.youtube.com/watch?v=HF3Tr2hvyeg> (visto em 23/06/2016 19:19)

Plano de aula 29/06 14ª intervenção

Período 10h15min às 11h45min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Proporcionar a aproximação do conteúdo atividades circenses, através do tema malabarismo.

Objetivo Específico: Estimular diferentes modos de manipulação da bolinha, buscando ampliar o leque de possibilidades dos alunos em relação ao tema, e construir a caixa dos malabares, a qual abrigará as argolas e bolinhas produzidas e as claves que serão produzidas.

Momento inicial (em sala): Relembrar a apresentação na abertura das olimpíadas da escola.

Atividade 1 (praça ao lado dos banheiros) - Serão distribuídas folhas coloridas aos alunos, o objetivo é que eles desenhem elementos trabalhados nas aulas de Educação Física referente às atividades circenses, esses desenhos serão colados na caixa de malabares, nessa caixa ficarão guardados os materiais produzidos durante as aulas (argola, bolinha e futuramente a clave).

Atividade 2- Joga e bate palma. Serão organizadas brincadeiras que proporcionem uma maior familiarização com a bolinha e a argola. Joga e bate uma palma, joga e bate duas palmas, joga e dá um tapa na coxa, troca com o amigo. Quem se sentir a vontade para fazer com duas terá essa possibilidade.

Atividade 3- “Apresentação dos malabaristas” - Em sala, serão organizadas duplas para prepararem uma apresentação de malabares, a partir dos que já experienciaram nas aulas anteriores, o intuito é que percam a vergonha e consigam se apresentar em público,

Avaliação- A avaliação será feita a partir do envolvimento e participação nas atividades propostas na aula.

Bibliografia: <http://www.educacaofisica.com.br/noticias/jogos-e-brincadeiras-circenses/>

Plano de aula 01/07 - 15ª intervenção

Período 9h15min às 09h50min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Proporcionar a aproximação do conteúdo atividades circenses, através do tema malabarismo.

Objetivo Específicos: Estimular a comunicação com o público, através da apresentação de elementos dos malabares experienciados nas aulas de Educação Física com a inserção de música.

Atividade 1- “Apresentação dos malabaristas” - Em sala, serão organizados quartetos para prepararem uma apresentação de malabares, a partir dos que já experienciaram nas aulas anteriores, o intuito é que percam a vergonha e consigam se apresentar em público, nas apresentações serão utilizadas músicas como elemento.

Avaliação- A avaliação será feita a partir do envolvimento e participação nas atividades propostas na aula.

Bibliografia: <https://www.youtube.com/watch?v=v4RHZ1ssCBA>

Plano de aula 06/07 16ª intervenção

Período 10h15min às 11h45min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Proporcionar a aproximação do conteúdo atividades circenses, através do tema malabarismo.

Objetivo Específico: Trabalhar com a confecção claves para malabares possibilitar a experimentação do objeto produzido.

Atividade 1 (sala de aula) - Confecção das claves: Organizaremos a turma em roda, e faremos o passo a passo da confecção da clave, apresentando os materiais necessário para confeccioná-la (cano pvc, garrafa pet, tampa e fita). Cada aluno poderá produzir a própria clave, entendendo todo o processo de construção.

Atividade 2 (sala de aula) - Experimentação das claves: Iremos propor algumas atividades de manipulação das claves, utilizando-a tanto em formas de lançamento e equilíbrio, individualmente e em duplas, o objetivo é que eles tenham uma proximidade com o objeto e possam utilizá-lo no dia da apresentação.

Avaliação- A avaliação será feita a partir do envolvimento e participação nas atividades propostas na aula.

Bibliografia: <https://www.youtube.com/watch?v=XfwAyGyf4y0>

Plano de aula 08/07 17ª intervenção

Período 09h15min às 10h50min

Conteúdo: Atividades Circenses

Objetivo Geral: Socializar as experiências do estágio sobre o conteúdo das atividades circenses,

Objetivo Específico: Apresentar um vídeo construído com as imagens capturadas durante o estágio, como forma de finalizar o conteúdo das atividades circenses.

Momento principal da aula: Será apresentado o vídeo referente as atividades realizadas durante o estágio, para que os alunos se enxerguem no processo das aulas de Educação Física durante o Estágio. Ao final do vídeo haverá uma conversa sobre o estágio.

ANEXO D - Registros de intervenção estágio II 2016.1

Alunos: Kauê e Gabriel Registro semanal de intervenção.

Semana 1

Dia: 13/05/2016

Hora: 9h15min às 9h50min

Esta semana tivemos aula apenas na sexta-feira, que é uma aula de 35 minutos, sendo nossa primeira intervenção pelo estágio II. Esta primeira intervenção foi planejada com o intuito de retomar algumas questões já trabalhadas pela professora Aline, referente à concepção de Educação Física a partir dos alunos, introduzindo assim o conteúdo Atividades Circenses, que é o conteúdo a ser trabalhado durante o estágio.

Iniciamos a aula às 9h15min, o dia estava frio, o que pode ter influenciado na ausência de diversos alunos (dez alunos faltaram); apesar do grande número de faltantes, os alunos estavam bem agitados durante o começo do aula, chamavam a atenção para si, conversavam com colegas, desenhavam e pintavam em seus cadernos.

Questionaram se iríamos para o ginásio, deixamos claro que não e que havíamos planejado uma aula com um outro conteúdo. Primeiramente pedimos para que uma pessoa ficasse responsável para pegar os cadernos de Educação Física, nesse momento vários se propuseram, porém escolhemos apenas uma aluna. Grande parte já tinha o caderno, porém alguns ainda não, foi informado que haviam cadernos disponíveis na escola, pedimos para que um dos alunos fosse confirmar isso, porém não havia mais, então reforçamos o pedido para que providenciassem e disponibilizamos uma folha aos que ainda não tinham.

Iniciamos questionando o que eles conheciam do circo, logo falaram do palhaço, do malabarista, do mágico, do globo da mortes, muitos afirmaram que já haviam ido ao circo. Após as intervenções dos alunos sobre os elementos que eles conheciam sobre o circo, exibimos um vídeo que conta a história do circo utilizando desenhos, por ser um vídeo curto e de fácil compreensão consideramos boa a proposta, houve um grande interesse por parte dos alunos, alguns já memorizavam elementos que o vídeo mostrou, para ficar mais compreensível exibimos novamente o vídeo, agora colocando no quadro as principais informações do circo, onde começou, qual foi o primeiro circo, como era e como é, o que contém no circo e a diferença entre o palhaço europeu e o brasileiro. Retornamos a conversa, pedindo para que eles falassem o que entenderam do vídeo, houve ótima participação dos alunos, cada um colocava um elemento, um dos alunos arriscava falar as palavras em inglês referente ao nome do primeiro circo, então pedimos para que eles copiassem o que estava no quadro, foi realizada a escrita tanto em letra de forma quanto em letra cursiva.

A turma tem por característica geral ser bem comunicativa, vários alunos gostam de se colocar nas aulas, são poucos os que não falam tanto, são mais quietos. Grande parte da turma que estava presente na aula participou, falando sobre o circo e demonstrando interesse pela temática, algo que a professora Aline também observou e nos relatou.

A organização da aula aconteceu como planejado, havia uma atividade fora de sala que planejamos como um “plano b”, caso houvesse tempo de sobra, o que não aconteceu. Não organizamos bem o tempo hábil para escreverem os elementos históricos do circo no caderno, como alguns não haviam acabado de escrever, conversamos com a professora regente para que disponibilizasse um tempo de sua aula.

Ao finalizar a aula, nós liberamos os alunos para irem ao refeitório, mas posteriormente pensamos que é melhor nós acompanharmos eles até o refeitório, para garantir a tranquilidade e a higienização.

Semana 2

Datas: 18/05 e 20/05

Nesta semana tivemos aula na Quarta-feira e na Sexta-feira. Foi uma semana em que houveram poucas faltas nas aulas de Educação Física, na quarta houveram cinco e na sexta dois alunos ausentes.

Planejamos que teríamos como intuito retomar o que havia sido trabalhado na primeira intervenção, de forma mais sintetizada, visto que muitos alunos haviam faltado, além de apresentar os elementos pertencentes as atividades circenses, inserindo o Palhaço como elemento principal das aulas de Educação Física nas próximas aulas.

Retomamos a apresentação do conteúdo das atividades circenses, questionando os alunos que estavam presentes na aula anterior sobre a história do circo e sua evolução (neste momento, como de costume, muitos alunos levantam o dedo pra falar, e vários ficam chateados por não serem escolhidos). Passamos o vídeo da última aula novamente, por duas vezes em virtude da dificuldade de entender a fala do vídeo, e então iniciamos uma leitura coletiva de um texto que elaboramos previamente, com elementos do vídeo assistido, e que deveria ser colado no caderno de Educação Física; alguns alunos ainda não possuem o caderno, sendo orientados a adquirir um o mais breve possível, e se encontrassem dificuldade poderiam pedir ajuda da escola, novamente disponibilizamos papéis aos que ainda não tinham caderno, ressaltando a importância de guardar o material para colar no caderno quanto possuísem o mesmo.

Na sequência, apresentamos alguns vídeos referentes a elementos das atividades circenses, como o trapezista, malabarista, equilibrista e palhaço, sempre tentando questionar sobre a aproximação deles com aqueles elementos, a maioria já havia presenciado algo relacionado àqueles vídeos, e alguns até tinham ido a um dos circos que apareceu nos vídeos, o circo Kroner. Durante a exibição dos vídeos foi perceptível a inserção dos alunos no tema, todos faziam algum tipo de comentário durante os vídeos (esse eu já vi, nossa que legal, vamos fazer esse professor, eu já fui no circo Kroner).

Também propusemos brincadeiras que tivessem relação com expressões corporais e sentimentais, mímica, que são características do palhaço e elementos não muito utilizados nas aulas de Educação Física, tornando-se uma primeira experiência para muitos. A primeira atividade consistiu em eles reproduzirem alguns sentimentos que temos no dia a dia, como alegria, tristeza, dor, fome, amor, em duplas, onde o outro colega deveria ser seu espelho, e reproduzir de forma mais parecida. Durante a atividade, a maioria dos alunos riram durante um bom tempo, mas buscavam interpretar o colega, e se mostram dispostos e empolgados; nesta atividade, o aluno Davi que tem diagnóstico de autismo não conseguiu se inserir muito bem, mesmo com alguns estímulos; também durante a atividade, a professora regente chegou e sentou nos bancos para assistir a aula, o que causou uma breve fuga da aula por parte dos alunos.

Ao passarmos para a segunda atividade, que também seria em duplas, trocamos todas as duplas, e pela primeira vez os alunos não reclamaram por querer ir com outro colega. A segunda atividade foi parecida, só que de forma mais dinâmica: foi chamada de brincadeira da sombra, onde um da dupla deveria andar pelo pátio realizando movimentos diferenciados, de forma com que a outra pessoa da dupla interpretasse o movimento, como se fosse a sombra. Nessa atividade os alunos também ficaram muito animados, o que se mostrou nas risadas e na velocidade com que se movimentavam, inclusive pedimos para se movimentarem de forma mais lenta para que a “sombra” pudesse acompanhar os movimentos. Nessa atividade, o aluno Davi conseguiu se inserir bem, realizando diversos movimentos e também interpretando a sombra como muita atenção.

Ao finalizar a aula deste dia, fizemos uma roda, onde os alunos puderam falar o que aprenderam no dia, fazer uma avaliação das atividades. Eles comentaram alguns elementos do vídeo da história do circo, a importância do palhaço, as diferentes formas de o palhaço se expressar, e avaliaram positivamente a aula.

Praticamente todos os alunos participaram ativamente das atividades nesta semana, parecendo estarem empolgados com a temática, o que foi observado pela professora Aline e professora Camila; as aulas ocorreram num clima muito agradável, o que favoreceu a nossa atuação e também o andamento das aulas de acordo com o planejado.

Na aula de Sexta-Feira, pelo curto período de tempo, realizamos um breve resgate da última aula, e então começamos a explicar a atividade que planejamos, que foi resgatada de um dos pontos de encontro, que é o “feitiço volta contra o feitiço”. Contamos que o nome da brincadeira era “o

feiticeiro”, formamos as duplas através das duplas que eles já se encontravam, e então demos um pedaço de papel onde cada dupla deveria escrever algo a ser imitado pela dupla do lado, e que não deveriam mostrar o que escreveram para outras duplas. Ao terminarem de escrever, mencionamos que naquele momento o feitiço voltaria contra o feiticeiro, e então eles passariam a interpretar o que eles haviam escolhido para a dupla do lado; vários falar que queriam trocar, escrever outra coisa, mas insistimos para que continuassem com o que haviam escrito. Então, cada dupla ia acompanhada de um estagiário para fora da sala, onde deveriam pensar rapidamente uma espécie de apresentação, e os colegas da sala deveriam adivinhar o que eles interpretavam. Durante as apresentações, os outros colegas disputavam quem adivinhava o personagem interpretado, levantando das carteiras, falando alto, alguns indo até o local da apresentação, e mesmo nós comentando que não era uma disputa de quem adivinhava mais, alguns ficavam chateados ao não descobrir. As duplas imitaram saci pererê, fantasma, cachorro, malabarista, canguru, movimentos de pular e plantar bananeira. Não conseguimos fazer um fechamento da aula, pois o horário do recreio já havia sido atingido, e também não quisemos cortar apresentação de nenhuma dupla. Fomos até o refeitório com eles, pedimos para que lavassem as mãos, e então nos retiramos.

Semana 3

Datas: 25/05 e 27/05

Na aula de Quarta-feira planejamos uma aula com três atividades que tivessem relação e estimulassem os alunos a incorporar o palhaço, através de expressões corporais, mímicas, criação, improvisado e apresentação de um pequeno “espetáculo”.

Realizamos a chamada por volta das 10h20min, muitos responderam a chamada de diferentes formas (presunto, presidente), além de haver alguns alunos trocando de lugar no momento da chamada. Iniciamos realizando um resgate dos conteúdos trabalhados nas últimas aulas, onde diversos alunos trouxeram os elementos trabalhados, mostrando interesse pelo conteúdo, disputando a vez de falar, propondo atividades (algo relacionado ao engolidor de fogo, pular sobre os arcos, relacionado a acrobacias). Após esse resgate foi formada uma única fila na porta da sala para ir até o ginásio; eram 10h30min, neste momento alguns alunos propuseram que fossem em “trenzinho” até o ginásio, o que foi então incentivado, mas no percurso o volume da voz dos alunos atrapalhou o andamento da aula da turma 41.

Chegando próximo ao ginásio diversos alunos se dispersaram do “trenzinho” e foram correndo até a porta do ginásio (isso é comum acontecer nas aulas em que o ginásio é utilizado), e ao abrir o ginásio os alunos desceram correndo as escadas e começaram a correr pela quadra (também comum acontecer), alguns foram para o pebolim, neste momento também um dos alunos questionou se não havia ninguém usando droga nas dependências do ginásio (fato que ocorreu na escola há alguns dias). A professora Aline foi no espaço em que alunos geralmente “matam aula”, e alguns alunos foram junto, mas não encontraram nenhum aluno.

Após esse tempo para correrem pelo ginásio, os alunos foram reunidos em roda no centro do ginásio, e começamos a fazer um alongamento. Após alongar algumas articulações, os alunos também propuseram formas de se alongar, sozinho e em dupla, pode-se perceber que as meninas se reuniam em um único grupo, apenas duas alunas, que não eram inclusas grupo.

As 10h41min foi explicado a primeira atividade que chamamos de “formas de caminhar”. Os alunos caminhavam pelo ginásio, inicialmente de forma normal, de acordo com os sinais do professor eles deveriam mudar a forma de caminhar (de costas, rápido, em câmera lenta, pulando), houve participação de todos os alunos, eles realmente interpretavam as diferentes formas, se inserindo na atividade, as 10h48 finalizamos a atividade. Tentamos reunir o grupo no centro do ginásio para explicar a próxima atividade porém havia muita dispersão, levando um tempo para iniciar a explicação, a atividade era em dupla e cada dupla recebia um papel com um profissão (pedreiro, cozinheiro, palhaço, faxineira, etc), eles deveriam apresentar sua profissão para o restante da turma tentar adivinhar. Não houve muito interesse por parte de alguns alunos, muitos começaram a correr pela quadra, alguns foram para o pebolim e outros sentaram, ao tentar reunir o grupo no centro da quadra novamente nem todos atendiam, as estratégias utilizadas não foram suficientes para manter o grupo atento, pelo fato de o ginásio ser grande, a organização do espaço não ter sido bem pensada, as

apresentações foram rápidas, com poucas duplas e bastante dispersão, às 11h05min liberamos para tomar água e retornamos para a sala.

Ao chegarmos na sala foi necessário uma conversa sobre o comportamento e a dispersão durante a aula no ginásio, lembramos que eles sempre pedem pra ter aula no ginásio, porém a cooperação não acontecia, alguns alunos se manifestaram falando do comportamento. A partir dessa conversa iniciamos a explicação da última atividade, que consistia em montar uma apresentação em grupo de cinco alunos, com os objetos que estavam no saco (separamos alguns objetos especificamente para a apresentação), foi dada autonomia para a organização dos grupos, porém diversos conflitos aconteceram, o principal deles foi entre as meninas, onde o grupo de cinco meninas que sempre estão juntas, em um primeiro momento proibiu a entrada de uma outra, que tem por característica ser excluída dos grupos e das atividades, intervimos conversando com elas e duas delas começaram a defender a entrada dessa outra menina no grupo, porém outras três não, então chamamos essas três alunas para um conversa fora da sala, enquanto os grupos preparavam as apresentações, na conversa foi tratado sobre o preconceito, o que isso trás para a vida, tentou-se fazer elas se colocarem do lugar da outra menina, questionando como elas se sentiriam. Ao retornarem para a sala elas não se interessaram mais pela atividade, ficaram apenas assistindo as apresentações dos colegas, os grupos foram criativos, utilizaram elementos da Educação Física como o futebol e a capoeira, atividades da vida diária, como tomar café, escovar os dentes, varrer, quando o último grupo finalizou a apresentação bateu o sinal para eles irem embora. Pelo fato de não ter organizado o espaço muito bem, houve um pouco de dispersão, as carteiras também atrapalharam as apresentações, mas todos os grupos conseguiram apresentar utilizando os materiais disponibilizados.

Na aula de Sexta-feira, teve a presença de apenas 8 alunos, visto que no dia anterior era feriado. Começamos a aula questionando o que havia sido trabalhado na aula anterior, o que eles mais recordavam era a atividade que eles organizaram uma apresentação com os materiais disponibilizados pelos professores, então explicamos que realizaríamos a mesma atividade, porém com algumas modificações; explicamos como iria acontecer a organização da apresentação, organizamos a sala com local para apresentação e também para os espectadores (colocamos o tapete da sala para os espectadores), dividimos em dois grupos com materiais estipulados previamente e cada grupo seria acompanhado por um professor; um grupo organizou sua apresentação na sala, e outro grupo na praça ao lado do refeitório. Cada grupo teve cerca de 10 minutos para se organizar; um grupo preparou a apresentação a partir de elementos do circo, com dois mágicos apresentadores, palhaço, malabarista, equilibrista, utilizando máscaras, cordas, chapéu, bolas, objetos de equilíbrio manual, lençol, e o outro grupo criou uma história narrada por um aluno, com cavaleiro que foi transformado em sapo, a bruxa e a fada, utilizando objetos como chapéu, óculos, máscaras, raquete, régua, pena. Todos os alunos participaram ativamente da organização e da apresentação de seus espetáculos; durante os ensaios para apresentação, os alunos se dispersavam algumas vezes, mas voltavam logo em seguida, após serem chamados de volta. Foi perceptível a criatividade e empolgação durante toda a aula; por ser uma aula de apenas 35 minutos, não nos sobrou tempo para fazer um fechamento da aula.

Semana 4

Datas: 01/06 e 03/06

Nesta semana, planejamos realizar atividades para finalizar o tema da palhaçaria. A aula de quarta-feira foi o ápice de nossa intervenção, onde realizamos a incorporação do palhaço utilizando a pintura dos rostos dos alunos e do nariz de palhaço, e uma atividade onde percorremos a escola internamente.

Realizamos a pintura de nossos rostos durante o intervalo, e combinamos com a professora Aline que ela entraria na sala, e conversaria com eles sobre a ausência dos estagiários, mas que outras duas pessoas iriam no nosso lugar. Então, entramos na sala transformados em palhaço; conversamos que os estagiários Kauê e Gabriel não puderam vir, e nos apresentamos como os palhaços “Kauelson e Gabrielson”. Falamos que ficamos sabendo que eles estavam fazendo atividades relacionadas ao palhaço, e que estávamos lá para todos se transformarem em palhaço, com a pintura do rosto e o nariz de palhaço. Ao entrarmos na sala, as crianças ficaram eufóricas, alguns afirmando nossas verdadeiras identidades, e mantiveram muita atenção em nós.

Pensamos em os professores realizarem as pinturas, visto que não teríamos como comprar muitas tintas, mas seria interessante também eles experimentarem realizar a pintura. Separamos a turma em três grupos, onde cada grupo seria pintado por um dos estagiários ou pela professora Aline que nos auxiliou na pintura. Apenas o aluno Davi não quis realizar a pintura facial e colocar o nariz de palhaço; em um primeiro momento, outros alunos também sinalizaram que não pintariam o rosto, mas se empolgaram ao ver os outros colegas pintados e voltaram atrás.

Durante a pintura, os alunos ficaram muito empolgados, alguns pediram para serem transformados em zumbis, vampiro, fadas, palhaço assassino, além do palhaço convencional. Os alunos comentaram bastante sobre o cheiro da tinta, que lembrava um chiclete de tutti frutti. Os que estavam sendo pintados tiveram paciência ao esperar a conclusão da pintura; como estávamos em 3 adultos realizando a pintura, e cada um com um aluno, os outros alunos que já haviam sido pintados ou que aguardavam a pintura se auto organizaram e realizaram algumas brincadeiras pela sala. Até certo momento as brincadeiras estavam ocorrendo de forma tranquila, mas a partir de um certo momento as brincadeiras começaram a oferecer um certo risco à eles, visto que estavam andando por cima das cadeiras e carteiras, se empurrando, enforcando, “esfaqueando”; havia um palhaço assassino que corria atrás dos outros pela sala, o que gerou uma grande correria dentro de sala. A partir disso, foi solicitado que todos se sentassem, e então fizemos uma reflexão com eles sobre o que estava sendo as brincadeiras realizadas por eles, que estava oferecendo perigo a vários deles, que a sala de aula não era um local apropriado para correr, que o barulho estava atrapalhando as outras turmas, e que logo realizaríamos uma atividade fora da sala; eles então explicaram a brincadeira deles e perguntaram se faltava muito para irmos pra fora de sala. Após essa conversa, a grande maioria permaneceu sentada, e logo terminamos a pintura e passamos para a próxima atividade.

Realizamos a atividade da sombra, utilizada em outra aula em duplas, mas desta vez dividimos a turma em dois grupos, onde o aluno que estivesse na frente realizaria diversos movimentos e o restante da fila deveria repetir os movimentos, sendo revezado o aluno que estaria na frente. Em outras aulas, para separá-los em grupos ou duplas, deixamos eles livres para escolher sua dupla/grupo, só que geralmente se passava muito tempo até se organizarem, além de gerar alguns desentendimentos entre eles, pois alguns alunos ficavam sozinhos, alguns não queriam se separar. Então, separamos eles em grupo 1 e grupo 2, onde cada grupo deveria ficar com um dos estagiários; em um primeiro momento, vários alunos se mostraram descontentes, querendo trocar de grupo, mas após insistirmos, eles aceitaram, esqueceram essa questão, e se inseriram tranquilamente na atividade. Ao iniciar o percurso, os dois grupos foram juntos, mas vimos que um grupo tirava a atenção do outro, e então decidimos que cada grupo deveria percorrer caminhos diferentes, para se concentrarem na atividade. Percorremos praticamente todo o espaço interno da escola, menos o ginásio e a quadra que está em reforma. Durante a atividade, os alunos de forma geral interpretaram a sombra, alguns furavam a fila para serem o primeiro da fila mais rapidamente, alguns que não estavam muito empolgados ficavam pra trás, mas todos realizaram a atividade. Realizaram alguns movimentos como pular em uma perna só ou com as duas, andar de diferentes formas como de costas e de lado, coçar a cabeça, levantar os braços, imitar animais.

Fizemos essa atividade percorrendo a escola no sentido de expor também para o resto da escola, o que gerou um certo envolvimento de outras pessoas, como equipe pedagógica e trabalhadores da limpeza e segurança.

Já na aula de Sexta-Feira, como forma de finalização da palhaçaria e pelo fato do curto tempo de aula, fizemos uma atividade em que eles deveriam completar um texto, referente aos elementos e atividades trabalhados durante as aulas. O texto deveria ser copiado no caderno de educação física, com o intuito também de se aproximar do PPP da escola, que aponta que a leitura e a escrita são compromissos de todas as áreas de conhecimento.

Ao entrarmos na sala, diversos alunos comentaram sobre a aula de quarta feira; alguns comentando sobre como tinham gostado da aula, outros que haviam ido pra casa pintados contaram como foram as reações dos pais, que ficaram felizes/surpresos, inclusive a aluna Vitória comentou que sua mãe tirou uma foto na hora e colocou no facebook, alguns falando que vão pedir pros pais comprarem a tinta para se pintarem em casa.

Após essa conversa inicial, começamos a realizar a chamada, e na sequência fomos escrevendo no quadro o texto a ser copiado e completado pelos alunos; neste momento, nos surpreendeu o silêncio e a atenção ao copiarem o texto. Em conversas com a professora Aline e Camila, elas nos apontaram a estratégia de escrever textos no quadro com letra de forma e letra cursiva, mas como tínhamos pouco

tempo escrevemos apenas em letra de forma. Grande parte dos alunos acompanhou o professor na escrita no quadro, porém alguns ainda não sabem ler e/ou escrever, como descrito nos relatórios de observação. Na hora de completar o texto, diversos alunos pediram pra mostrar o caderno, pra analisarmos se estava tudo certo, e alguns erraram as palavras a serem completadas. Restando cerca de 5 minutos para o início do intervalo, começamos a correção com leitura coletiva, e solicitamos para quem quisesse responder para que levantasse a mão; os alunos colaboraram bastante na hora da correção, respeitando o combinado de levantar a mão e mantendo atenção, e após finalizar, liberamos os alunos para o intervalo.

Semana 5

Datas: 08/06 e 10/06

Na quarta-feira, nossa primeira aula da semana tivemos como intuito iniciar o tema dos malabares, seguindo o sequenciador planejado com os dois temas para o estágio(a palhaçaria e os malabares). O dia estava ensolarado e poucos alunos faltaram, preparamos a sala de aula com a instalação da TV para a exibição de alguns vídeos referente aos malabares.

Iniciamos a aula retomando um pouco do que tinha sido trabalhado sobre a palhaçaria nas aulas anteriores, a maioria da turma lembrava das atividades, dos momentos, também questionamos aos alunos quais outros elementos pertenciam as atividades circenses, de acordo com o que eles falavam íamos colocando no quadro, foi falado do equilibrista, trapezista, palhaço, malabarista e magico; após esse momento colamos no caderno de Educação Física um breve contexto histórico dos malabares, realizando também uma leitura coletiva do texto, em seguida foram exibidos os vídeos que mostravam diferentes formas de manipulação de diferentes objetos, que é o princípio do malabares, podese perceber o interesse e a empolgação por parte dos alunos na temática apresentada, no decorrer dos vídeos eles relatavam situações do cotidiano que tinham relação com os malabares, ex(eu vi um cara fazendo com fogo no sinal, meu pai pegou três laranjas em casa e começou a fazer malabares, fui no circo e tinha malabarista). A partir dos elementos colocados pelas crianças contextualizamos que podemos fazer malabarismo com sacolas, claves e bastões e que o seu principio é a manipulação dos objetos, falamos também que na aula de hoje iria trabalhar os malabares com sacolas, jornais e a bolinha, o espaço onde a aula continuaria era a praça em frente ao ginásio, pedimos para que formasse um única fila.

No espaço pensado para o restante da aula organizamos um circulo em conjunto com as crianças e distribuimos um jornal ou sacola para cada aluno, demonstrando o modo de manipulálos, a sacola foi menos utilizada pelo fato de o vento atrapalhar, mas foi algo que os despertou uma curiosidade, mesmo que com sacola e jornal, e com apenas um objeto eles se sentiram parte do mundo dos malabaristas, depois pedimos para que jogassem em dupla, nesse momento uma das duplas que se formou estava “discutindo”, não querendo participar, após uma conversa pediram desculpas e retornaram para a atividade. Logo começaram a pedir para jogar com a bolinha, podese perceber que já haviam enjoado da sacola, então distribuimos uma bolinha para cada aluno primeiramente e então começaram a circular pelo parque manipulando de várias formas, jogando alto, longe, alguns pediram para tentar fazer com duas, sentiram um pouco mais de dificuldade e alguns retornaram a fazer com apenas uma. O ultimo momento da aula foi em dupla, cada um possuía uma bola e o objetivo eram trocar com os amigos sem deixar cair, é um pouco complexa a atividade, muito apresentaram dificuldade em conseguir, ao poucos foram criando estratégias para realizar a troca, nem todos conseguiram trocar com os amigos. Ao finalizar as atividades realizamos uma conversa sobre a aula, o que os alunos tinham sentido, se haviam gostado ou não, afirmaram em coro que gostaram muito da aula, foram citando o que mais havia lhes chamado atenção, podese perceber que a turam esta interagindo com o conteúdo proposto.

A aula de sexta-feira aconteceu em um dia de sol, porém com bastante frio, neste momento do ano já percebemos que na sexta-feira é comum haver mais faltas e algumas crianças estão com faltas recorrentes nas aulas de Educação Física.

Em sala, após a realização da chamada, retomamos os elementos das aulas anteriores, as crianças trouxeram os que haviam experienciado, os malabares com a sacola, o jornal e a bolinha e algumas brincadeiras realizadas. A partir disso falamos os outros objetos que era possíveis de ser manipulados para jogar malabares, então apresentamos o cano para equilibrar, o devil stick e a clave,

mostrando também que alguns dos objetos eram simples e baratos para fazer em casa, como a chave de garrafa pet e o cano para equilibrar. Após esse momento de apresentação, falamos que teria uma surpresa no final da aula, as crianças ficaram apreensivas, então organizamos uma fila para ir até a praça ao lado do banheiro, onde iria ocorrer as atividades práticas.

Ao chegar no local foi feito um círculo para demonstrar algumas possibilidades do primeiro objeto, a cano para equilibrar, após a demonstração entregamos um para cada criança e pedindo para tentar equilibrar, no momento da prática percebeuse que eles iam variando as formas de equilibrar (na palma da mão, no dorso, na testa, no nariz), alguns tinham maior facilidade, outros demoraram um pouco mais, porém todos conseguiram manter equilibrado. Em um segundo momento apresentamos a chave, como não haviam muitas crianças formamos duplas, o objetivo da atividade era de passarem a chave entre eles sem ela cair, experienciando o objeto, aos poucos inserimos uma bolinha para aumentar um pouco a dificuldade, alguns conseguiram trocar a bolinha e a chave ao mesmo tempo, outros continuaram jogando apenas um objeto. Num terceiro momento foi apresentado o *devil stick*, demonstramos como jogava, mostrando que dois bastões controlavam o do meio, e disponibilizamos três *devil sticks* para experienciarem, cada um tentou fazer um pouco, por exigir um grau maior de dificuldade ninguém conseguiu tirar o bastão do meio do chão, mas o importante é que tiveram uma aproximação e a primeira experiência com esse objeto. Após todos experienciarem os objetos apresentamos a surpresa, o *devil stick* com fogo, todos ficaram vidrados, demonstrando surpresa, durante a exibição dos vídeos referentes aos malabares eles falavam muito do malabares com fogo, muitos nunca tinham visto pessoalmente, foi algo que lhes despertou muita atenção, a demonstração foi rápida por questão de segurança. No final da aula foi realizado uma avaliação da aula, todos falaram que gostaram das atividades, a apresentação utilizando o fogo foi a que mais chamou atenção, encerrando a avaliação acompanhamos eles até refeitório.

Semana 6

Datas: 15/06 e 17/06

Na primeira aula da sexta semana de intervenção, o dia estava ensolarado, um pouco frio e poucas houberam poucas faltas no dia. Ao chegar na sala logo após o recreio podese perceber que os alunos estavam bem agitados, alguns vieram perguntar se iria ter malabares na aula, outros perguntaram sobre os malabares com fogo, também haviam alguns muito dispersos, trocando cartinhas e correndo dentro da sala. Após um longo tempo esperando a turma se organizar, foi realizada a chamada e um conversa a respeito do comportamento dos alunos nas aulas, a dispersão, as brigas e o que isso influenciava no andamento da aula, poucos se manifestaram sobre a conversa, houberam alunos que continuaram conversando, desenhando ou utilizando outros materiais. Quando todos fizeram silencio foi possível iniciar a conversa sobre o tema da aula, perguntamos sobre a aula anterior, como é característico da turma, vários alunos levantaram o dedo para falar, eles já estão respeitando mais a vez do outro falar. Nas falas trouxeram elementos dos malabares, dos vídeos assistidos com as apresentações de malabares com fogo, a partir disso foi questionado se eles sabiam o significado da palavra construção, grande parte da turma relacionou a casa, tijolo, de acordo com as colocações fomos conseguindo criar um significado da palavra construção relacionado com os malabares, chegamos ao fim da conversa com o entendimento de construção de objetos referentes aos malabares.

As 11h05min fomos na praça ao lado do refeitório para iniciar a construção, o primeiro objeto era a argola, demonstramos como ela era no inicio, apenas um pedaço de mangueira, e em que ela se transformava, uma argola que possibilitava jogar malabares. Na praça ao lado do refeitório foi realizada a distribuição das mangueiras por duplas, demonstramos como era feito e solicitamos que uma pessoa da dupla segurasse a mangueira e a outra passasse a fita envolta, no decorrer da construção várias crianças pediram ajuda, os que acabavam já começavam a experimentar o objeto, até que todas as duplas estavam com suas argolas. A atividade proposta após a construção foi um troca-troca de argolas, para experienciar a manipulação das argolas, cada dupla jogava de um forma, longe, perto, forte, fraco, alto e baixo, uma argola ficou presa na arvore, conseguimos recuperar na hora, e uma outra foi perdida, como havia reservas nenhuma dupla ficou sem. No decorrer da atividade eles foram buscando outros objetos na caixa (bolinhas e chaves), variando as formas de jogar e os objetos que

jogavam. Ao finalizar a atividade realizamos um semi círculo na mesma linha onde as duplas se encontravam, para então aumentar o grau de complexidade da manipulação de objetos.

Em semi círculo de frente para os professores, cada aluno possuía uma argola, e outros quatro possuíam claves, o objetivo da atividade era jogar malabares com os professores, iniciando pela argola e clave e depois inserindo a bolinha, a cada rodada a velocidade com que se jogava aumentava, apenas um aluno não quis participar depois de ser questionado ao sair para ir ao banheiro sem pedir autorização, o restante da turma se mostrou interessada com o tema, cumprindo o objetivo principal da aula.

As 11h43 minutos solicitamos que todos guardassem os materiais utilizados para depois descer pra ir embora.

Na aula de sexta-feira o objetivo principal era continuar a experiencição da manipulação dos objetos já construído por eles(apenas a argola), e das bolinhas e claves. O dia estava chuvoso, o que fez com que muitos alunos faltassem, haviam apenas 10 na sala; a chuva também interferiu na organização do espaço onde aconteceria a aula, tínhamos planejado utilizar a pracinha ao lado dos banheiros, porém, por conta da chuva fomos para o ginásio.

As 9h15min a aula iniciou, ao entrar na sala vários se levantaram, foram para a carteira de colegas, alguns estavam fazendo as atividades da aula anterior, e um dos alunos veio mostrar a bolinha de malabares que ele havia produzido em casa com balão e açúcar. Foi solicitado para que todos guardassem o material e sentassem para assim poder iniciar a chamada, essa organização levou um tempo, alguns alunos continuaram realizando a tarefa. A conversa sobre o conteúdo iniciou apenas as 09h25min, alguns se prontificaram a falar sobre a aula anterior, falaram das construções das argolas, das atividades em dupla e com os professores. Partindo das colocações dos alunos, foi falado que as atividades seriam no ginásio e que continuaríamos experienciando a manipulação dos objetos, neste momento iniciamos um conversa sobre o comportamento dos alunos no espaço do ginásio, da dispersão das aulas anteriores realizadas no ginásio, e tentou-se fazer um combinado de ficarmos todos juntos pra aula poder acontecer naquele espaço, foi perguntado de aluno por aluno sobre esse combinado e todos concordaram, então formamos uma fila única para ir ate o ginásio, relembramos que havia outras turmas em aula e que teria que haver silêncio no caminho ate o ginásio.

Ao chegar na quadra vários alunos foram pegando os materiais que seriam utilizados na aula, saindo correndo, alguns foram pro pebolim, demonstrando que o combinado não teve efeito nenhum. Demorou um tempo ate reunir todos os materiais no centro para poder explicar que cada aluno poderia experienciar a manipulação dos objetos livremente, com um ou dois objetos, de acordo com o nível de dificuldade de cada aluno. Alguns alunos optaram por jogar em duplas, trocando as argolas ou bolinhas, outros utilizaram as bolinhas e as argolas para brincar de acerto o alvo, e também houveram alguns que utilizaram as claves e as bolinhas simulando o beiseboll, ocorreu a tentativa explicar o objetivo da aula pra cada aluno, vários iniciaram a tentar fazer a manipulação com dois objetos, demonstrando uma evolução em comparação as outras aulas, também utilizando os objetos para equilibrar, conseguindo interagir com a proposta da aula, por ser uma aula curta, não houve muito tempo para ficarem no ginásio. As 9h48min pedimos para que recolhessem todo o material utilizado e então acompanhamos os alunos ate o refeitório para fazerem o lanche.

Semana 7

Datas: 22/06 e 24/06

Em uma quarta-feira fria e bastante chuvosa, nos deixou como opção de espaço apenas a sala de aula. Apenas 12 alunos se fizeram presentes na aula. Nossa aula foi após o intervalo, e pudemos observar que vários alunos estavam bem molhados, por terem brincado na chuva durante o intervalo. Ao entrar na sala, percebemos uma nova aluna, Moreen, e que também nos foi avisado pelos próprios alunos, e incluída na chamada. Após a chamada, pedimos para que alguns falassem sobre o conteúdo que estávamos trabalhando para a Moreen; os alunos trouxeram diversos elementos trabalhados nas aulas, os temas da palhaçaria e malabarismo, brincadeiras realizadas, história do circo.

Na sequência, começamos a explicar o que faríamos na aula, que seria a confecção de bolinhas para malabares, o que foi “adivinhado” por alguns alunos, também pelo fato de termos mencionado em aulas anteriores, e que as bolinhas, assim como as argolas, seriam de toda a turma; neste momento praticamente todos esboçaram uma comemoração, e o aluno que havia feito bolinhas em casa se

lamentou pelo fato de ter esquecido as bolinhas. Pedimos para que fizessem uma roda com as carteiras, para todos poderem se ajudar e dividir os materiais.

Fizemos um passo a passo de todos os materiais necessários para a confecção, painço, balão, tesoura, funil/papel filme, e em seguida fizemos a demonstração da confecção da bolinha. Pela possibilidade de fazer utilizando o funil ou papel filme, deixamos eles escolherem um dos dois (apenas dois alunos utilizaram papel filme), e então entregamos os materiais necessários. Durante a explicação grande parte da turma se manteve atenta, após pedirmos algumas vezes a atenção, mas alguns alunos estavam entretidos realizando um desenho em uma folha. Durante a entrega dos materiais, por haver cores diferentes de balão, quase todas as meninas e alguns meninos pediram balões vermelhos, já os outros não se preocuparam muito com a cor.

Então, fizemos passo a passo a confecção das bolinhas, solicitando para que encaixassem o balão na ponta do funil primeiramente, alguns encontraram dificuldade; após todos terem encaixado, distribuimos o painço aluno por aluno; todos com painço, demonstramos que deveriam encher o balão de ar com a boca para o painço entrar de fato no balão, um aluno não conseguiu encher, e outro estourou o balão, causando gargalhadas na turma; com o painço dentro do balão de todos, pedimos então para retirarem o balão do funil, e fazerem um nó ou cortar a sobra do balão, muitos fizeram nó, e poucos cortaram, e em seguida explicamos que deveria ser colocado pelo menos mais um balão para oferecer maior resistência à bolinha, cortando sua ponta, para cortar a ponta do balão muitos alunos tiveram dificuldades, sendo que a qualidade das tesouras era baixa e o balão resistente. Alguns terminaram mais cedo a bolinha e fizeram mais de uma; alguns pegaram canetinhas para escrever o nome na bolinha.

Assim que todos produziram sua bolinha, pedimos para que ajudassem na organização da sala, pegamos uma vassoura e pá, alguns alunos pediram para varrer. Alguns ficaram escrevendo no quadro, fingindo que eram professores, chegaram a escrever que os estagiários “não iriam para o intervalo”, simulando a punição de alguns professores. Os alunos ficaram circulando bastante pela sala e não ajudaram muito na organização, o que causou demora para iniciarmos uma experimentação das bolinhas. Após organizar minimamente a sala, pedimos para que eles se posicionassem em frente às carteiras que eles ocupavam; a maioria dos alunos acatou nosso pedido, mas poucos ficaram bem dispersos, o que causou demora até que todos estivessem na posição; o estagiário recorreu a um alto berro, após termos pedido diversas vezes de maneira tranquila, e após o berro todos se colocaram na posição. Então realizamos uma longa conversa com eles sobre o comportamento da turma, que em seguidas aulas não colaboraram com o andamento da aula, e que pela desorganização não teríamos tempo de eles manusearem as bolinhas confeccionadas. Até mesmo durante a conversa alguns poucos alunos não levaram a sério, inclusive passando mensagens em papel uns pros outros.

Após a conversa, pelo pouco tempo restante, nós fizemos um pouco de malabarismo, mostrando algumas possibilidades de manuseio das bolinhas, só com uma, com duas, ou três. Os alunos ficaram de certa forma impressionados e empolgados com nossa apresentação, falando que gostariam de fazer igual. Comentamos então que na próxima aula iríamos experimentar as bolinhas. Faltando cerca de 5 minutos para o fim da aula, iniciamos uma conversa sobre as olimpíadas da escola, sobre que os primeiros anos não participam do evento, e que na abertura haverá uma apresentação circense, e que pensamos em realizar uma pequena apresentação da turma. Mas pelo pouco tempo, bateu o sinal e não pudemos avançar nessa questão.

Na aula de sexta feira, a professora Aline não estava presente por motivo de doença. O dia estava ensolarada e agradável para realizar a aula fora de sala. Não realizamos a chamada, porém percebemos que não houveram faltas, algo que não acontecia há algumas aulas. Logo que entramos na sala, diversos alunos vieram nos abraçar, alguns mostraram bolinhas que haviam feito em casa, e então pedimos para sentarem pois a aula era curta. Após guardarem os materiais e sentarem em seus lugares, iniciamos uma conversa sobre a apresentação da turma 31 na abertura das olimpíadas da escola, propomos que eles realizassem uma apresentação abordando os dois temas trabalhados durante o estágio, a palhaçaria e o malabarismo, nesse momento houveram expressões de alegria e alguns descontentamentos por motivos de vergonha. Expomos que a participação na apresentação é facultativa, porém fará parte da avaliação final. A ideia é eles se apresentarem pintados de palhaço, e realizarem malabarismo de acordo com o que sabem. Conversamos com a professora Camila, regente da turma, para estimulá-los a participar da apresentação.

Após a conversa, apresentamos o que seria trabalhado na aula, que era o malabares com as bolinhas produzidas, e outras que pertencem a escola. Os alunos ficaram empolgados, e então explicamos onde ocorreria a aula (praça ao lado dos banheiros), e que eles deveriam permanecer atentos à atividade pelo fato de a aula ser curta. Organizamos duas filas, ressaltando a importância do silêncio no trajeto até a praça, pois outras turmas estavam em aula. Durante o trajeto alguns alunos desceram pelas escadas, e outros pelo caminho de terra.

Logo que chegamos, pedimos para se organizarem em duplas, um de frente pro outro; alguns meninos demoraram para se organizar, devido ao descontentamento de suas duplas. Então, distribuimos uma bolinha para cada dupla, e demonstramos a proposta da atividade, que consistia em lançar a bola pro colega, ora com a mão direita, ora com a mão esquerda. Durante a atividade, percebemos que diversos alunos não possuíam coordenação motora para lançar a bola próximo ao colega, e também para recepcioná-la, ocasionando em várias bolas descendo o pequeno barranco ao lado da praça; também fizeram os lançamentos mais próximos ou mais distantes de sua dupla; a atividade durou cerca de 7 minutos.

A próxima atividade ocorreu em círculo em volta da praça, onde cada aluno recebeu uma bolinha, e deveria fazer a postura do malabarista, como demonstrada pelos professores. Após todos compreenderem a postura, propomos que lançassem a bolinha de uma mão para outra, prestando na altura do lançamento. A partir disso, fomos realizando variações nas formas de jogar. A primeira delas foi lançar a bolinha realizando a contagem de 1,2 (1 quando lançava e 2 quando recebia com a outra mão), porém durante a atividade percebemos que eles acrescentaram um desafio, que consistiu em contar o máximo de vezes que eles lançavam de uma mão à outra sem deixar a bolinha cair. Dois alunos possuíam uma maior coordenação no lançamento, e começaram a tentar lançar duas bolinhas. A outra variação consistiu em lançar com alturas diferentes, primeiramente abaixo da cabeça, e posteriormente acima. Nesta variação, os alunos tentavam jogar a bolinha o mais alto possível, tentando pegá-la quando caísse. Esta última variação durou pouco tempo, pelo fato de a aula estar chegando no fim. Então pedimos para que todos guardassem os materiais na sacola, e se encaminhassem para o intervalo, acompanhando-os até o refeitório, e solicitando para que lavassem suas mãos.

Semana 8

Datas: 29/06 e 01/07

Dia 29, quarta feira, chegamos na 14ª intervenção. O dia estava nublado, com nuvens baixas, e temperatura de 16° C; dois alunos faltaram neste dia.

Ao entrar na sala, alguns alunos vieram nos abraçar como de costume, e alguns contaram que haviam produzido bolinhas e/ou que praticaram malabarismo em casa.

Realizamos a chamada e logo retomamos a conversa sobre a apresentação que ocorrerá no dia da abertura das olimpíadas da escola, a maioria dos alunos demonstrou interesse em participar, se expressando através de gritos, sorrisos, alguns alegaram que tinham vergonha, e outros que não queriam participar. Reafirmamos que a apresentação ocorreria de forma espontânea, sem um ensaio prévio e que só participaria quem estivesse a vontade.

A partir da conversa foi retomado elementos da aula anterior, como de costume solicitamos que quem quisesse falar levantasse a mão, a turma é muito comunicativa, então vários pedem para falar, após falarem sobre os elementos trabalhados na última aula, mostramos as caixas onde iríamos guardar os materiais produzidos durante as aulas anteriores e distribuimos papéis coloridos para que eles se expressassem em forma de desenho, o que havia sido trabalhado nas aulas de educação física relacionado ao conteúdo atividades circenses. As folhas eram de diversas cores, a maioria das meninas escolheu rosa, algumas diversificaram nas cores, e os meninos escolheram cores distintas (azul, verde, rosa), demos a sugestão para que eles desenhassem e depois pintassem, como a turma é muito heterogênea surgiram muitos elementos a partir desses desenhos, desenharam a estrutura do circo, palhaços, malabaristas, equilibristas, animais (foca equilibrando uma bola), o passo a passo da produção dos materiais e brincadeiras realizadas durante as aulas (quem desenhou esse elemento foi um aluno que tem diagnóstico de autismo e tem demonstrado um desenvolvimento muito expressivo durante as aulas, participando de todas as atividades e recordando de atividades realizadas sobre o tema palhaçaria (o espelho e a sombra). De acordo com que iam acabando os desenhos já íamos colando na

caixa, todos desenharam, apenas dois alunos demonstram pouco entusiasmo na atividade, realizando desenhos simples. A atividade proposta durou até 11h05 minutos, então iniciamos a explicação da próxima atividade.

A segunda atividade foi organizada inicialmente em trio, porém como não havia muito tempo organizamos em quarteto. O objetivo era que cada quarteto se deslocasse para fora da sala, acompanhado por um professor e organizasse uma apresentação coletiva para apresentar na turma, os objetos destinados para a apresentação, eram objetos produzidos por eles durante as aulas, referentes ao tema do malabarismo (bolinhas e argolas) também haviam algumas claves disponíveis. Houve apresentação de seis grupos, as expressões de entusiasmo e de criação eram visíveis durante a organização da apresentação, organizaram a entrada, o momento principal e o cumprimento final, não com uma forma técnica, da forma que eles sabiam, grande parte da turma participou sem reclamar, alguns demoraram a aceitar a proposta e uma menina não se apresentou alegando vergonha (esta, durante as outras intervenções que propusemos a apresentação ao público também não participou).

Após finalizar as apresentações iniciamos uma conversa sobre as impressões dos alunos sobre as aulas, este momento também foi marcante, algumas alunas falaram que a aula tinha sido demais pois durante as apresentações parecia que estavam em um circo, tendo que preparar a apresentação e se apresentando para o público, também relataram que estimulava a criação e isso era muito importante, logo após essa conversa bateu o sinal, finalizando assim a aula.

Na aula de sexta-feira o dia estava ensolarado, não havendo nenhuma falta, algo que não ocorria há algum tempo. Logo após a chamada, pedimos para os alunos comentarem sobre a aula anterior, levantando a mão para falar. Após alguns alunos e os estagiários levantarem elementos trabalhados na aula anterior, explicamos a atividade que seria realizada na aula, que era a apresentação de malabarismo realizada no final da última aula; a grande maioria dos alunos se mostrou empolgado com retomada da atividade, mas alguns poucos não demonstraram interesse.

Neste dia a organização dos grupos aconteceu em quintetos, a organização foi a mesma da aula anterior, um grupo ia até a parte externa da sala acompanhados de um dos estagiários (a cada grupo os estagiários se revezavam), preparavam a apresentação e depois se apresentavam para a turma. Durante o “ensaio”, eles manipularam os diversos objetos de malabares e escolhiam o que mais lhes interessava (a argola foi o objeto mais utilizado), e ensaiavam de diversas formas, em dupla, equilibrando os objetos, jogando sozinhos, preparando a entrada da apresentação. Durante as apresentações tanto quem se apresentava, quanto quem estava na plateia reagia com risadas, estímulos através das falas como: “isso”, “esse tá bom”; realizaram manipulações da argola lançando-a para cima, girando no braço e na cabeça, com a bolinha lançaram para cima, de uma mão para a outra, jogando com a cabeça e os pés, as claves utilizadas para equilíbrio e lançamento.

A aluna que não quis se apresentar na última aula por motivo de vergonha, segundo ela, nesta aula também não quis se apresentar. O último grupo encerrou a apresentação no último minuto da aula, tiramos uma foto coletiva para deixar registrado e eles foram liberados em seguida para o lanche, alguns vieram nos abraçar e agradecer pela aula, alguns ainda continuaram fazendo malabares na sala.

Semana 9

Datas: 06/07 e 08/07

Na aula de quarta-feira, o dia estava nublado, com muitas nuvens no céu, havendo três faltas. Antes de entrar na sala, enquanto esperávamos abrir a porta, fomos conversando com alguns alunos, começamos algumas brincadeiras, alguns pegaram as claves que trouxemos e começaram a manipulá-las, criando um clima agradável entre os presentes neste momento.

Ao abrir a sala, os alunos foram entrando, e duas meninas começaram a apagar o quadro. Fomos percebendo que os alunos estavam muito agitados, talvez a aula em que mais estavam neste clima desde que iniciamos as intervenções. Logo no começo, houve uma discussão referente a uma cola achada pelo aluno Luis na parte de fora da sala, sendo que ele estava a procura do dono. O aluno Eduardo afirmou que a cola era sua, porém Luis e alguns outros alunos comentaram que a cola não era dele, gerando então uma tensão entre eles antes mesmo de iniciarmos a chamada. A cola acabou ficando com Eduardo, e a professora Aline ficou de mandar um bilhete em sua agenda questionando os pais se a cola era realmente dele. Alguns alunos também estavam brincando com papéis dobrados que

faziam barulho, após pedirmos diversas vezes em outras aulas para não utilizarem durante a aula, tomamos a decisão de tirar os papéis dos alunos, explicando que estava atrapalhando a aula.

Após a chamada, iniciamos a explicação da proposta de aula para o dia: o intuito era a construção das claves de malabares, neste momento houveram expressões de alegria, e então pedimos para que guardassem todo o material e organizassem as carteiras em círculo. Essa organização demorou pra ocorrer, pelo fato de alguns alunos estarem dispersos (os mesmos meninos de sempre), após alguns minutos conseguimos demonstrar algumas possibilidades de manipulação da clave e apresentar os materiais necessários para a construção delas, fomos mostrando os materiais e eles iam reconhecendo e falando (cano pvc, Garrafa pet, tampa de garrafa e fita). Então distribuímos um cano pvc para cada aluno no círculo e logo após as garrafinhas, ao distribuir as garrafinhas houve alguns conflitos pela escolha das garrafas (cada uma tinha uma característica diferente), mas logo conseguimos reorganizar a turma para então demonstrar o passo a passo. Inicialmente planejamos que eles construíssem as claves, porém, pela dificuldade de manuseio da fita e pela pouca quantidade de fita, foi necessário interferir e auxiliar na colagem do cano na garrafa, como eram muitas colagens alguns foram acabando e utilizando os materiais com outros intuitos (espada, megafone, luneta). Ao finalizar as colagens, distribuímos fitas coloridas para decorarem as claves, as cores utilizadas foram vermelho, verde e amarelo; cada aluno teve autonomia para decorar do seu jeito. Durante a construção, enquanto passávamos com as fitas para colar o cano ou a tampinha, diversos alunos nos chamavam para demonstrar suas formas de manipulação das claves. Durante a construção, alguns alunos notaram que a professora Aline não estava muito bem, ela relatou que estava com febre e com a amígdala inflada, então pedimos para que eles procurassem fazer menos barulho, pois além de atrapalhar as outras turmas, incomodaria muito a professora também. Após todos decorarem as claves, iniciou-se o momento de experimentação, os alunos se organizaram inicialmente em frente as suas carteiras, então fomos propondo formas distintas de manusear a clave, equilibrando na mão, no braço e em outras partes do corpo, jogando pra cima girando e tentando pegá-la no ar, por baixo da perna, cada aluno foi realizando da forma que achava mais interessante, alguns realizaram em duplas, uma aluna desistiu alegando desinteresse, esse momento durou cerca de 15 minutos, pode-se perceber que as atividades de experimentação estimulam muito mais a atenção, do que o próprio momento da construção, outro elemento importante foi o momento em que uma aluna veio demonstrar expressões de mímica, sendo que esta não estudava na turma quando trabalhamos a palhaçaria. Ao final pedimos que todos guardassem as claves na caixa dos malabares e ajudassem na organização da sala, alguns ajudaram, ficando até depois de bater o sinal e outros esperavam o sinal ansiosamente na porta.

Na aula de sexta-feira, o dia estava ensolarado, porém, houve algumas faltas, neste dia houve um lanche coletivo na escola, com o tema de festa junina, muitos alunos estavam caracterizados com roupas típicas de festa junina. Logo no início houve um conflito com o aluno Luiz, que alegou terem pisado em sua mochila propositalmente, e em seguida deu um chute, derrubando a cadeira, no momento os estagiários conversaram com o aluno e a professora Aline entrevistou solicitando a agenda.

Após esse momento realizamos a chamada e conversamos sobre a aula do dia, explicando que era o último dia de intervenção, houve expressões de lamento, relembramos das apresentações do circo no dia 13, algo que eles também lembraram. Então introduzimos a aula do dia, que foi a exibição de um vídeo produzido pelos estagiários, com imagens e vídeos registrados durante algumas intervenções, os alunos e alunas reagiram com expressões de alegria. Durante a exibição as expressões de surpresa, felicidade, ao se observarem durante as aulas, no fim da primeira exibição, pediram para rever o vídeo; na segunda exibição, alguns começaram a “prever” as imagens que apareceriam, e alguns pediram para ver pela terceira vez, mas como a aula estava se encaminhando pro final, preferimos levá-los à praça do lado dos banheiros. Porém quando estávamos descendo, o diretor nos informou que estava na hora do lanche coletivo, sendo que ninguém nos havia informado desta mudança de horário, isso aconteceu às 09h30min. Então nos dirigimos com eles para o refeitório onde ocorreu o lanche coletivo, e nos alimentamos junto com eles e outros professores; inicialmente o lanche estava liberado para os alunos de 1º a 5º ano; havia um som com músicas de festa junina, alguns alunos ensaiavam pequenas danças, e vários alunos formaram um “trenzinho” que se deslocava pelo refeitório, interessante observar que alunos de todos os diferentes anos formaram o “trenzinho”. O lanche coletivo foi constituído de diversos alimentos que são proibidos pela escola durante os intervalos da escola, como bolos e churros; diversos alimentos foram levados pelos próprios alunos.